

The background is a solid pink color. Overlaid on this are dark pink silhouettes of a man and a woman in a romantic pose, with the man's arm around the woman. A thin, light pink line of barbed wire with small circular loops is draped across the scene, framing the couple and the text.

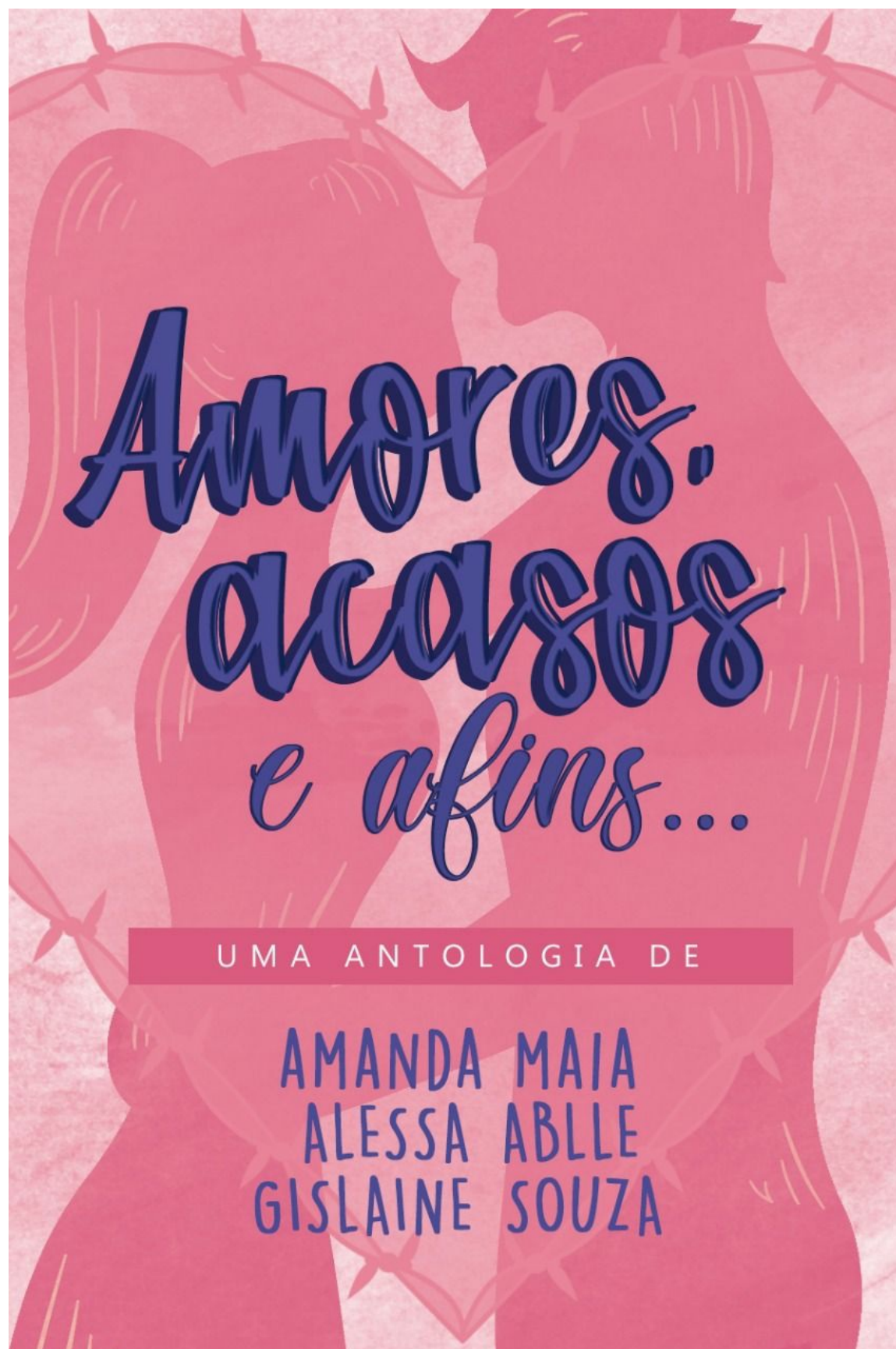
Amores, acessos e afins...

UMA ANTOLOGIA DE

AMANDA MAIA
ALESSA ABLLE
GISLAINE SOUZA



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Amores, acados e afins...

UMA ANTOLOGIA DE

AMANDA MAIA
ALESSA ABLE
GISLAINE SOUZA

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 Amanda Maia, Alessa Ablle e
Gislaine Souza

Capa:

Alessa Ablle

Imagens da capa:

© Depositphotos

Ilustração:

Artessa Covers

Revisão:

Me faça ficar – Carla Santos

Corações quase perdidos – Poliana Teixeira

Diante do olhar – Gislaine Souza

Diagramação Digital:

Carla Santos

Texto fixado conforme as regras do Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto
Legislativo nº 54, de 1995).

Todos os direitos reservados e protegidos às
autoras.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e
estocada em sistema de banco de dados ou processo
similar, sem a permissão dos detentores dos
copyrights.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Me faça ficar

Folha de rosto

Sinopse

Epígrafe

Prólogo

Capítulo 1

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Epílogo

Nota da Autora

Agradecimentos

Corações quase perdidos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Folha de rosto

Dedicatória

Sinopse

Epígrafe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Diante do olhar

Folha de rosto

Sinopse

Capitulo Um

Capítulo Dois

Epílogo

Biografia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me faça ficar

AMANDA MAIA

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Izzie Johnson nasceu com um raro distúrbio: prosopagnosia. Sua cegueira de feições a limitou em fazer as coisas mais comuns para uma pessoa de vinte anos; ela não foi à escola e estudava fotografia a distância, sob os olhos protetores de seus pais.

Kieran Grayer é o único filho de um advogado famoso em Seattle, mas o que a gravata e a postura autoritária não contam sobre seu pai é que ele é um homem abusivo e as tatuagens espalhadas pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo escondem as marcas que Frank um dia lhe causou.

Em um momento inesperado, as vidas de Izzie e Kieran se cruzam, sem esperar por nada além de uma bela amizade. Ambos vão perceber que um segundo é suficiente para mudar duas vidas inteiras.

Até que ponto o amor pode chegar em corações que desconheciam seus sinais?

PERIGOSAS ACHERON

Epigrafe

*Eu te amo porque todo o universo conspirou para
que eu chegasse até você.*

Paulo Coelho

Prólogo

KIERAN

*“Você nunca estará só
Quando sentir minha falta, feche os olhos
Posso estar longe, mas nunca fui embora
Quando você cair no sono hoje à noite
Só se lembre que nos deitamos sob as mesmas
estrelas”*

NEVER BE ALONE – SHAWN MENDES

Era suposto que Izzie se apaixonasse por mim.
Não me entenda mal, mas isso seria engraçado se

PERIGOSAS NACIONAIS

não fosse tão óbvio. Eu era novidade na vida daquela garota.

Porém, não foi assim que aconteceu. Ela sabia dos riscos que seu coração corria e, embora eu também soubesse, não me importei. Era mesmo esperado que Izzie Johnson se apaixonasse por mim, mas não que eu me apaixonasse por ela.

Engraçado quando você se recusa tanto a encontrar alguém e isso simplesmente acontece; em uma fração de segundo, tudo muda. Sua vida inteira muda. Algumas vezes, é uma coisa boa; outras, nem tanto assim. Nunca me considerei um cara de sorte; para ser sincero, ter sorte era uma coisa irrelevante para a minha família. Tudo que acontecia conosco estava baseado ao que nós fizemos no passado. É como o ditado que escutamos desde sempre; você colhe o que planta.

Eu via Izzie como uma bênção e não havia plantado nada de bom para colhê-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Amá-la foi insano, me matou aos poucos deixá-la uma, duas... mais vezes do que meu coração era capaz de suportar.

Amá-la foi libertador, a maneira como ela matava meus demônios me fazia sentir vivo. Me fazia querer viver outra vez.

Amá-la era fácil como respirar. Intenso como fogo.

Mas amá-la também teve suas consequências.

E tudo que restou foi uma cicatriz.

Meses depois, eu ainda queria vê-la. Sentir sua pele se arrepiar sob meu toque. Poder observar o que acontecia com seu corpo quando eu me aproximava. Suas reações quando éramos só nós dois entre quatro paredes.

Tudo acabou. De alguma forma, as coisas sempre terminavam para mim. Entretanto, Izzie tinha o dom de transformar coisas ruins em algo bom.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorriu para mim em meio a tempestade, então eu soube que tudo ficaria bem.

A carta que eu segurava entre os dedos longilíneos podia significar duas coisas: estávamos parando ou indo mais devagar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

IZZIE

“Diga que você se lembrará de mim

Ali, em um belo vestido

Olhando para o pôr do sol”

WILDEST DREAM – TAYLOR SWIFT

Seattle parecia ainda mais incrível olhando a trinta andares de altura. Mamãe sempre dizia que sorrir era o melhor disfarce para pessoas complicadas como eu e se não quisesse me explicar a todos que notassem, deveria tentar o meu melhor.

Virei o corpo, andando sobre o peitoril do prédio da empresa onde meu pai trabalhava. Gostava de sentir o ar fresco tocar minha pele, arriscar que o vento me ensurdeceria se caminhasse na direção certa.

Puxei a gola do meu casaco para cobrir o pescoço, minha mãe odiaria se eu pegasse um resfriado no verão.

Olhei para baixo. Me jogar de lá parecia um desafio e tanto. Não que eu já tivesse cogitado essa ideia, mas muitas pessoas não sabem como é viver dentro de uma bolha, por outro lado, eu conhecia a sensação de sufocar naquela esfera.

Ter pais que te protegiam até mesmo do sol, significava viver dentro dos limites que eles impunham; isso se resumia a não ir à escola nem à faculdade.

“Você irá encontrar o caminho”, minha terapeuta dizia, mas, no fundo, o que eu entendia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daquela frase é que não havia caminho certo para encontrar a felicidade. Não existia um caminho, mesmo que estreito, para encontrar o que eu perdi quando dei meu primeiro suspiro. Tinha ficado para trás, eu não tinha outra escolha se não aceitar.

Não fazia parte da minha personalidade me lamentar, pelo contrário, eu aceitava minha condição de permanecer à sombra dos meus pais até que eles não pudessem mais viver a minha vida.

Em 1944, na Segunda Guerra Mundial, durante o bombardeio russo, Joachim Bodamer descobriu o que era a prosopagnosia e o que ela causava na vida de pessoas como eu, mas só em 2006 descobriram que “não reconhecer rostos” não se tratava apenas de uma lesão no cérebro, mas sim de algo hereditário, a maioria de nós nascemos com ela e 2,5% da população tem prosopagnosia hereditária. E eu, Izzie Johnson, pertencia a essa pequena porcentagem.

PERIGOSAS ACHERON

Esta era a minha bolha.

Toda quinta-feira, eu me sentava em uma poltrona confortável e escutava a doutora Meredith pacientemente, como se fosse a primeira vez. Minha terapeuta me fazia pensar, suar e me esforçar para reconhecer rostos que eu via todos os dias, mas nunca me lembrava de nenhum deles.

Não reconhecer rostos, entretanto, se tornou uma atividade na qual eu não precisava me esforçar tanto, afinal eu sabia que não havia cura para o meu distúrbio, era uma herança de família, e estava satisfeita – não feliz – aceitando a minha vida como ela deveria ser.

Na época, nos meus primeiros anos de vida, meus pais pensaram que uma criança na minha idade não poderia sofrer perda de memória a curto prazo, mas conforme os dias passavam, mais minha cabeça insistia em se perder. Eu não reconhecia minha própria mãe na multidão e a primeira coisa

PERIGOSAS NACIONAIS

que fizeram foi me levar ao um oftalmologista, mas de imediato descobrimos que minha visão não tinha nenhum problema.

Era o mais óbvio e, no fundo, meu pai rezava para que a herança de sua mãe não tivesse pulado sua geração e acertado a minha.

No começo, eles acharam que eu realmente sofria de algum tipo de amnésia ou a oftalmologista havia se equivocado em seu diagnóstico, mas, quando visitei um neurologista pela primeira vez, descobrimos que meu problema não estava ligado a memória.

Eu, na verdade, tinha uma alteração na percepção, localizado em uma região temporo-occipital, e esse comprometimento não me permitia reconhecer as pessoas que eu mais amava.

Não reconheci o rosto dos meus pais, meus tios e se eu tivesse um namorado, não o reconheceria também.

PERIGOSAS ACHERON

Com o passar do tempo, nós entendemos que eu não deveria lutar tanto contra o que havia nascido comigo, só precisava encontrar um jeito de viver com isso.

— *Você sabe qual foi a última pessoa que viu?*

Suspirei, encarando Meredith e desviando em seguida para meu relógio de pulso.

— *Minha mãe, esta manhã, tomamos café juntas.*

— *Sim. Vou te mostrar algumas fotos e quero que você me diga se consegue se lembrar deles.*

— *Muito bem, você reconhece esta pessoa? — Fiquei em silêncio, fixando minha atenção na fotografia de uma garotinha de aproximadamente quatro anos. — Izzie, você reconhece esta criança?*

— *Não.*

— *Tudo bem, Izzie. Essa garota é você aos cinco anos.*

Ela passou a fotografia e na próxima vi uma jovem de cabelos loiros platinados, olhos azuis-turquesa. Os lábios eram carnudos, delineados com um batom em tonalidade neutra.

Mordisquei o lábio inferior, sentindo minha respiração entrecortada lutando contra os batimentos cardíacos descompassados.

— Eu não me lembro dela.

— Você não se lembra ou não a reconhece?

— Existe uma diferença? — Respirei fundo quando Meredith ergueu as sobrancelhas, me incentivando a me esforçar mais. — Eu não conheço essa garota.

— Izzie, você tem certeza de que não conhece a garota da foto?

— Sim, eu tenho! — Encarei-a sentindo os olhos tremerem.

— Tudo bem. — Ela abriu a gaveta ao seu lado e retirou de lá um espelho mediano, e o estendeu

para mim.

Hesitei para segurá-lo, mas ela insistiu e não consegui fugir.

Encolhi os ombros quando o segurei, mas não sabia o que deveria fazer com ele depois de aceitar. Eu o mantive em meu colo com a parte espelhada para baixo.

*— Quero que você se olhe neste espelho. —
Gesticulou para o objeto.*

O ar escapou pela abertura pequena entre meus lábios. Relutei no começo – eu sempre relutava –, mas o ergui. Vi meu reflexo no círculo mediano e meus lábios tremeram, a mão vacilou e pisquei várias vezes para ter certeza de que meus olhos não estavam tentando me trapacear.

— Sou eu — soprei, respondendo para meu reflexo.

— Sim, a garota na foto é você, Izzie.

— Eu não evolui em nada, não é?

Devolvi o espelho para sua mesa, cabisbaixa.

— *Não diria isso. Ao menos, você continua fotografando, não é?*

Assenti, mas ainda não conseguia reconhecer meu rosto, mesmo que eu o visse todos os dias pela manhã e quando ia me deitar ou sempre que saía do banho. Meu rosto. Eu deveria ao menos reconhecer meu próprio rosto.

— *Precisamos ser honestas uma com a outra. Quero que você fotografe todos os rostos que puder, escreva seus nomes neles. Por mais que seja difícil para você reconhecê-los nas fotos, pode te servir como uma legenda e facilita para você. É interessante se você pudesse anotar aquilo que mais te chama atenção nessa pessoa; um relógio, o cabelo, estrutura corpórea. Isso não é a cura, mas um avanço. Você pode fazer isso?*

— *Acho que sim.*

Balancei a cabeça, afastando o devaneio.

PERIGOSAS NACIONAIS

Escrever o nome das pessoas que eu precisava me lembrar em suas fotografias ultimamente não estava mais ajudando tanto quanto no começo, honestamente eu havia me empolgado com as fotografias e acabei me apaixonando, mas reconhecer os rostos nelas também era difícil. Havia aderido um novo método; não só anotando seus nomes e suas características, mas as suas histórias comigo.

Como eu poderia reconhecê-las pelo nome e não saber como a vida delas se cruzou com a minha? Não fazia qualquer sentido.

Soltei o ar entre os lábios e inspirei novamente, assistindo ao pôr do sol no horizonte, colorindo o céu de Seattle em tons alaranjados. Subi a mão pelo meu peito, segurei a câmera com firmeza e a puxei para meu rosto. Mirei a imagem que se projetava à minha frente e a capturei em um clique simétrico;

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando revelasse o filme, sabia que seria um bom adorno para meu varal de fotografias paisagísticas.

Andei para a direção contrária, ainda admirando o sol se esconder entre as nuvens. Às vezes, eu me imaginava como ele. Assim que chegava a hora, eu voltava para o casulo e me escondia até chegar a hora brilhar outra vez.

— Você — escutei um pigarreio por cima dos ombros e, então, a voz gutural fez cócegas em meus tímpanos, interrompendo minha concentração em ficar sustentável sobre o parapeito —, por acaso está pensando em se jogar daí de cima?

Estendi os braços para a lateral buscando por apoio. A aparição repentina não me deixou terminar o caminho sem desequilibrar. Fiquei na ponta dos pés e o peso do corpo foi lançado à direção contrária, vi todos os carros e as pessoas que passavam sob meus olhos, esperando pela queda que viria a seguir.

PERIGOSAS ACHERON

Fechei os olhos com pressa, não querendo ver o baque quando ele finalmente viesse.

— Você ficou maluca, porra?

Abri os olhos vagorosamente, expirei o ar que prendia nos pulmões. O coração martelando dentro do peito, me causando ânsia. Pressionei o lado esquerdo sobre o coração, com a mão espalmada, mas percebi tarde demais que o dono da voz rouca que havia me assustado, segurava com uma mão meu pulso, o que causou um leve formigamento ao choque energético de uma pele extremamente gelada, e outra macia e aquecida. Em minhas costas, os nós de seus dedos envolviam o tecido grosso do meu casaco sobre um vestido florido.

Ele me puxou de volta para o chão, obrigando-me a descer do peitoril. A câmera que antes era um peso leve envolvendo meu pescoço, parecia uma tonelada; como uma âncora me obrigando a estacionar e cravar meus pés no sólido.

Enfiei os dedos curtos em meus fios de cabelo, afastando a bagunça que eles haviam se tornado depois de enfrentar uma possível queda.

— Você está bem? — perguntou, segurando a ponta do meu queixo.

Balancei a cabeça positivamente. Assimilando sua figura, tentei capturar no fundo de minha mente se eu já tinha visto seu rosto antes, mas é claro que, mesmo com todos os meus esforços, isso não seria possível.

Os olhos verdes, em duas grandes esmeraldas redondas, me fitavam, curioso. Seu maxilar estava rígido, projetando uma preocupação notória e o queixo quadrado esticado, analisando com mais precisão meu rosto pálido, provavelmente mais assustado que o normal. A pele bronzeada ganhava um contraste junto à tatuagem que descia da lateral de seu pescoço e sumia logo na gola de sua camisa social. Os primeiros botões dourados de sua blusa

havam se desabotoado. Olhei para sua mão ainda fechada em punho envolvendo meu pulso com força, meus lábios se crisparam quando percebi que ele impunha mais força que o necessário.

— Machucando — sussurrei contorcendo o pulso entre seus dedos. Ele rapidamente percebeu e puxou a mão de volta com pressa. Me encarou como se pedisse sinceras desculpas.

Pousou as mãos na cintura, olhando para todos os lados exceto para mim. Ganhei mais tempo para estudá-lo. Minhas sobrancelhas se uniram, confusas, e a curiosidade martelava em minhas têmporas, pulsando a cada batida do meu coração.

Quem era aquele cara?

— Tudo bem? Não se machucou?

Neguei, chacoalhando a cabeça depressa.

Sua testa enrugou.

— Não vou te machucar. Por que está tão na defensiva? Acabei de salvar a sua vida! — Apontou

PERIGOSAS NACIONAIS

para a beirada do prédio, mas ainda sentia a tensão que emanava dele. Ele tinha mesmo ficado preocupado.

Continuei o observando em silêncio. Ele esfregou o rosto com as mãos, demonstrando a impaciência em espécie. Pressionei os lábios para segurar o riso. Estudei também as tatuagens em sua mão esquerda – no dedo anelar tinha um “X” desenhado, como uma promessa feita. Semicerrei os olhos encarando o símbolo.

— Você está bem mesmo? — Foi a vez dele de semicerrar os olhos, inclinando a cabeça um pouco mais em minha direção. Seu hálito estava tão próximo que senti o cheiro almiscarado que emanava de seu corpo.

Concordei com um meneio contido de cabeça.

— O que você estava fazendo ali? — Gesticulou com a ponta do queixo para onde eu caminhava anteriormente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levantei o indicador para as nuvens que já terminavam de encobrir os raios solares. Ele acompanhou meu braço estendido, depois ergui a câmera para terminar minha explicação.

— Estava fotografando? O pôr do sol? — indagou, enfaticamente também apontando para onde eu mostrava. Concordei com a cabeça outra vez. — Você não fala?

“*Eu falo*”, quis responder imediatamente, mas o que para ele era tratado como arrogância, talvez até um pouco de egoísmo e ingratidão, eu encarava como uma pessoa tímida, que sofria de prosopagnosia tendo sua primeira interação com outra pessoa depois de muito tempo. Estava nervosa. Com medo. E a forma como ele falava comigo, sem nenhum cuidado, era belo.

Ele coçou a cabeça quando não respondi, visivelmente frustrado pela minha falta de vontade em fazer perguntas ou responder as suas.

PERIGOSAS ACHERON

Encarei os fios cor de mel de seus cabelos e estendi a mão, despreocupada se ele me acharia uma completa maluca. Enterrei meus dedos em seu emaranhado, concluindo que realmente eram tão macios quanto o esperado. Ele me encarou de volta, com os olhos injetados em curiosidade. Ajeitei os fios que se desgrenharam enquanto ele me analisava mentalmente, tomando notas.

Ele era tão bonito. De um jeito tão único. Pensei que tivesse enlouquecido à medida que meus olhos o estudavam com veemência, com medo de esquecer seus traços duros e sinceros. Eu não quero esquecê-lo.

— Ok. — Sorriu sem graça e segurou meu pulso, afastando minha mão. Deixei que ela caísse para a lateral do corpo. — Você precisa de alguma ajuda? Como chegou aqui? — Enquanto falava, ele gesticulava. Apontava para a porta, por cima dos ombros, e sorria gentilmente. Sua aparência não

dizia nada sobre suas características. Tinha um ar de bad boy, de uma pessoa que não pensava em ninguém além dele mesmo, mas suas atitudes provavam o contrário. — Hum, eu realmente não sei como me comunicar com você! — Ele voltou a sorrir, dessa vez abriu ainda mais os lábios, mostrando todos os dentes brancos. — Meu nome é Kieran.

Assenti para que soubesse que eu tinha entendido. Corei quando percebi que ele ainda sorria para mim.

“Kieran”, repeti mentalmente.

Levantei minha câmera, ele me olhou assustado quando percebeu o que eu estava prestes a fazer. Ajustei a lente para melhorar o foco e segurei o botão na parte superior da mesma, escutamos o click e Kieran se afastou.

“Ele não precisa saber meu nome”, concluí, assentindo para mim mesma. Se nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrássemos amanhã, eu não o reconheceria de qualquer forma. Olhei para trás, buscando pela minha bolsa e a vi caída no canto próximo a caixa enorme de água. Dobrei as pernas para me inclinar, peguei o celular na bolsa e abri o bloco de notas.

Kieran.

Ele te segurou.

Você não caiu.

— Por que você tirou uma foto minha? —
Escutei seus passos pesados vindo em minha direção, me virei com pressa, guardando a câmera dentro da bolsa e colocando a alça em meu ombro. Ajeitei a saia amassada do vestido amarelo florido.

— Fotos duram mais que memórias — falei, e ele deu um passo para trás. Não consegui definir se ele estava assustado ou simplesmente aliviado por não estar falando com alguém que não o compreendia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela fala. — Ele cruzou os braços na altura do peitoral.

— Eu não disse que não falava!

Kieran ergueu o indicador na minha direção e abriu um sorriso em resposta.

— Você está tirando onda com a minha cara?

Esfreguei os lábios e balancei a cabeça.

— Está bem. — Ergueu as mãos para cima, com as palmas viradas em minha direção em forma de rendição. — Se você publicar a foto ou a vender para algum jornal, eu vou processar você.

Concordei com um aceno outra vez e o vi se frustrar de novo. Não fazia ideia do que ele estava falando, por que eu venderia para um jornal?

— Quer saber? Você parece ótima. Vou te deixar sozinha para fazer o que quiser.

Assenti.

Ele me deu as costas, seguindo em direção à porta de metal de onde havia saído.

PERIGOSAS ACHERON

— Maluca! — sibilou.

Sua intenção não era que eu o escutasse, mas aconteceu e isso fez surgir um novo sorriso em meu rosto, delineando meus lábios.

— Prazer em te conhecer, Kieran — sussurrei de volta.

Capítulo 2

KIERAN

“Me ajude

É como se as paredes estivessem desmoronando

Às vezes, sinto vontade de desistir”

IN MY BLOOD – SHAWN MENDES

— Isso dói, Freya! — resmunguei, massageando o lábio inchado com a ponta do indicador.

— Se você não ficar quieto vai doer ainda mais!
— sentenciou, olhando furtiva para mim.

Declan recostou ao batente da porta do quarto com os braços cruzados, analisando toda a situação.

PERIGOSAS ACHERON

Se eu conhecia meu primo, ele estava procurando formas de resolver aquilo sem envolver os policiais ou a justiça.

Fechei os olhos e mordi o canto da bochecha quando trinquei os dentes, tentando evitar outro tapa na nuca que Freya me daria se eu continuasse resmungando enquanto ela cuidava de mim.

— Por que você fica me matando na sua cabeça o tempo todo? — perguntei a Declan, finalmente ganhando um pouco da sua atenção verdadeira. — Isso não é culpa minha! — Apontei para o machucado que sua esposa curava tão pacientemente.

— Ele te acertou nas costelas? — ela perguntou, agarrando a barra da minha camisa, mas desviei e senti a dor pontiaguda me derrubar de volta para a cama. — Acertou, não foi?

Olhei para baixo, a barriga protuberante de Freya encostou em meu joelho dobrado e suspirei.

Ela não precisava lidar com os meus problemas estando grávida.

Com dificuldade, ajeitei o colarinho do blazer e peguei o algodão com antisséptico que estava em sua mão. Coloquei-o sobre o corte no canto da boca, joguei o corpo contra a cama, retorci de dor pela força bruta com que o fiz quando minhas costas tocaram o colchão.

— Kieran. — Ela tentou alcançar o algodão para voltar a cuidar dos ferimentos, mas estendi a mão impedindo que ela completasse a intenção.

— Eu vou ficar bem.

Meu pai sempre foi bom em me acertar e nos últimos dois anos, depois da morte do pai de Declan, o tio Arthur, sua mão tinha ficado mais pesada e a raiva se expandia a cada dia.

Acabei me transformando em seu saco de pancadas, primeiro alvo e culpado por toda a merda que acontecia em sua vida. Eu era como uma pedra

que fechava seu caminho sempre que ele tentava seguir em frente. Ele estava acostumado a me acusar, me sobrecarregar de tudo desde que eu nasci, quando minha mãe faleceu em seu parto complicado, fazendo meu pai me odiar, e tenho sido odiado há vinte e três anos.

— Declan — Freya o chamou. Senti o colchão ao meu lado subir e o calor de seu corpo se afastar —, você precisa fazer alguma coisa, isso já passou dos limites!

Declan continuava silencioso, muito parecido com a garota do terraço, aliás. E incrivelmente revoltado. Embora sua revolta estivesse evidente em seu rosto, ele não dizia nada.

— Já estou acostumado — falei, me levantando com a mão apoiada na lombar. Puxei o ar com mais força. — Preciso de um emprego.

Freya girou nos calcanhares e Declan ergueu as sobrancelhas, espantado à mesma medida em que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu também fiquei quando cheguei à conclusão de que precisava de um. Desde o começo do ano, quando terminei a faculdade de Administração, não fazia ideia de como seguir a minha vida, mas Freya tinha razão sobre o meu pai.

Suas ações tinham atravessado o limite que eu podia aguentar.

— Ele é advogado. — Dei de ombros. — Mesmo que eu entre na justiça, não acho que as pessoas vão acreditar em mim quando eu disser que Frank Grayer espanca o filho para inflar seu ego. — Respirei fundo enquanto estudava a impassibilidade de Declan e tentava acreditar que aquilo podia ser algo positivo. — Declan, por favor, eu estou sozinho sem ela...

— Para — Freya interveio, apontando o indicador para meu rosto. Abaixei a cabeça. — Nós estamos com você, Kieran!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha pra mim, Freya! — Andei até eles. — Estou sozinho nessa merda de mundo!

— Ela não vai voltar pra você! — ela alertou, balançando a cabeça negativamente.

— Ela volta. Se meu pai não estiver no caminho, Lysa volta pra mim. Eu sei que sim!

— Kieran, eu sei como você se sente — pela primeira vez, Declan me dirigiu a palavra, ergueu a cabeça e descruzou o braço —, mas o que seu pai fez com aquela garota...

Pressionei os olhos com a ponta dos dedos.

— Ele vai pagar por isso, algum dia ele vai, Declan. — Dei um passo à frente, fechando as mãos em punhos com força extracorpórea, sentindo os dedos formigarem de raiva. — Não estou te pedindo muito, preciso de um emprego e, quando estiver bom o suficiente, você pode me transferir para outra filial. De preferência em outro país! —

PERIGOSAS ACHERON

Eles trocaram olhares silenciosos enquanto eu esperava por uma resposta. — Estou implorando!

Declan separou os lábios, incitando que diria alguma coisa para eu finalmente poder sair da casa do meu pai.

— Ah! — Freya gemeu, amparando a barriga redonda e firme com as duas mãos. Nós dois ficamos em alerta, esperando que ela dissesse algo. — Ela se mexeu! — Sorriu e estendeu a mão para Declan. — Ai, meu Deus, ela está se mexendo! Está sentindo? — perguntou quando ele se ajoelhou e colocou a orelha pregada em sua barriga.

— Não é a primeira vez que ela se mexe, é?

— Não seja bobo — ela revirou os olhos para mim, enquanto acariciava a cabeça de Declan —, é que ela é tão quietinha que quase não se move. Então sempre que acontece, é uma surpresa!

— Ela vai ser calma — cruzei os braços, concluindo com um meneio de cabeça —, diferente

PERIGOSAS ACHERON

de você.

— Cale a boca, Kieran! — Ela sorriu.

— Ela parou de novo — Declan alertou, se levantou com insatisfação de não ter sentido a filha por muito tempo.

— Quer tentar? — perguntou a mim, estendeu sua mão para agarrar a minha.

Mesmo achando contraproducente, ofereci minha mão aberta e Freya a colocou sobre a barriga firme, mantendo a sua sobre ela. Minha respiração de repente ficou entrecortada, ofegante como se estivesse em uma luta interna. Meus olhos ficaram presos na barriga protuberante, como se estivesse hipnotizado pela felicidade de sentir uma vida se formando em um lugar tão pequeno.

A vida de Declan e Freya nem sempre foi tão boa. A história deles se tornou conhecida em toda a família por sua força extraordinária de superar os problemas que enfrentaram no passado. Freya ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

não sabia, mas Declan era o homem que ela esperava. E ele não sabia que ela curaria cada ferida, uma a uma. Ele achava que a história com Emma estava encerrada, que o que restavam eram cicatrizes, mas, na verdade, elas ainda estavam abertas e Freya foi a única capaz de transformá-las, amando-o, até que não sobrasse nenhuma. Quando escutava a história deles, estava na faculdade, e eu dava risada, porque não acreditava que pudesse existir algo tão intenso naquela imensidão, então eu a conheci.

Lysa Smith veio até mim como uma bela flor que desabrochou em meio ao inverno que eu vivia sob um manto maculado por sangue e dor. Ela me puxou para fora, foi a única estrela brilhante iluminando todo o meu céu escuro. Então, meu pai também tratou de tirá-la de mim, porque eu tirei a minha mãe dele. Era justo, Frank achava que era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

justo me machucar, já que eu o tinha machucado desde o meu primeiro dia em sua vida.

Segundo ele, minha mãe sabia dos riscos e, antes de me ter, deixou por escrito que se precisasse escolher entre ele e a mim, ela me escolhia. Julie também sabia que se dependesse do meu pai, ele a escolheria, sempre; se ele pudesse salvar um bilhão de pessoas, mas tivesse de escolher entre elas e minha mãe, ele a escolheria, sendo egoísta como sempre.

Quando era mais novo e as agressões ficaram evidentes, Frank sabia que as pessoas poderiam desconfiar e me mandou para um colégio interno na Virgínia. Por quatro anos, eu realmente acreditei que tudo tinha acabado, que ele tinha superado, mas quando o vi pela primeira vez, depois de todo aquele tempo, soube que meu pai tinha encontrado uma forma de me odiar ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As tatuagens em meu corpo eram para indicar os lugares onde sua cinta de couro havia visitado, ou seja, noventa por cento do meu corpo estava coberto por desenhos ilegíveis. Serviam apenas como mapa pessoal de onde ele costumava me acertar.

Esse era o problema. Ele me acertava onde conseguisse, não calculava e não media. A sua ira o levava a me machucar; seu coração machucado era o incentivo para me causar dor e sofrimento. Eu duvidava que meu pai algum dia pudesse me amar, mas mesmo assim, esperei por isso quase a minha vida inteira.

A única tatuagem diferente era o par de olhos dele, que eu desenhei no peitoral para me lembrar de que quando aquele olhar estivesse em mim, então eu saberia que ele estava prestes a me matar, fosse de forma literal ou não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu prometi, mesmo com todo aquele caminhão de merda sendo despejado em mim, que não seria como ele. Mesmo que eu tivesse motivos mais do que suficientes para ser como Frank, eu não seria, lutaria contra. Não queria ser o tipo de homem que desconta sua raiva em alguém mais fraco.

— Kieran? — Freya me chamou, despertando minha atenção para si.

— Hum?

— Você sentiu? — perguntou, com um sorriso pincelando seus lábios.

— Senti!

Não ser como meu pai, entretanto, não significava que eu não tivesse encontrado outras formas de lidar com a dor, porque eu tinha. E sem Lysa a dor se expandia a cada dia, me deixando com raiva. Eu não tinha feito nada de errado. Não foi um erro meu. E mesmo assim eu estava pagando por isso.

PERIGOSAS ACHERON

Afastei a mão e fechei os olhos.

— Você pode me ajudar? — perguntei a Declan.

Ele suspirou.

— Vou te treinar para me substituir — Ergui a cabeça, apreensivo. *O quê?* — Preciso de alguém para administrar a filial em Tóquio, no Japão. O sonho do meu pai era expandir para lá e conseguimos alguns investidores que acreditam no potencial da *Grayer Technology*.

— Você quer que eu vá para o Japão?

— Você quer se livrar do seu pai?

Fiquei em silêncio. Ele sabia que sim.

— Foi o que pensei. — Ele sorriu, segurando meu ombro. — Quero você amanhã no escritório, às oito. Não se atrase!

— Não se preocupe — Freya piscou para mim —, se ele não tivesse te contratado nos próximos quinze minutos, eu teria feito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você — Declan riu —, onde eu estava com a cabeça quando te dei quarenta por cento das ações?

— Você estava apaixonado! Eu me lembro muito bem do envelope que você deixou para mim, me tornando oficialmente a vice-presidente da *Grayer Technology* e com quarenta por cento das ações.

— Se Lysa for assim, não se case com ela — Declan sussurrou, mas eu sabia que ele não estava falando sério.

— Vocês já terminaram? — Genevieve apareceu, limpando as mãos em um pano de prato, sorrindo com empolgação. — O jantar está na mesa. Kieran, querido, você vai ficar para o jantar, certo?

— Você dispensou a cozinheira outra vez? — Declan arqueou as sobrancelhas para a senhora de cabelos grisalhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A comida dela não é tão boa como a minha.
— Eve apontou para a porta. — Kieran, acho bom você dar um jeito nesse seu rosto! E menino, pra quê tantas tatuagens? Elas só continuam aumentando... — Gesticulou, saindo primeiro. — Você devia ficar por aqui hoje, vou preparar um quarto.

Acabamos rindo em uníssono. Eu deveria estar no meio deles. Viver com eles. Eles eram bons para mim, meu pai só se esforçava para foder com a minha vida a cada minuto.

— Aproveite. — Eve enganchou seu braço no meu quando atravessei a soleira. — Depois de quatro meses, você só vai comer peixe cru!

— Você estava escutando nossa conversa? — perguntei.

— Mas é claro, menino.

Gargalhamos outra vez e seguimos para a sala de jantar.

PERIGOSAS ACHERON

Aquela parte da minha família era linda.

Capítulo 3

IZZIE

“Poderia ser seus olhos?

Não sabia que eu estive

Esperando, esperando por você”

AT MY WEAKEST – JAMES ARTHUR

Minhas mãos se agarraram na câmera sobre meu colo, acompanhando minha postura ereta. Meu pai cantarolava uma música que saía dos alto-falantes do rádio. Encostei a cabeça contra o vidro, descansando-a. Fechei os olhos, abri os lábios para suspirar e ganhei sua atenção. Passamos o dia todo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

presos em seu escritório, subi para o terraço para não sucumbir ao tédio. Eu tinha vinte anos, mas minha mãe ainda me tratava como uma criança e, se ela não pudesse ficar em casa comigo, então eu não tinha outra escolha se não seguir o meu pai.

Por um longo tempo, sua proteção me sufocou. Quando estava na adolescência, eu queria poder ter amigos, sair e conversar com as pessoas, mas minha mãe não aprovava. Para ela, eu era uma garota frágil e indefesa, permanecer sob sua proteção era a única forma de me manter em segurança nas minhas condições.

Segundo ela, eu não estava pronta para o mundo e ele não estava pronto para me abrigar. Conforme ficava mais velha, via suas ações de outro modo e acabei aceitando, na verdade, eu não tive outra escolha se não me sentir feliz por tê-los me apoiando. Os meus pais tinham seu jeito intrínseco

PERIGOSAS ACHERON

de manter a filha longe do buraco negro que era por trás da barreira.

Desbloqueei a tela do celular outra vez e deslumbrei as palavras escritas sobre Kieran. Eu já não conseguia mais reconhecer seus traços, e se ele aparecesse em minha frente agora, o trataria como um desconhecido. Entretanto meu coração estava aquecido, de alguma forma, pelo modo como Kieran havia me tratado. Talvez o mundo só precisasse de uma chance para me abraçar.

— Sinto muito que você tenha perdido seu dia comigo, filha — meu pai começou, fiquei surpresa de não ter invadido o silêncio antes.

Balancei a cabeça, negando.

— Como está indo seu curso de fotografia online?

Dei de ombros.

— É bom — respondi calmamente. — Pai, o senhor não acha que se eu pudesse.... — Parei,

pressionando os lábios. Estalei a língua no céu da boca.

— Se você pudesse? — Arqueou as sobrancelhas.

— Nada. Obrigada por ter me trazido. — Sorri, complacente.

— Sua mãe ficou triste de não poder ficar com você hoje. Tente passar algum tempo com ela à noite.

Anuí a cabeça, com um sorriso genuíno curvando os lábios.

Mamãe não trabalhava, sua única preocupação era cuidar de mim.

O carro diminuiu a velocidade continuamente, os pneus raspavam pelo asfalto antes de parar completamente. Mamãe estava parada na varanda, com os braços cruzados, à espera. Inspirei o ar com paciência enquanto a assistia andar de um lado para o outro, ansiosa. Meu pai se inclinou na direção

onde meus olhos se prenderam e escutei sua risadinha fraca.

— Pegue leve com sua mãe, ela só tenta te proteger.

— Eu pego leve — respondi, me fazendo de ofendida quando pousei a mão aberta contra o peito. — Às vezes, ela exagera.

— Kathryn!

Meu pai acenou mais alto para que me alertasse que minha mãe estava se aproximando, era possível que ela marchasse como um soldado. Ele não tinha muito pulso firme quando se tratava dela, por isso discussões entre eles eram raras. Ela dizia, ele sorria e a beijava.

— Oi, mãe!

Acenei para ela ao sair do carro. Estava de braços cruzados na altura do peito. Analisei seus traços rapidamente. Meu cérebro conseguia fazer uma ligação com algo comum em sua aparência,

isso facilitava o reconhecimento facial, mas não funcionava sempre. Ainda acordava assustada quando encontrava meu pai na cozinha.

— Philip! Por que você nunca atende seu telefone? — Ela me abraçou de repente, beijou minha testa ao se afastar e meu pai se aproximou, colocando os braços sobre os ombros dela.

— Sinto muito, querida. — Ele a beijou na bochecha.

Seguimos a trilha de pedras até a varanda. Ajustei a bolsa na lateral do corpo.

— Roselyn ligou, Izzie, ela quer confirmar o jogo de tênis amanhã. — Escutei minha mãe, mas o vinco em minha testa a fez perceber.

— O quê? — perguntei, me virando nos calcanhares para encará-la.

— Hum, sua tia Roselyn telefonou querendo saber se você quer ir à aula de tênis amanhã. Vagou um horário e ela tem a agenda livre só para você!

— Você pode me levar? — perguntei a meu pai.
Ele pressionou os lábios, preocupado.

— Não posso, sinto muito, filha. — Minha mãe o fuzilou. — O quê? Declan precisa de mim cedo na empresa, parece que ele vai treinar um garoto novo para uma nova filial. Preciso estar lá antes deles.

— Você não é a babá dele, Philip.

Essa era uma das discussões que aconteciam esporadicamente. Cruzei os braços e fiquei esperando no último degrau dos três que ligavam a varanda. Minha mãe se virou apreensiva para meu pai, desfazendo do abraço que a mantinha próxima dele. Revirei os olhos, abri a boca para falar, mas desisti quando percebi que minha mãe estava prestes a fazê-lo mudar de ideia.

Meu pai era como um assistente pessoal. Ele entrou para a empresa sendo contratado a princípio para ser gerente no setor de Marketing, mas quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o presidente faleceu há dois anos e o filho assumiu, meu pai, como um dos mais antigos, acabou se tornando o braço direito do herdeiro.

— Você trabalha o dobro desde que Arthur faleceu e Declan obriga você a fazer o trabalho pesado que, na verdade, pertence a ele.

— Mãe... — interrompi, segurei com firmeza a alça da bolsa que pendia na lateral do meu corpo, na esperança de que sua ira não se voltasse para mim. — Eu posso ir até lá sozinha.

Ambos encerraram a discussão e olharam para mim. *Péssima ideia.*

— Você perdeu o juízo? — começou ela, subindo um degrau para se aproximar de mim. — Não, de jeito nenhum.

— Por que você não fica com o carro então? — meu pai sugeriu e, outra vez, ela o encarou furiosa.

— Você sabe que eu não dirijo.

PERIGOSAS ACHERON

Meu pai trabalhava muito, isso era um fato. As olheiras abaixo dos olhos estavam tão profundas que parte de seu rosto se perdia naquela concentração caótica de acúmulos. Ele era dono de um corpo magro e nenhuma vantagem com músculos, o que o deixava ainda mais velho.

— Vou ver o que consigo fazer. — E ele sempre cedia aos pedidos de minha mãe, mesmo que acabasse sofrendo as consequências no final. — Você não tem fotos para revelar?

Concordei e me virei para a porta, sabendo que aquele foi uma ordem, não uma pergunta. A discussão que eles teriam a seguir, nenhum deles se orgulhava de me obrigar a escutar. Até a hora do jantar, tudo estaria resolvido.

Aprendi aos quinze anos a utilizar uma câmera fotográfica e, quando ela passou a ser útil para me ajudar, comecei a entender melhor. Meu pai me ajudava com as edições no começo, me ensinou a

PERIGOSAS ACHERON

editar e a usar as ferramentas no computador para a impressão. Com o passar do tempo, nós cansamos de procurar por lugares para revelar as fotos em polaroide. Como eu gostava de pregá-las no caderno ou penduradas no quarto, ele comprou uma impressora para que eu pudesse fazer isso sozinha.

A casa estava limpa, inspirei o ar puro quando atravessei o hall com a pintura impecável de um verde-escuro. Subi, degrau por degrau, até o segundo piso da casa e fechei a porta do quarto quando entrei.

Estar lá era como ter a liberdade que eu tanto almejava. Eu amava meus pais, e mesmo que tivesse aceitado a minha vida como ela deveria ser, isso não significava que eu não sentia como se uma corda estivesse presa em meu pescoço.

Observei a estrutura confortável e aconchegante do quarto, com uma suíte e o varal de fotografias pendurado sobre a cama e a minha mesa do outro

PERIGOSAS ACHERON

lado. Os varais foram ideia da minha mãe e todas as fotos penduradas nelas tinham os nomes; lugares, pessoas, animais. Deixei de fotografar só rostos para poder me apaixonar por *mais*.

Existiam outras paixões, não só aquelas que eu era imposta a amar. Existiam lugares que eu adoraria conhecer, mas me limitava a tê-las por um segundo em imagens.

Peguei o caderno pontilhado de folhas amareladas dentro da gaveta da escrivaninha depois de abandonar a bolsa sobre a cama, com a câmera nas mãos. A capa marrom, desgastada, e as folhas tão velhas que parecia ter sido utilizado por mais de uma geração. Nele, eu só fazia colagens de fotografias de pessoas que realmente precisava me lembrar; minha mãe, meu pai, minha tia Roselyn – folhee até encontrar sua foto no caderno, do lado escrito grande “professora de tênis em um clube e irmã mais nova da minha mãe”. Ela me adorava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Muitas coisas fugiram da minha cabeça, mas não havia nada que pudesse escapar dos meus olhos.

Conectei a câmera no notebook e esperei até que todas as fotos do dia carregassem. Coloquei o papel fotográfico na impressora. Com uma mão apoiando meu queixo e a outra movendo o mouse, comecei a editar as fotos, uma por uma. A do pôr do sol, um cachorro, uma foto do meu pai dirigindo e, por último, a foto de um cara. Inclinei o pescoço para frente, querendo enxergar melhor e conhecer os traços de seu rosto. Ele estava distraído, olhando para a direção contrária de onde a lente da câmera havia o pegado. As narinas estavam infladas e os braços pousados despretensiosos na cintura. Sem perceber, estava mordiscando o lábio inferior. Analisei o maxilar travado e como ele parecia pensativo.

PERIGOSAS ACHERON

Em um rompante me levantei, apressada. *Não reconheço seu rosto. Mas eu o conheço.*

Abri o bloco de notas, expirando com força lendo o que havia escrito por último:

Kieran.

Ele te segurou.

Você não caiu.

Foi ele. Respirei aliviada, me sentando à lateral da cama. Apoiei as duas mãos no joelho e balancei a cabeça, senti os cantinhos da boca se repuxarem em um sorriso entristecido. Meu cérebro levava menos de dez segundos para esquecer, como se o rosto de Kieran nunca tivesse aparecido em minha frente.

Terminei de editar as fotos, as imprimir e recortei. Fiquei encarando a foto de Kieran entre os dedos, decidindo se ela deveria ir para o varal ou o

PERIGOSAS ACHERON

caderno. Soltei o ar e depois suguei o lábio inferior, pensativa. *Caderno*.

Mesmo que não o visse mais, eu me lembraria dele. Colei-a na página em branco depois de Roselyn, reescrevendo o que tinha digitado no bloco de notas do celular. Preguei um *post-it* verde no topo da página e fechei o caderno, onde na capa estava escrito em uma letra desordenada: “*Minhas memórias*”.

Abri uma nova guia no navegador e entrei no *Facebook*. Eu não passava muito tempo em redes sociais, embora as tivesse para não perder o contato com os familiares – isso depois de Meredith insistir que eu deveria abrir as portas para outras pessoas entrarem na minha vida –, e estar disposta a criar vínculos virtuais parecia um começo melhor para mim. Na barra de pesquisa, digitei “Kieran”. Percebi a tempo que existiam muitos deles, mas nenhum como *ele*.

Ele me segurou. Me segurou firme. Ele não me deixou cair. Meu coração acelerou, senti a saliva secar na boca e continuei a procurar.

Estava na última página, já havia cedido à desistência. Movia o mouse sobre todos os rostos, mas ele tinha uma marca única e insubstituível. Ele tem uma tatuagem no pescoço que desce para o peitoral. Minha mente havia gravado enquanto encarava a foto no caderno e a comparava com as fotos em cada página do *Facebook*. Cocei o couro cabeludo frustrada, prestes a desistir, mas parei quando uma foto de um garoto de costas, com o boné virado para trás estava entre um dos últimos, da última página.

Kieran Grayer.

Estava escrito em seu perfil. Mordi a ponta da unha, querendo esconder o sorriso atrás da mão. *Eu te encontrei*. E o sobrenome Grayer poderia não ser só uma coincidência.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com um clique, eu estava atravessando uma linha de perigo. Não estava certa de que esse era o caminho que eu deveria seguir, mas eu queria. Ele tinha poucas fotos suas, mas muitas com outra garota.

Minha testa vincou, meu peito doeu como se tivesse se partido. Não havia muito tempo que ele tinha publicado uma foto com Lysa Smith e publicamente se declarado.

“Eu te amo, baby. Você faz de mim um homem melhor!”

A garota era linda, os cabelos cacheados e cheios estavam presos para cima. A pele negra brilhava sob o sol, lábios carnudos e estava sorridente. Ele a abraçava pelos ombros, como se tentasse protegê-la do resto do mundo.

Meu coração estava acelerado.

PERIGOSAS ACHERON

Fechei a foto e continuei descendo. Ele não ia a muitas festas, mas não tinha muitas fotos com seus amigos. Tinha se formado no início do ano e antes disso, ele não tinha tantas tatuagens como agora. Voltei para a parte superior do perfil e pousei com a seta do mouse sobre “enviar uma solicitação de amizade”, ela pairou sobre o botão por alguns segundos. Escondi o rosto na lateral do ombro direito e cliquei.

Duas batidas na porta me afastaram da tela e a minimizei com pressa, com medo de ser pega.

— É o papai. Você tem um minuto, princesa?
— Ele colocou primeiro a cabeça, apoiando a mão direita sobre a maçaneta.

— Pai. — Sorri, balançando a cabeça. — Você não precisa me lembrar sempre que quiser falar comigo, eu tenho meu manual. — Levantei o caderno na altura dos ombros e ele riu.

— Está bem. — Abanou a mão na frente do rosto, como se estivesse afastando algo. — Estava falando com meu chefe ao telefone. — Apoiei o braço no encosto da cadeira, tombei a cabeça curiosa enquanto estudava meu pai. — Ele disse que o garoto novo pode levá-la à aula de dança, eu realmente preciso estar lá, às sete.

— O garoto novo?

Ele meneou a cabeça, preocupado que eu ficasse magoada como a minha mãe.

— É claro que, se você ficar incomodada, eu darei um jeito.

— Você trabalha demais, pai.

Mordi a lateral da bochecha.

Suspirei, vencida.

— Tudo bem. — Ergui as mãos rendida. — Ele pode me dar uma carona.

Meu pai abriu um sorriso e se aproximou, depositando um beijo casto no centro de minha

testa.

— Essa é a minha garota.

Quando meu pai se afastou e sumiu para o extenso corredor, recebi uma notificação.

Kieran Grayer aceitou sua solicitação de amizade.

Capítulo 4

IZZIE

“Eu quero esconder a verdade

Eu quero abrigar você”

DEMONS – IMAGINE DRAGONS

Vovó Diane teria me dito para não pensar negativamente sobre eu ter herdado sua prosopagnosia. Ela diria para eu encarar isso como algo bom, como uma bênção. Meu pai teve o azar de desviar dela, mas eu era a sortuda. Vovó teria me convencido a enxergar o mundo com outros olhos ao aceitar minha condição, mas, mesmo sem

PERIGOSAS ACHERON

tê-la por perto para me ensinar isso, já havia herdado sua motivação. Por isso, todos os dias eu agradecia por simplesmente esquecer o rosto de alguém que me magoou ou de alguém que poderia ter chegado perto de me deixar algumas cicatrizes. Era fácil para mim, eu só lamentava pelas outras pessoas. As que realmente se importavam comigo, como meu pai e a minha mãe. Queria poder reconhecê-los quando os visse, assim evitaria o olhar decepcionado de dona Kathryn, talvez assim eu não me sentisse tão culpada por não lembrar de seu rosto.

— Eu sou sua mãe — sussurrou Kathryn quando me serviu o suco de laranja, em resposta, encolhi os ombros. O olhar decepcionado dela recaía sobre mim, me fazendo sentir muito culpada.

— Desculpa, eu... — Fechei os olhos e debrucei sobre a mesa, escondendo o rosto nos braços cruzados. — Desculpa, desculpa, desculpa —

PERIGOSAS ACHERON

repetia com a voz abafada, minha mãe desabou na cadeira a minha frente. Escutei o atrito da madeira arrastar no assoalho.

Ao acordar naquela manhã, eu prometi a mim mesma que tentaria, sem o meu suporte, lembrar dos rostos que precisava ver todos os dias: o dos meus pais. Mas quando atravessei a porta da cozinha e Kathryn sorriu para mim e percebeu que eu não tive a mesma empolgação ao vê-la, desatou a chorar. Embora meu cérebro não reconhecesse seu rosto, meu coração reconhecia e ele sofria ao ver minha mãe naquele estado sôfrego.

Ela respirou fundo e pigarreou, querendo afastar aquele ar tenso que ficou entre nós.

— Tudo bem, querida. — Mamãe se levantou e acariciou meus braços.

A campainha tocou, levantei a cabeça para encarar a porta. Semicerrei os olhos para aquela direção. Mamãe apertou meu ombro direito, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriu pressionando os lábios, indo para a porta. Aprumei a postura, tomei meu suco lentamente, saboreando.

— Ah, oi — cumprimentou. — Você deve ser o primo de Declan, que vai começar o treinamento hoje!

— É, acho que sim. — A risada grossa e determinada reverberou pelo hall até atingir meus tímpanos. Continuei bebericando o suco em meu copo.

— Você não quer entrar?

— Não, eu espero aqui fora.

— Ah.

Balancei a cabeça, rindo baixo.

— Izzie! — mamãe gritou.

— Estou saindo! — gritei de volta, peguei a mochila na cadeira vizinha e segui em direção à porta.

PERIGOSAS ACHERON

A primeira ordem do senhor Philip – meu pai – era que eu estivesse pronta antes das oito, para que o parente de Declan não se atrasasse para seu primeiro dia e passasse uma má impressão para os investidores em sua primeira reunião de participação.

Antes de sair, verifiquei se o caderno e a câmera fotográfica estavam dentro da mochila. Eles eram como a bengala de um cego para mim. Sem eles, eu provavelmente não conseguiria determinar a direção que meus olhos deveriam seguir. O dia anterior foi sem o caderno.

O primo de Declan me causou calafrios e uma aceleração desnecessária no coração, acertando minha coluna sem piedade. Semicerrei os olhos atentamente para a porta, onde ele estava de braços cruzados e com os ombros apoiados à soleira, enquanto conversava distraído com minha mãe. Seu riso causava uma vibração em seu peito e os

PERIGOSAS ACHERON

ombros balançavam. Ele sequer parecia perceber como ficava atraente quando isso acontecia. O sorriso que delineava seus lábios grossos estavam lá formando duas covinhas profundas nos cantinhos do rosto. Percebi um machucado pequeno no canto de sua boca.

Ele também exalava um aroma forte de *Dolce & Gabbana*, não desconhecido por mim. Embora eu sofresse de cegueira de feições, sabia que a presença dele não podia ser completamente ignorada por meus instintos naturais e as duas bolas de gude esmeralda que abrilhantavam seus olhos não me deixavam em paz. Foi quando tive certeza de que não éramos mesmo desconhecidos.

A doutora Meredith dizia que eu deveria confiar nos meus instintos e apostar neles para reconhecer as pessoas que eram importantes para mim. Nunca funcionou tanto para mim, principalmente porque

PERIGOSAS NACIONAIS

minha mãe gostava de mudar o corte de cabelo e o meu pai nem sempre mantinha a barba rala.

Eu tinha uma vaga memória de como aquela face desconhecida me fez sentir em algum momento da minha vida.

— Izzie, este é o Kieran, primo do Declan. — Acompanhei a direção que o indicador dela estava apontando, ele parecia surpreso, mas não decepcionado.

Kieran descruzou os braços. Ele estava bem-vestido em uma camisa formal, terno e calça social. Havia um relógio prateado e grosso adornando seu pulso. Sob todo aquele material caro, sabia que existia algo a mais. Pressionei os olhos em sua direção e meu cotovelo foi envolvido imediatamente, me obrigando a desviar a atenção. Inclinei a cabeça, percebendo que minha mãe estava frustrada enquanto segurava a curva do meu antebraço.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que nós já nos conhecemos. — Ele sorriu. — Então seu nome é Izzie — sussurrou, falando mais para si mesmo.

— Oh, é mesmo? — Ela olhou para mim como quem está buscando por resposta. Dei de ombros e aquilo foi suficiente para minha mãe compreender. Eu tinha acabado de reconhecê-lo e estava sorrindo, sem graça. — Vocês deviam ir ou vão se atrasar — incentivou, segurando levemente meus ombros e me empurrando com cuidado para a porta.

Minha mãe compreendia o meu descontentamento quando algo parecido acontecia, por isso eu me sentia mal de acordar todos os dias na mesma casa que ela e ainda ter dificuldades para me lembrar de seu rosto. Piorava quando eu não conseguia nem mesmo lembrar do meu próprio.

Kieran enterrou as mãos nos bolsos de sua calça social preta e não disse mais nada. Era um alívio para mim. Eu queria facilitar a vida dos meus pais

PERIGOSAS ACHERON

de alguma forma; se conseguisse passar por aquilo sozinha, significava que poderia lidar com outras situações daquele jeito sem um deles para me amparar. A vida de ambos seria mais fácil se não tivessem que se preocupar comigo todos os dias. Eles não se importavam se eu tivesse que viver o resto da vida dependendo de seus cuidados, se eu não pudesse trabalhar para me sustentar, meus pais ficariam felizes de fazer tudo isso por mim. Mas aquilo não me faria feliz e passaria a encarar a minha vida como um fardo e não uma bênção, como minha avó Diane costumava contar a meu pai.

Ela faleceu antes de eu ter idade para compreender o que era ter prosopagnosia, antes de ela ter a oportunidade para me preparar para lidar com a minha realidade. Mas meu pai conviveu sua vida inteira com ela e aprendeu mais sobre a cegueira de feições do que qualquer outro. Só ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia como era viver com uma mãe que não se lembrava do próprio filho e marido. Meu avô, por outro lado, era doce e gentil, tentava me fazer enxergar minha condição com outros olhos, e por causa dele, eu acreditava na bênção que minha avó pregava.

Tudo que é ruim tem que ter um lado bom.

Kieran abriu a porta do seu carro para mim quando chegamos. Estudei com atenção o banco estofado de couro preto e o painel automático, com luzes demais para meu cérebro. Não tinha andado em nenhum outro carro além da caminhonete velha do meu pai nos últimos vinte anos.

— O que foi? — perguntou, parado ao meu lado.

— Eu acho que não te reconheci — confessei, apertando a mochila contra o peito como se ela fosse meu bote salva-vidas.

PERIGOSAS ACHERON

Ele gargalhou antes de me responder e me senti mal por isso. Muito.

— Você está brincando comigo?

Não tive coragem de olhar para ele. Fechei os olhos, sentindo o rubor em minhas maçãs, completamente envergonhada. Quando eu não respondi e nem mesmo consegui encará-lo frente a frente, sua risada cessou, e ele soube que eu não estava brincando. Eu realmente não reconhecia seu rosto, embora me lembrasse dos detalhes minuciosos que nos levaram até aquela situação.

— Eu segurei você no terraço ontem, você tirou uma foto minha e depois me adicionou no *Facebook*.

Continuei fixando o olhar no acolchoado do banco do passageiro. Ele suspirou, demonstrando impaciência, mas continuava em silêncio. Kieran estava respeitando meu momento de raciocínio. Encarei seu rosto outra vez, procurando pelo

detalhe intrínseco que o transformasse em uma pessoa única e onde eu guardaria sua característica para sempre, assim, me lembraria dele quando nos encontrássemos de novo.

Então, eu a vi. A rosa que se iniciava na parte da frente de seu pescoço com as pétalas grandes, rudes e grossas que destoavam do cabo verde que terminava sob a camisa. Como um estalo, meu cérebro assimilou a tatuagem ao timbre da voz, a risada rouca, o cheiro almiscarado. Fechei os olhos, pressionando com força me lembrando vagamente da foto que ele tinha em seu *Facebook* e que fez meu coração se esmagar entre a caixa torácica, como se me obrigasse a voltar à realidade.

— É, eu sei, não é como se eu me esquecesse de você. Só não me lembrava do seu rosto.

Entrei no carro e puxei a porta com força, batendo-a. Ele me encarou através do vidro, sustentei seu olhar por cinco segundos, talvez.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava irritada, tentando compreender porque eu me sentia no direito de estar.

Ele riu, balançando a cabeça desacreditado. Pelo retrovisor vi quando resmungou baixo ao atravessar pela traseira do carro e tomar seu lugar no volante.

— Só para deixar claro, eu me lembro claramente de você. — Ele deu a partida no carro e ajustou a postura no couro. — Estou feliz em te encontrar de novo. Fiquei curioso sobre você e um pouco preocupado.

Esticou o pescoço para seu lado esquerdo, verificando se podia sair. Engatou a marcha e saiu devagar da vaga.

— Philip sabe que você gosta de olhar para Seattle do terraço de um prédio de trinta andares?

— Não e agradeceria se você também não contasse. Aquele é meu lugar secreto.

— Não é mais.

Minha cabeça tombou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora eu também o conheço.

Ele não desviou os olhos das ruas de Seattle enquanto dirigia e falava. Aproveitei o momento para estudá-lo mais um pouco. Seu maxilar estava travado, assim como no dia anterior, no alto do terraço, quando me segurou.

— É, eu acho que sim.

— O que você fez com a foto que tirou de mim?

Mordi o lábio inferior, pensativa. Peguei o caderno dentro da mochila e o abri, paginando até encontrar sua foto. Ele parou no sinal vermelho, olhou para mim esperando por uma resposta.

Levantei o caderno mostrando-o. Ele o pegou, encarando com curiosidade a foto, passou o dedo suavemente onde eu havia escrito sobre o momento em que nos conhecemos.

— Legal, você é uma observadora ou algo assim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Percebi que ele não tinha reparado na capa do caderno, mas considerei a ideia de contar a ele o real motivo de fotografar os rostos das pessoas que eu considerava importante. Ele devolveu o caderno e o coloquei de volta na mochila.

— Se eu te contasse, você não acreditaria. — Dei de ombros.

— Você pode se surpreender com a minha capacidade de compreensão, Izzie. Não me subestime! — Ele estava sorrindo, vendo-o relaxado daquela maneira, automaticamente meus lábios se curvaram acompanhando seu momento. — Você não é de conversar muito, né?

— Eu não tenho muitas pessoas com quem conversar. — Desviei o olhar, vendo como tudo passava rápido enquanto trocávamos poucas palavras.

— Por que não?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca fui a escola, estudei em casa; e quando terminei o colegial, comecei um curso de fotografia pela internet. — Virei a cabeça para ver o que a minha história podia fazer com a compreensão de alguém. — Não tenho nenhum amigo. Não estive em festas. Nunca tive um namorado. Não sei como é ser beijada ou estar nos braços de alguém. Eu não sei absolutamente nada do mundo, Kieran. Gosto de fotografar as pessoas porque, de alguma forma, suas expressões trazem algo novo para a minha vida. Algo que eu não conheço e talvez nunca vá conhecer.

— Então, você vive em algum tipo de prisão domiciliar? — Sua testa estava vincada, a expressão esboçava compaixão, um pouco de confusão. Mas ele estava certo, estava tentando ser compreensivo e não fazendo julgamentos precipitados.

PERIGOSAS ACHERON

Kieran perguntava antes de se decidir. Ele questionava antes de julgar.

Acho que foi esse um dos motivos de eu ter me apaixonado por ele.

— Eu só aceito a minha condição, simples assim.

— E qual é a sua condição?

O carro parou. Tínhamos chegado em vinte minutos e tive uma conversa duradoura com alguém que não era meu pai nem mesmo minha mãe. Eu me sentia leve, como alguém que experimenta algo pela primeira vez e adora a sensação.

— Vivo um dia de cada vez, Kieran. Quem sabe na próxima eu te mostro a minha condição. — Sorri, abrindo a porta do carro e saltei, acenando com a palma da mão, suavemente.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

KIERAN

*“Talvez eu esteja com frio
Congelado pelo meu passado”*

ALONE – BAZZI

Eu estava trapaceando a mim mesmo convencendo Declan a me deixar trabalhar para ele? Até então, este era o sonho do meu pai, não o meu, mas eu estava cercado por um labirinto e não sabia para onde correr, se não para meu primo. Em meu primeiro dia estava cercado de pessoas mais velhas me dizendo como eu deveria administrar PERIGOSAS ACHERON

uma empresa do tamanho da *Grayer Technology* e assumir, em meus vinte e três anos, uma responsabilidade daquelas.

Declan não se importava com a opinião de ninguém. Ele decidia e as pessoas respeitavam, mas, como investidores, eles tinham a obrigação de questionar as decisões do único principal acionista da empresa. Lembro como meu pai ficou furioso, sendo o único advogado a ser demitido da empresa por Declan quando assumiu. Ele ia contra toda a decisão de Freya ser dona de grande parte das ações, podendo, na ausência de Declan, tomar a frente, e questionar a capacidade de Freya na frente de Declan era um erro fatal. Ele a amava, confiaria sua vida a ela. Só depois perceberam como a esposa de Declan era capaz de fazer grandes mudanças e ser lembrada.

Naquele momento, eu estava rodeado de olhares que questionavam as minhas intenções com uma

PERIGOSAS ACHERON

empresa localizada no Japão e se tinha a capacidade de manter os números em alta, desenvolvendo a melhor tecnologia que o mundo um dia já viu.

Eu, entretanto, acreditava no meu potencial, mesmo que no começo não estivesse interessado em trabalhar para Declan, agora meu objetivo primordial era ter sucesso e recuperar a garota que eu estava apaixonado. Nem que para isso eu tivesse que sacrificar minha vida em Seattle.

— Declan, não estamos questionando sua posição, mas...

Meu primo soltou a caneta sobre o seu notebook e encarou, do outro lado da mesa, um dos investidores grisalhos.

— Você está questionando não só a minha posição, mas a capacidade de Kieran para o trabalho. Se eu tivesse qualquer dúvida quanto a isso, provavelmente não estaríamos aqui agora. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se levantou, prendendo os botões de seu paletó.
— Freya aprova a ideia e eu estou de acordo que Kieran, em quatro meses, assuma a filial no Japão.

Eu me levantei, não querendo que Declan falasse por mim sobre minhas habilidades com números, eu estudei para administrar e em pouco tempo estaria pronto.

— Estou concentrado em levar a *Grayer Technology* ao seu melhor patamar de números. Esse é meu único incentivo, garanto a vocês, senhores, que estou pronto para a posição que Declan me ofereceu.

Eles cochicharam entre si, Declan e eu trocamos olhares cúmplices enquanto esperávamos a decisão final. Meu primo estava tranquilo porque nenhuma decisão que partiu dele nos últimos dois anos tinha surtido efeito contrário ao prometido. Ele confiava em mim e me esforçaria para não o decepcionar.

PERIGOSAS ACHERON

— Espero que a sua postura fale mais do que a sua história, Kieran. — O senhor grisalho respondeu outra vez, se levantando e levando com ele os outros doze investidores a se erguerem também. Todos se empertigaram e desamassaram seus paletós caros enquanto me analisavam. — Nós confiamos em você, Declan. Arthur também confiava.

— Não se preocupe, senhor Lee. — Declan segurou firmemente meu ombro, tombei um pouco para o lado com a força que ele impôs e sorri forçado. — Tenho certeza de que Kieran fará um excelente trabalho no Japão.

Os investidores se despediram formalmente com apertos de mãos cordiais e as maçãs de minhas bochechas estavam doloridas de sorrir forçadamente para cada ricaço que se aproximou.

Finalmente ficamos a sós e segui Declan até a sua sala de quatro metros quadrados. Ela era limpa

e espaçosa, comparada ao tempo em que Arthur administrava. Meu primo tinha uma mesa de tampo duas vezes maior no meio e, na diagonal, ficava a mesa de Freya com a pilha de documentos para revisar e novos planos para serem aprovados. Declan queria que ela parasse de trabalhar, mas ela continuava participativa na empresa mesmo pesando oito quilos a mais e com pés inchados.

Os quadros caros que Arthur expunha nas paredes de cimento queimado do escritório haviam desaparecido. Atrás da mesa de Declan, o prédio era todo rodeado de janelas de vidro fumê e no canto esquerdo, uma fileira interminável com livros de todos os gêneros. O tapete felpudo bege no centro da sala tinha sido ideia de Freya, tive certeza.

— Acho bom você não me decepcionar mesmo.
 — Declan sentou-se à cadeira e sua postura autoritária me fazia questionar se no passado, ele

PERIGOSAS ACHERON

tinha mesmo cuidado de cavalos e uma fazenda enorme, como Freya e Eve costumavam contar. — Estou colocando uma corda no meu pescoço por você.

— Eu quero isso, Declan.

Ele suspirou.

— Só não tenho certeza se você quer isso pelos motivos certos.

— O que isso quer dizer?

Apoiou os braços na mesa e gesticulou o queixo para que eu me sentasse na cadeira à sua frente.

— Se mudar para o outro lado do mundo em busca da aprovação da Lysa. Isso me preocupa.

— Meu pai fodeu com toda a minha vida, Declan. Você melhor do que ninguém deveria estar feliz por eu poder sair daquela casa de uma vez por todas! — Desmanchei a postura séria e compenetrada que os investidores viram na sala de reuniões. Estiquei os pés para baixo da mesa, PERIGOSAS ACHERON

escorreguei na cadeira e cruzei os braços sobre o peito.

— Eu me sinto aliviado por você não ter se tornado um completo babaca. Não te julgaria se você odiasse tudo e todos a sua volta com a vida que você tem levado, mas não quero que você se concentre nesse emprego só pensando no seu relacionamento com a Lysa. — Suspirou, recostando-se à sua cadeira majestosa. — Quero que faça isso por você.

Uni as sobrancelhas ao centro da testa.

— É importante que você ame a sua vida mais do que ama a Lysa. É importante que você entenda, Kieran, que estar apaixonado por alguém significa mais que se doar. Você precisa se considerar prioridade antes de se dar o privilégio de amar outra pessoa! — Ele suspirou. — Você precisa arrumar a *sua bagunça* para deixar outra pessoa entrar.

— Minha vida ficou mais leve depois que você voltou para Seattle, mas você está dizendo que se quero ir para o Japão preciso superar a Lysa?

— Eu sei que a história de vocês tem um significado marcante na sua vida. Só estou dizendo que, talvez, ela não estar mais com você, não seja por causa do seu pai. Talvez seja *você* o problema, Kieran.

Vinquei a testa, irritado com meu primo. Eu dei a ele a liberdade de se aproximar, uma raridade para as pessoas e ele estava cuspiendo na minha cara que eu não merecia ficar com a Lysa. Ele estava cuspiendo um veneno ácido que queimava minha pele e me machucava de modo muito cruel. Em um ímpeto de raiva eu me levantei, atravessei a mesa. Declan girou em sua cadeira me encarando de volta.

Puxei-o pelo colarinho do paletó com firmeza, levantando seu corpo da cadeira como se não

PERIGOSAS ACHERON

pesasse nada. Ele ergueu as mãos espalmadas.

— Se hoje ela me odeia, é porque meu pai fez isso! — sibilei, próximo ao seu rosto. — E eu nunca vou perdoá-lo pelas coisas horríveis que ele me fez passar. Meu corpo inteiro tem marcas que me fazem lembrar dos dias em que me espancava até eu não ter consciência disso!

Eu o soltei quando ele segurou meus pulsos e os apertou com força, me trazendo de volta para a realidade. Desgrenhei os cabelos assentados em um penteado novo para trás, que naturalmente eu não usaria. Aquela roupa não combinava comigo. Aquele cabelo não combinava com a pessoa que eu era. Nada do que eu estava fazendo combinava com a pessoa que eu olhava no espelho todos os dias.

— Se Lysa te dissesse essas coisas, você agiria dessa forma? — Ofegante, ele tentou desamassar seu terno. — Não seja como seu pai.

— Desculpa, Declan.

— Você precisa espairer, toma um ar e pensa na razão de você querer trabalhar para mim. Se é porque você realmente quer um emprego ou se está fugindo da merda dos seus problemas; e se for a segunda opção, sugiro que você volte para casa, porque aqui não é seu lugar.



Sua mensagem foi encaminhada para a caixa postal. A mensagem continuava repetindo toda vez que eu ligava para Lysa, sem piedade, ela recusava todas as minhas ligações. Mas ainda não tive coragem para bater à porta de sua casa. As coisas entre nós não podiam ter terminado pior. Na verdade, Declan tinha razão. Ela me ignorava por um motivo e esse não era meu pai.

Nunca tive coragem suficiente para enfrentá-lo, por medo. Eu sentia toda a dor quieto, porque se eu gritasse, se eu pedisse para ele parar, mais doía,

mais intenso a dor se tornava e muitas vezes eu cheguei a pensar que seria a última, porque ele acabaria me matando. Para Frank aquela era a melhor forma de ensinar alguém. Me perguntava se minha mãe sentiu o peso de sua mão e se sentiu, o que a fez aguentar por tanto tempo. Ainda morava com ele por não ter opção de escolha e, enquanto Declan não me pagasse o salário pelo meu trabalho, eu precisava continuar vivendo com meu pai.

Apertei o celular entre os dedos, sentindo o coração ser esmagado com as lembranças fodidas e lamentáveis que carregava na minha mente. Como eu queria esquecer toda essa merda de uma vez por todas e fazer parar de doer.

Eu subi no peitoril do prédio, onde sem ter a intenção, segurei uma garota em meus braços. Olhei para baixo, abri os braços para as laterais sentindo o vento do fim da tarde cortar a pele do meu rosto. O sol se escondia entre as nuvens,

PERIGOSAS ACHERON

deixando que a lua tomasse seu lugar. A sensação que Izzie sentiu ao ficar parada ali, daquela maneira, só sentindo o vento em seu corpo estava em mim e consegui compreendê-la. Pela primeira vez, consegui compreender a garota de cabelos loiros platinados que tinha uma confusão nos olhos.

Os quatro botões da minha camisa estavam abertos, esperei o dia todo para finalmente poder tirar aquela roupa, mas ainda estava criando coragem para ir para casa e enfrentar o doutor Frank. Às vezes, eu voltava bêbado e escalava a casa para entrar pela janela do meu quarto, se ele não acordasse com o barulho eu teria sorte. Então me levantava antes dele e saía.

A porta de metal atrás de mim se abriu, me virei, e desci do peitoril encontrando a figura feminina que caminhava em minha direção. Um sorriso branco desalinhava seus lábios e os separava. O caderno que eu tinha visto mais cedo

estava entre seus braços, ela o abraçava como se o protegesse.

— Você não estava pensando em pular, estava?

— Esse é mesmo seu lugar secreto.

— Ele é e você está o roubando de mim. Venho aqui porque gosto de ficar sozinha!

— Achei que você fosse uma pessoa sozinha, sabe? Sem amigos e tudo mais.

— Existem pessoas que tem amigos e ainda assim se sentem solitárias. — Ela franziu a testa, mordeu o lábio inferior e o sugou para dentro da boca, pensativa. Por um segundo, fiquei preso naquela ação e já estava começando a pensar que era uma mania inocente, embora aquilo a deixasse atraente. — O que você está fazendo aqui?

Ela deixou a mochila e o caderno no peitoril, carregando apenas a câmera junto. Izzie a posicionou na frente do olho direito e mirou sua lente, ajustando o zoom. Minha resposta imediata

PERIGOSAS NACIONAIS

foi fazer uma cara séria e de desgosto quando ela bateu a foto. Quando afastou a câmera, estava preocupada que eu realmente estivesse chateado com sua mania de fotografar as pessoas.

— Não estou fazendo nada. Só olhando.

Encostei no peitoril e escondi as mãos dentro dos bolsos fundos da calça social.

— Hum, que chato.

Ela se virou para frente e inclinou, mirando com a lente da câmera para os pássaros que voavam em círculos sobre nossas cabeças. Com um click, capturou a imagem e voltou sua atenção para mim.

— Você faz coisas mais interessantes do que só olhar quando fica aqui?

— Não, mas isso é normal para mim. Você parece mais ser o tipo de cara que em uma sexta-feira como essa sai com os amigos e a namorada para beber.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Touché!* — Fiz um gesto para ela com o indicador, dando uma piscadela descontraída quando sorriu. — Eu estudei a vida toda em um colégio interno na Virgínia e na faculdade estava concentrado demais para fazer muitos amigos, Lysa foi minha única amiga e namorada.

— E onde está a Lysa? — Ela ergueu a câmera na minha direção outra vez. *Putá que pariu, ela tinha mesmo alguma coisa com o meu rosto.*

Ergui a mão impedindo que ela conseguisse uma visão melhor dele, mas mesmo assim o click veio a seguir, me garantindo que, independente do ângulo, ela continuaria fazendo isso.

— Nós não terminamos, se é isso que você quer saber.

As sobrancelhas levantadas de Izzie diziam que ela não acreditava, mas depois deu de ombros, como quem não se importava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só estamos tendo alguns problemas ultimamente.

— Você parece ser muito apaixonado — ela soltou de repente e quando percebeu, se virou para mim com os olhos arregalados, preocupada se tinha cometido algum erro. Ela com certeza não tinha.

— Andou me stalkeando, Izzie?

Deu de ombros.

— Você bisbilhotou minhas fotos no *Facebook*, não foi? — Joguei a cabeça para trás, gargalhando.

— Tudo bem, eu também estaria interessado em mim — brinquei com ela, mas Izzie não parecia o tipo de garota que entendia piadas como aquela e ficou corada depressa. Como ela tinha uma tonalidade pálida nas maçãs, não havia como disfarçar.

— Você é muito convencido! — Solto a câmera que ficou presa em seu pescoço por um

PERIGOSAS ACHERON

cordão e cruzou os braços, parecendo mesmo envergonhada.

Continuei olhando para ela até perceber que estava hipnotizado, mesmo que tentasse, não havia uma forma de desviar o olhar sem parecer que eu não queria fazer aquilo, que não era uma vontade própria. Estava nitidamente interessado nas peculiaridades de Izzie Johnson. Não havia nada sobre ela em seu *Facebook* – e sim, fiz o mesmo trabalho sujo que ela. Na primeira vez, fiquei mais irritado por ela estar brincando comigo; e na segunda, fiquei intrigado. Agora com ela por perto, sendo tímida e corando a cada comentário brincalhão, parecia boa de um jeito que não conseguia explicar. Ela se parecia tanto com um anjo enquanto a encarava, que não podia desviar.

Meus olhos viam e meu coração sentia o efeito.

— Izzie. — Desencostei-me do peitoril, libertando os braços que permaneceram cruzados

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por todo aquele tempo. — Você disse que na próxima vez em que nos víssemos, contaria sua condição. — Parei de frente para ela, que estava acuada, se recostando à lateral da barreira que cercava o prédio. Sua respiração ficou entrecortada, mas ela não desviou o olhar. — Qual é?

Izzie engoliu em seco, vi claramente quando a saliva atravessou sua garganta. Meus olhos estavam acompanhando seus movimentos, hipnotizados pela sua aura angelical.

— Qual é sua condição, anjo?

Ela fechou os olhos quando me inclinei, virando o rosto, fugindo de mim. Eu me afastei quando percebi que a minha proximidade a incomodava.

— Desculpa — pedi, esfregando a nuca. — Não quis te...

— Eu tenho prosopagnosia — interrompeu-me e meus olhos recaíram sobre ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como é? — indaguei, com os olhos atentos à sua resposta.

— Prosopagnosia. É uma alteração de percepção que faz com que meu cérebro não reconheça rostos. — Abaixou a cabeça, e começou a brincar com os botões de sua câmara, sem graça. — Eu não consigo reconhecer quase ninguém, nem mesmo os meus pais, levo algum tempo para conseguir. — Suspirou, derrotada, quando eu não disse nada. — Sofro de “cegueira de feições”. É por isso que meus pais me protegem tanto, com medo de que as pessoas me tratem como esnobe e arrogante, e eu acabe me machucando. — Ela sorriu tristemente. — Eu também não consigo me reconhecer. Quando penso em mim, lembro das minhas roupas, de como gosto de me vestir e do meu tom de voz, mas quando penso no meu rosto, não sei como ele é.

PERIGOSAS ACHERON

Minha testa enrugou. Nunca tinha escutado sobre a tal prosopagnosia, mas dava para ver como afetava a Izzie seu problema para reconhecer os rostos das pessoas e isso fazia sentido, se tratando de mim, quando ela não me reconheceu de imediato. Queria perguntar a ela, mas a tensão em seus ombros mostrou que ela já estava desconfortável o bastante para um dia.

O que mais entristecia Izzie era o fato de ela não se reconhecer. Não reconhecer a si próprio, não saber como é seu rosto, deve ser uma sensação de impotência que nenhuma outra pessoa seria capaz de suprir. Mas eu me sentia na obrigação de dizer a ela como eu a via, mesmo que minha opinião não importasse.

— Você é linda, Izzie. — Seus olhos se encontraram com os meus no caminho. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, mas alguns fios caíram sobre sua testa e grudaram ao suor. — Seus

PERIGOSAS ACHERON

cabelos são loiros platinados. — Segurei uma mecha fina que grudou na lateral de seu rosto e a prendi atrás de sua orelha. — Seus olhos são azuis-turquesa, recheados de pureza. Qualquer um se sente hipnotizado olhando para você. Ah, você é muito branca, quase pálida. — Toquei gentilmente na ponta de seu nariz. — E cora facilmente, isso deixa suas bochechas púrpuras. — Ela fechou os olhos sob meu toque quando contornei as maçãs de seu rosto, descí pela lateral até chegar a ponta de seu queixo e subi para seu lábio inferior, com a ponta do polegar passei com ele sobre sua boca. — Seus lábios são carnudos — sussurrei e afastei a mão quando senti que já tinha decorado suas feições.

Izzie não teria nenhum problema para esquecer meus traços, mas em poucos minutos eu tinha decorado os seus.

— Seu rosto é assim, anjo.

Sorri, colocando as mãos de volta no bolso. Eu tinha acabado de tocá-la e minha mão formigou em descontentamento quando me afastei de sua pele quente.

— Sua namorada não vai gostar nada disso — ela sussurrou, voltando a olhar para o sol se pondo.

Eu ri.

— A quem estou querendo enganar? — Balancei a cabeça, senti os olhos marejarem. Por alguns segundos, eu tinha me esquecido de como era o peso que eu carregava no coração por ser tão perdidamente apaixonado por Lysa. — Ela terminou comigo há dois meses, só não consigo aceitar que acabou.

— O que aconteceu? — Izzie se aproximou, encostando seu ombro na lateral do meu braço.

— Meu pai aconteceu.

— Como assim?

— É complicado.

Ela percebeu que eu não queria falar do assunto e sorriu compreensiva.

— Vocês formam um par bonitinho. — Embora Izzie estivesse dando de ombros enquanto dizia aquilo, ela estava sendo sincera. Provavelmente tinha visto fotos minhas com Lysa, mas não se recordava de seu rosto. — Ela parece ser importante e você é apaixonado por ela, vão encontrar um jeito de fazer dar certo.

— Não tenho certeza. — Inspirei fundo. — Já ouviu falar que existem dois amores que vão passar pela sua vida? O que dá certo e o que você queria que desse.

— Lysa então é o amor que você queria que desse certo?

— É, acho que sim.

— Você já conheceu o que dará certo?

— Não — Dei de ombros, despreocupado. —, mas deve estar por aí. Não estou procurando por ela

PERIGOSAS ACHERON

ainda.

— Por que não?

Olhei para ela de lado, retirei uma das mãos de dentro do bolso e apertei gentilmente o topo de sua cabeça com a mão aberta. Ela era pequena perto de mim.

— Ai! — resmungou, esfregando a região onde minha mão esteve.

— Você faz muitas perguntas, anjo.

De repente, ela começou a falar muito, mas eu gostei de como a aura gentil que a cercava conseguia se ampliar e me puxar para perto.

— Izzie, quantos anos você tem?

— Vinte. Por quê?

A ideia que tive, talvez ela negasse de imediato, mas eu tinha esperança de que pudesse, ao menos, me deixar ficar por perto e continuar recebendo sua boa energia.

— Ótimo. Quer sair comigo hoje?

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? — Ela arregalou os olhos e deu um passo para trás.

— Qual o problema?

— Eu não sei se meus pais vão concordar com isso.

— Você disse que não conhece o mundo. Eu estou vivendo nele há um bom tempo. Vamos nos divertir hoje, quero fazer isso por você e... bom, por mim também.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

IZZIE

*“Eu estou apaixonado por você?
Ou eu estou apaixonado pela sensação?”*
**THE FEELING – JUSTIN BIEBER FT.
HALSEY**

Kieran estava certo de que lidar com meu pai seria fácil, quer dizer, eles trabalhavam juntos agora e ele tinha Declan ao seu lado para confirmar que eu seria sua prioridade acima de tudo. Se algo acontecesse, me traria direto para casa e eu estaria

ali até a meia-noite, independente do lugar que fôssemos.

Encolhida no sofá, olhando para meus coturnos e o jeans claro surrado, escutava meus pais ditando as regras da casa para Kieran. Ele assentia e concordava com tudo honestamente, sem gracinhas, sem pestanejar ou achar absurdo que uma garota de vinte anos não pudesse sair com um conhecido. De um jeito que nunca vi, ele respeitava a ideia de proteção dos meus pais. Kieran estava certo quando me alertou que eu não podia subestimar seu poder de compreensão, quanto mais ele consentia às ordens do meu pai, mais eu acreditava nele.

— Nossa garotinha está crescendo — mamãe sussurrou com uma mão sobre o peito esquerdo.

Kieran olhou para mim sorridente, mas nada surpreso.

— Cuide dela! — Apontou o dedo em riste para o rosto de Kieran.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não deixar a Izzie sozinha. Nenhuma uma gota de álcool deve entrar na boca dela. Não deixar que estranhos falem com ela. Não permitir que ofereçam bebida a ela, nem mesmo água. Eu vou ser mais que um conhecido, serei amigo e guarda-costas — ele repetiu, colocando as mãos dentro de seu moletom preto. No peitoral estava escrito em letras brancas “Arctic Monkeys”.

Meus pais não faziam julgamentos precipitados. Kieran era recheado de tatuagens, cada parte de seu corpo tinha uma diferente. Eu quis perguntar algumas vezes qual razão para ter se coberto com tantas, transformando-as em uma segunda pele para seu corpo. Mas meus pais não o definiram por isso, eles simplesmente aceitaram que era daquela maneira e ter desenhos no corpo não o transformava em uma pessoa ruim. Ele era só o Kieran, primo de Declan.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E? — Meu pai estufou o peito protetor, cruzando os braços.

— Não devo tentar dormir com ela. — Corei de novo, tive certeza por que a vergonha me pegou tão em cheio que não consegui continuar olhando para ele. — E vou deixá-la em casa até a meia-noite. Nem um minuto a mais, nem um minuto a menos.

Meu pai sorriu, orgulhoso. Deu tapinhas camaradas no ombro de Kieran.

— É a primeira vez que a Izzie sai com alguém — disse ele, sorrindo para mim, percebendo que eu estava em tom escarlate de vergonha. — Não se atreva a fazer com que seja a última! — Apontou o dedo autoritário.

— Sim, senhor.

— Se ele beber, você me liga — meu pai me avisou e concordei. Depois se dirigiu a Kieran. — Se você beber, eu te mato. Não me importo se Declan é seu parente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tinha certeza de que Kieran já estava arrependido de ter sugerido que saíssemos juntos. Existiam tantas regras para sair comigo que eu mesma já estava reconsiderando a ideia.

— Pai — o chamei baixinho.

— Oi, querida?

— Nós podemos ir agora? — Fiz um movimento contido com a cabeça para a porta, indicando a saída. — Faz trinta minutos que estamos aqui.

Ele concordou, mas percebi em seu rosto que ele continuava preocupado e a razão de ter imposto tantas regras era para nos manter mais tempo sob seus olhos. Kieran sorriu contente, não demonstrando nenhum arrependimento. Quando me levantei, ele segurou meu dedo mindinho para me guiar até a porta. Acuada, encolhi os ombros, escondendo o sorriso que insistia em aparecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos afastados o suficiente de casa quando eu voltei a falar, sentada no banco do passageiro em seu carro.

— Se você quiser beber, eu não vou contar — avisei, segurando com força meu assento.

— Izzie — ele riu, balançando a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse desacreditado —, não vou beber. Eu prometi ao seu pai.

— Mas você queria se divertir!

— Existem outras formas de se divertir, não precisamos beber pra isso.

Respirei aliviada, ele era um cara legal. Não tinha conhecido muitas pessoas em toda a minha existência na Terra, mas ele, aos poucos, estava prestes a se tornar a minha favorita para a vida.

— Você não devia mentir para me safar; se eu beber, deve contar. O que eu não vou fazer; mas se acontecesse, deveria ser honesta com seus pais e dizer a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é bem legal com uma garota para um cara que acabou de ter o coração partido em mil pedacinhos.

— Acredite, ela está pior do que eu e gostaria de poder fazer algo para ajudar, mas ela nem mesmo atende ao telefone.

Paramos no sinal vermelho.

Kieran me olhou apreensivo, estudando descaradamente meu rosto. Ele me olhava como se estivesse hipnotizado.

Não era a primeira vez naquele dia, já o tinha flagrado fazendo aquilo muitas vezes em poucas horas. Eu acabava desconfortável, corada e sentindo como se algo em meu rosto estivesse muito errado. Enquanto o sinal não abria, ele se inclinou em minha direção. Meu corpo recuou uma distância segura, seu hálito quente tocou meu rosto quando sorriu com os lábios entreabertos. Esticou a

PERIGOSAS ACHERON

mão sobre a minha cabeça e puxou o cinto de segurança, me prendendo ao banco.

Quando ele afastou, as batidas do meu coração começaram a normalizar, embora a respiração entrecortada fosse uma evidência de como meu corpo reagia quando ele se aproximava. Isso simplesmente começou a acontecer e não sei como, nem quando, isso também se tornou importante.

Ele usava uma calça jeans clara, ao voltar para seu assento, antes de afivelar seu cinto de segurança, retirou o moletom, passando-o pelos braços e a cabeça. Quando se esticou, a camisa branca lisa que estava por baixo subiu um pouco e vi seu abdômen em gomos definidos por sob o pano, e outras tatuagens apareceram, inclusive, a rosa que começava em seu pescoço terminava na entrada de sua calça jeans. Rumei o olhar para a rua ao perceber o que fazia e fiquei envergonhada quando ele também percebeu, mas Kieran não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mencionou o fato. Engatou a marcha e continuou dirigindo.

— Você vai trabalhar em uma nova filial, não é?

— Sim. Quem te contou? — Ele fez uma curva fechada, desviando para mim e voltando os olhos para a estrada novamente.

— Escutei meu pai dizendo algo para minha mãe.

— Seu pai fala muito sobre a empresa?

Neguei de pronto.

— Ele não costuma falar do trabalho comigo, foi só algo que escutei.

— Você não vai querer saber onde é. — Sorriu, tentando ser compreensivo.

— Por que não?

— Porque é longe daqui. Demais.

— Por que você iria para uma filial longe da Lysa? — questionei com as sobrancelhas arqueadas.

PERIGOSAS ACHERON

— De novo me enchendo de perguntas. — Ele retirou uma mão do volante e apertou minha bochecha fazendo uma pinça com os dedos. — Mas minha intenção era convencê-la de que poderíamos seguir em frente sem meu pai por perto e levá-la comigo.

— Por quê? Seu pai não gosta dela?

— Não. Ele não gosta. — A mandíbula de Kieran contraiu.

— Por que ele não gosta dela?

— Meu Deus! — Parou de uma vez e olhei para frente, percebendo que Kieran perdeu a concentração da rua com minhas perguntas. Me senti culpada e mordisquei as bochechas. Expirou o ar, passando os dedos pelos cabelos, ele recuperou o fôlego. — Porque ela é uma pessoa que me faz feliz e ele odeia me ver feliz. — Ele coçou a sobrancelha direita com a ponta do indicador. —

Ele também é um pouco racista, Izzie. Porque ela é negra.

— Por que ela é negra? — Outra vez fiquei surpresa, erguendo ambas as sobrancelhas, estiquei o corpo em sua direção, mas Kieran continuava atento à estrada.

— Sim.

— Então ele definitivamente é racista, isso não é um pouco e sim literalmente racista, Kieran.

Voltei para minha postura anterior, mas, desta vez, cruzei os braços. Não conseguia me lembrar dela, mesmo que me esforçasse. Em algum momento eu pararia de me esforçar tanto, sabia disso sem dúvida alguma.

— Ele te obrigou a terminar com ela por isso?

Kieran não respondeu. Engatou a ré, colocou a mão no meu encosto e olhou para trás, manobrando até conseguir colocar o carro na vaga minúscula entre uma moto e uma picape vermelha. Pressionei

os lábios me obrigando a ficar calada, mas não ficaria por muito tempo.

Acreditava que ele despertava tanto meu interesse porque nunca estive com ninguém e Kieran me tratava como uma pessoa normal. Mesmo depois de descobrir sobre minha cegueira de feições, ele continuava sendo o mesmo Kieran e, diferente de mim, não me sobrecarregou com perguntas.

Ele desligou o carro e olhou para mim.

— Desculpa, Izzie. Eu não quero falar sobre isso.

Soltando o cinto, ele saiu do carro, atravessou a traseira e abriu a porta para que eu saísse. Segurei firmemente a bolsa na lateral do corpo. Ele colocou a mão direita na base de minha cintura, me guiando para o enorme estabelecimento que cobria um quarteirão inteiro. As luzes que piscavam freneticamente lá de dentro, em tons rosados,

PERIGOSAS NACIONAIS

esverdeados e azuis, transpassavam as janelas que eram como barreiras para o som alto que reverberava pela rua.

Fiz uma careta para o lugar quando Kieran abriu a porta para que eu entrasse. No começo, uma pista de dança improvisada estava exposta em um canto isolado, separada por um chão xadrez. Ao lado esquerdo tinha várias mesas espalhadas e o bar no lado esquerdo com bancos altos para as pessoas que estavam sozinhas. O lugar estava cheio, cheirava a fumaça e suor, um odor que não agradava meu olfato.

No fundo do bar, algumas mesas de sinuca se espalhavam, algumas mesas de pôquer e xadrez ocupavam o restante do espaço. Percebi que o lugar era separado por descrição, os motoqueiros e mais velhos estavam no fundo, se distraíndo com jogos e na frente, onde acabei parando para observar, estavam os mais jovens e bêbados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos nos sentar. — Kieran me segurou pelos ombros, guiou meu corpo, driblando as pessoas que entravam em nossa frente até conseguirmos uma mesa.

Ele puxou a cadeira para que eu me sentasse e pendurei a bolsa em seu encosto. Apoiei o cotovelo na mesa, sustentando a cabeça com a palma da mão aberta e estudando o lugar mais uma vez. Alguns jovens, novos como eu, dançavam na pista reservada uma música que eu não conhecia. Enruguei a testa e Kieran se inclinou próximo ao meu ouvido.

— *Like That*, da Bea Miller. — A batida da música entrou em minha cabeça. — Gostou?

— É boa! — gritei de volta, me inclinando em sua direção.

— Você nunca dançou com alguém, não é?

— Não, nunca.

— Quer tentar?

PERIGOSAS ACHERON

Afastei, negando com a cabeça e rindo sem graça.

— Ah, qual é! Você vai gostar!

Ele se levantou, estendendo a mão para mim.

— Você confia em mim?

— Eu só te conheço há dois dias!

Kieran riu.

— Você está certa, mas que tal me dar a chance de provar que sou confiável?

Pensei, mas não muito antes de segurar sua mão. Não que ele estivesse me forçando a tomar uma decisão rápida, mas eu tinha passado uma parte de minha vida sem realmente vivê-la. Eu não experimentei nada.

Ele me guiou, andando de costas, segurando minhas duas mãos e olhando para meu rosto enquanto caminhávamos. Ao chegarmos ao centro da pista, as pessoas que ficavam no caminho acabaram cedendo e Kieran agradeceu por terem

PERIGOSAS NACIONAIS

aberto espaço. A música tinha começado há pouco, eu nem mesmo tinha me movimentado e sentia as grossas gotas de suor escorrer pela minha nuca.

Kieran segurou meus ombros, guiando meu corpo de um lado para o outro, acompanhando a batida da música.

Ele se aproximou, segurando meus pulsos e colocando minhas mãos em seus ombros. Suas mãos pousaram em minha cintura com suavidade, guiando meu corpo pela música que, embora fosse agitada, provava que qualquer estilo musical poderia ser dançado com outra pessoa. Encostei a cabeça em seu peito e senti quando o lábio de Kieran pousou em minha testa, descansando enquanto nosso corpo fazia o resto.

A concentração de pessoas ao nosso redor não importava, eu conseguia sentir as batidas frenéticas dentro de seu peito. Meus lábios se esticaram,

PERIGOSAS ACHERON

sorrindo, quando percebi que o movimento agitado dentro dele se devia ao fato de estarmos próximos.

Kieran se afastou, segurando meu rosto entre as mãos. Olhei dentro de seus olhos esmeralda e a respiração cortou quando ele se inclinou para beijar minha bochecha, suavemente seu lábio pousou em minha pele criando um leve arrepio que subia à espinha. Ele se afastou outra vez e voltou para beijar a outra bochecha, dessa vez demoradamente. Meu quadril e sua cintura mantinham o ritmo enquanto sentia as emoções tocarem minha pele.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou, ainda segurando meu rosto, mas seus lábios estavam tocando o lóbulo da minha orelha.

— Sim — respondi sem ar.

De volta em nossa mesa, Kieran me deixou sozinha, enquanto se afastava para pegar dois refrigerantes.

Comecei a mexer em meu celular esperando até que ele voltasse. E não percebi quanto tempo havia passado desde então.

Vi uma lata de refrigerante ser deixada em minha frente. Guardei o celular de volta na bolsa e ergui a cabeça.

— Desculpa, eu não posso pegar bebidas de estranhos.

O homem cruzou os braços na altura do peito, olhou para mim com apreensão e as sobrancelhas se arquearam. Afastei a lata de Coca-Cola e olhei para os lados, procurando por Kieran.

Eu me levantei, levando comigo a bolsa e olhando para os lados.

O coração maltratava minhas costelas, observei todo o espaço, não reconhecendo ninguém ao meu redor. Nenhum rosto. Ninguém. Nada. Absolutamente nada me parecia familiar. Não havia nenhum fragmento que eu pudesse me agarrar. Não

havia nada para mim. E o desespero ganhou forma, lágrimas desceram em disparada, atravessando meu rosto. Levei as mãos para o topo da cabeça e rumei para o lado direito. Rapidamente fui parada, algo prendia meu cotovelo com firmeza. Onde estava Kieran e por que ele demorava tanto?

— Izzie, sou eu! — O mesmo homem que tinha colocado o refrigerante na minha frente segurava meu braço, me impedindo de continuar. — Kieran. — Ele apontou para o próprio peito. Semicerrei os olhos, mas não conseguia reconhecer seus traços. Tem que existir algo. *Tem que ter algo.*

Ele me puxou para o fundo, por perder em questão de força, acabei cedendo e o acompanhei para o final do local. Olhava para todos os lados, meu deslocamento e confusão se evidenciando a cada minuto.

— Izzie! — repetiu, segurando minha cabeça entre as mãos, obrigando meus olhos a encararem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os seus profundamente. — Olha pra mim.

— Estou olhando! — Balancei a cabeça.

Levantou a cabeça, soltando a minha e colocando as mãos na cintura, soprou o ar com força para fora de seus pulmões. Uni as mãos na frente do corpo e baixe a cabeça, deprimida.

— Eu sinto muito.

— E você não precisa se desculpar.

Ele ergueu a cabeça, jogando-a para trás e esticando o pescoço. Fixei os olhos em sua tatuagem de uma rosa em que as pétalas grossas adornavam o pequeno botão. Inclinei um pouco a cabeça para conseguir enxergar melhor.

Kieran.

— Ai, meu Deus! — Cobri o rosto com ambas as mãos e balancei a cabeça. — Me desculpa, eu não reconheci você.

Kieran suavizou o semblante e gargalhou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que susto, puta merda! — soltou e empertiguei o corpo. — Anotação mental: não te deixar sozinha por nada nessa vida!

Encolhi os ombros, porque isso não era uma coisa boa e eu sabia.

— Você está bem? — perguntou, segurando meus ombros e afastando o suficiente para conseguir uma boa visão do meu rosto. — Caramba, Izzie!

— Estou bem. — Abaixei suas mãos, afastando-as de mim. — Não precisa falar assim, eu sei que tenho cem por cento de culpa!

— Não, eu não disse isso!

— Kieran, não quero que você pense que eu preciso de uma babá o tempo todo!

— Desculpa, Izzie. Mas eu saí por cinco minutos ou menos! — Ele ergueu os ombros, esticando as mãos com as palmas para cima.

PERIGOSAS ACHERON

Parecia ainda mais surpreso. — E quando eu voltei, você não me reconhecia mais.

— É isso que acontece comigo!

Ele jogou a cabeça para trás, bufando. Quando percebi que a discussão estava o cansando, desisti e rumei para a porta.

— Espera, aonde você vai?

— Para casa.

— Mas nós acabamos de chegar!

— E eu já consegui estragar tudo!

— Espera aí. — Kieran segurou meu pulso, puxando-me de volta. As pessoas ao redor podiam até se importar com a discussão que acontecia, mas elas não tinham a compreensão necessária para entender como *eu* funcionava. — Me desculpa. A culpa não foi sua. Eu só entrei em pânico!

— Eu sei disso!

— Me dá um desconto, é a primeira vez que eu saio com uma garota que não vai me reconhecer no

PERIGOSAS NACIONAIS

outro dia. — Ele sorriu, afastando a mecha grossa do meu cabelo que recaiu sobre meu olho. — Sou eu quem vai ter que ligar amanhã, não é?

— Primeiro, eu não sabia que isso era um encontro. — Ergui o indicador para mostrar minha contagem. — Segundo, você com certeza é quem vai ligar. Terceiro, eu me lembro do seu nome, só não reconheço seu rosto, bobinho.

— Estive com a mesma garota nos últimos anos, como posso saber o que é um encontro? — Ele cobriu meus ombros com seu braço tatuado. — Vamos jogar sinuca.

— Eu não sei fazer isso!

Kieran me puxou para perto de uma das mesas vagas.

— É claro, eu vou ensinar e você ficará tão boa que poderá me vencer nisso.

— Você é bom?

PERIGOSAS ACHERON

— Meu anjo, eu sou incrivelmente bom na sinuca!



Kieran se apresentava para mim a cada segundo, ele só estava se certificando de que eu não seria como areia e acabaria escapando pelo vão de seus dedos ou garantindo que não seria morto pelo meu pai se ele me perdesse no caminho. O bar todo aplaudiu quando eu derrubei a última bola na caçapa e o vencia na sinuca pela terceira vez consecutiva.

Não acreditava que as pessoas pudessem fazer as coisas com facilidade, isso até eu descobrir que era muito boa em sinuca sem nunca ter jogado. Kieran estava choramingando a terceira derrota pelos cantos e já tínhamos nos entupido de Coca-Cola desde que chegamos. Ele conseguiu um cara legal para buscar, assim não precisaria me deixar

PERIGOSAS NACIONAIS

sozinha para pegar mais bebidas, mas em troca Kieran pagaria quantos uísques ele quisesse enquanto estivéssemos no bar. O trato parecia justo e Kieran concordou.

— Não me olhe desse jeito, não jogo mais nenhuma partida com você. — Apontou em riste, brincalhão quando fiz bico para jogarmos mais uma.

Ele se aproximou, deixando seu taco sobre a mesa. Atravessou até estar de frente para mim. Abracei sua cintura de repente, pegando não só a ele, mas a mim mesma de surpresa. Eu estava me sentindo grata e não tinha nada que eu pudesse dar a ele que tivesse algum valor. Então eu o abracei. Kieran retribuiu, passando os braços em meu pescoço e me puxando para perto. Respirei seu perfume *Dolce & Gabbana*, me sentindo incrivelmente feliz e satisfeita com aquela noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada, obrigada — repetia e repetiria outras se fosse necessário. Afundei o rosto em seu peito, sorrindo como uma criança em véspera de Natal.

— Por que você fica repetindo isso? Não fiz nada.

— Você fez tudo — disse com a voz abafada por estar com parte do rosto escondido em seu corpo. — Não tive amigos. Não fui a festas. Não tive um encontro. Não dancei com um cara. Você fez tudo isso em uma única noite e eu serei eternamente grata, Kieran.

Ele beijou o centro de minha testa. As pessoas que acompanharam nossos jogos se dissiparam aos poucos, voltando às suas mesas.

— Você nunca foi beijada — sussurrou, próximo aos meus lábios, enquanto afagava meus cabelos.

— Não — concordei.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou considerando fazer isso também.

— Se você quiser.

Dei de ombros.

Eu realmente não me importava, se ele quisesse. Algumas oportunidades são únicas e, quanto mais pensava que Kieran não permaneceria tanto tempo assim em minha vida, mais certa eu estava de que precisava aproveitar as poucas aberturas que ele dava para sentir algo que não fosse o amor avassalador que tinha por Lysa.

Ele se inclinou em direção aos meus lábios e fechei os olhos, esperando o toque atingir e finalmente acalmar as batidas do meu coração – ou talvez, deixá-las ainda mais enlouquecidas. Sua respiração tocou a ponta de meu nariz, mas o toque nunca veio. Não veio naquela noite, talvez não viesse enquanto Kieran se sentisse na obrigação de proteger Lysa. Quando abri os olhos para ter certeza de que aquilo realmente não aconteceria,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele estava estático, como se a bala de um revólver o tivesse atingido no peito e desfalecia em meus braços.

Suas mãos pararam de se mover em meu cabelo e os olhos estavam presos em um ponto fixo por cima de meus ombros. Eu me virei em um rompante, curiosa para saber o que estava acontecendo, porque sua atenção havia se dispersado tão de repente.

Kieran olhava para uma mulher do outro lado do bar, que mantinha o mesmo olhar preso em minhas costas. Os olhos dela estavam avermelhados e os lábios tremiam, denunciando que se desmancharia em lágrimas na frente dele. A forma como o corpo de Kieran se moveu para longe de meus braços foi doloroso, como se estivesse o perdendo.

E soube que aquela era a garota a quem seu coração pertencia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lysa — ele sussurrou enquanto caminhava para aquela direção. As pessoas não estavam mais se importando com o que acontecia diante de meus olhos, mas eu sentia o oceano se acumulando neles. Kieran dobrou os joelhos, a força em suas pernas se perderam e Lysa o sustentou em seus braços.

Eles se sustentaram na dor um do outro.

Uma mistura de saudade e arrependimento estava dentro da bolha que os rodeava, como se o mundo não importasse dali para fora. Naquele mundo, eu não existia.

Não havia espaço para mim na vida de Kieran.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

KIERAN

*“Eu tenho observado você por algum tempo
Não posso parar de olhar para seus olhos de
oceano”*

OCEAN EYES – BILLIE EILISH

Quando eu a vi, soube que não podia beijar Izzie enquanto meu coração estivesse nas mãos dóceis de outra pessoa. Me afastei e o toque de Izzie me acompanhou, mas tudo mudou quando os braços de Lysa me receberam.

PERIGOSAS NACIONAIS

Afundi o rosto em seus cabelos encaracolados, sentindo o cheiro doce já conhecido e que tanto surtiam efeito em meu corpo. Ela me abraçou de volta e a raiva que todos me fizeram acreditar que Lysa sentia, não estava evidente na maneira como ela me embalava em seus braços. Seu toque continuava o mesmo e o meu coração respondia a ele como sempre.

Soltei o ar pelos lábios entreabertos, me sentindo aliviado por ter sido paciente e esperado o momento em que nós nos encontraríamos. Eu precisava vê-la, saber que não estava machucada. Toquei seus braços, segurei seu rosto e olhei dentro de seus olhos amendoados para ter certeza de que o que acontecia dentro de mim ainda vivia nela.

— Você está bem? — perguntei, tocando seu rosto. Ela ainda tinha marcas arroxeadas maculando sua pele.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. — Ela olhou sobre meus ombros. — Aquela garota. Ela não está com você?

— Está sim. — Segurei Lysa pela mão e a puxei para perto de Izzie, que ergueu a cabeça e olhou para mim.

Seus olhos denunciavam que ela já não me reconhecia mais. Pressionei as pálpebras com as pontas dos dedos e pedi a sussurros que Lysa me esperasse. Segurei Izzie pelo pulso e a conduzi para longe do aglomerado de pessoas que circundavam pelo bar e as mesas de jogos. Ela me acompanhou, sem se reter até estarmos ao lado do meu carro, longe de toda a balbúrdia.

Ela se soltou em um solavanco, puxando o pulso com força para baixo. Soube que havia me reconhecido, antes mesmo de eu começar a me apresentar.

— Izzie, por favor. — Juntei as mãos em forma de oração na frente do peito, pedindo que ela

PERIGOSAS ACHERON

tivesse paciência. Suplicando para que ela tivesse um pouco de paciência. — Eu vou te levar para casa. — Ergui o antebraço, conferindo as horas no relógio de pulso. — São onze e meia, me dê alguns minutos e eu...

Ela colocou a mão na maçaneta da porta do meu carro. Meu cérebro estava tão transtornado que levei algum tempo para perceber o que sua ação significava. Desativei o alarme e ela abriu a porta, se aconchegou no assento e afivelou o cinto de segurança. Antes que pudesse fechá-la, me aproximei, segurando a porta.

— É a minha única chance de resolver a minha história com ela.

Izzie assentiu, mas sem olhar para mim.

Concordei com um meneio de cabeça. Olhei para trás e vi que Lysa estava de braços cruzados, esperando.

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente, fiquei com raiva. Por que ela simplesmente aparecia e ia embora quando bem entendesse? Por que ela não respondia minhas mensagens e não atendia as minhas ligações? Bati a porta com força, como se fosse possível diminuir a ira crescente em meu peito.

— Por que você desapareceu? — gritei, antes mesmo de estar próximo. — Eu não merecia isso, Lysa.

— Sinto muito, Kieran.

Parei, colocando uma mão na cintura e a outra desgrenhando os fios em minha cabeça.

— Queria saber se você estava bem. Se nós ficaríamos bem quando superássemos o que aconteceu, mas você... *sumiu*.

Ela ajeitou um cacho rebelde atrás da orelha, cruzou os braços, mas sem ter coragem de me olhar nos olhos. Sabia o motivo, ela choraria se tentasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meus pais me proibiram de te ver — disse finalmente e meu mundo desabou outra vez. — Eles tiraram meu celular, me proibiram de te encontrar e estou indo para Los Angeles, Kieran. Minhas chances de me tornar uma atriz são poucas e quero tentar por lá. Meus pais vão me apoiar, contanto que eu não te veja mais.

— E você concordou?

Ela continuava de cabeça baixa.

— Lysa, fala comigo! Há dois meses eu não te vejo, fala comigo. — Tentei tocá-la, mas ela se afastou, abraçando a própria cintura.

Seu rosto estava aquoso com lágrimas serpenteando em trilhas solitárias quando ergueu a cabeça para me encarar. Engoli em seco.

— Concordei.

Libertei uma risada irônica, esticando o pescoço joguei a cabeça para trás, me afundando mais naquela merda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você fez isso, Lysa? Por que desistiu de mim?

— Eu? — Ela apontou para o próprio peito. — Esse é o seu problema, Kieran. Você comete seus erros e depois me culpa por eles. Você desistiu de nós primeiro. Você me deixou queimar na fúria do seu pai e eu ainda estou marcada! — gritando, segurou o próprio braço para mostrar as marcas. — Estou processando ele por agressão e racismo. Você tinha o dever de me proteger! De *nos* proteger!

— Você vai processá-lo? Ele não vai te deixar em paz se fizer isso!

— E eu não vou viver em paz se *não* fizer isso! — Ela limpou as lágrimas com o dorso da mão. — Eu te amo, Kieran, mas nós não podemos mais. *Eu não quero mais*. Acabou há muito tempo, você que não se deu conta.

PERIGOSAS ACHERON

— Lysa. — Estiquei a mão para segurá-la antes que estivesse inalcançável, mas meus joelhos cederam e o andar vacilou. — Por favor, você era a única que meu pai não podia tirar de mim.

Ajoelhei-me no asfalto, sentindo o joelho roçar contra o chão áspero e me arrastei para me sentar na lateral da calçada.

Ela se afastou rápido demais para que eu pudesse revidar. Tentar, pelo menos, convencê-la.

Cobri a cabeça com as mãos espalmadas, colocando-a entre as pernas. As lágrimas que escorreram, caíam aos meus pés e nelas eu via como eu me esforçava para ser uma pessoa melhor que meu pai. Como eu me esforçava para não ser um completo babaca, egoísta e sem coração, mas quanto menos eu me parecia com ele, mais meu pai me castigava por respirar.

— Kieran. — A voz angelical preencheu meus ouvidos e acariciou meu coração como se tivesse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos.

Izzie dobrou as pernas e ficou diante de mim, se apoiando na ponta de meus joelhos. Ela enterrou os dedos nos fios em minha cabeça, acariciando até que o choro se tornasse silencioso e calmo. Ergui a cabeça e a apoiei na lateral do braço.

Ela havia cedido ao cansaço e se sentado na minha frente, mas ainda apoiava a cabeça em meus joelhos. Os olhos estavam fechados com suavidade e tomei a liberdade de acariciar seus cabelos assim como ela havia feito comigo.

Os olhos se abriram no mesmo instante, verificou a rua com atenção, olhando apreensiva para a penumbra que nos rodeava. Conferi o relógio e vi que ainda tínhamos alguns minutos antes de ter que deixá-la em casa.

Ela levantou a cabeça assustada ao perceber que se acomodava confortavelmente em meu colo.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa, eu perdi a cabeça quando vi a Lysa.

— Vocês se resolveram?

— Acho que eu posso sair do escuro agora. — Respirei fundo, limpando o rosto com a barra da camisa. — Meu pai tirou as únicas coisas com as quais eu me importava. O que ele faz comigo de agora em diante não importa mais. Eu não tenho mais nenhuma fraqueza que ele possa atingir e que vai me machucar.

— Vocês terminaram? — Ela tombou a cabeça para o lado.

— Sim. Nós terminamos. — Esfreguei a nuca com a mão espalmada.

— Kieran, o que seu pai fez?

— Ele a machucou. Me machucou. Nos machucou. — Izzie ainda parecia confusa. Não havia contado com tantos detalhes para mais ninguém além de Freya e Declan, e eu queria

contar para a garota sentada à minha frente. — Lysa estava grávida.

Ela cobriu os lábios, tentando esconder a surpresa.

— Quando nós contamos a ele, meu pai surtou e o resto da história você deve imaginar que não foi bonita. Eu sobrevivi porque estou acostumado com o gênio do meu pai, mas Lysa ficou semanas no hospital; e, quando acordou, tivemos que contar a ela sobre o bebê. Depois disso, ela desapareceu da minha vida como fumaça e se tornou inalcançável.

— Kieran... — Izzie engoliu em seco. — Seu pai... ele bate em você?

— Desde o meu primeiro ano de vida.

Ela voltou a cobrir a boca aberta. Os olhos se tornaram dois cristais avermelhados e cheios de água. Quando piscou, as lágrimas finalmente se libertaram. Eu sorri agradecido pela sua

compaixão, me inclinei para limpar seu rosto com o polegar.

— Vem, vou te levar para casa agora, isso se eu quiser viver um dia de cada vez como você.

Eu me levantei e andei em direção ao carro, esperando que Izzie me acompanhasse. Parei quando percebi que ela não me seguia, estava no mesmo lugar com os punhos fechados e a atenção centrada em minha nuca. Minhas sobrancelhas arquearam, fiquei confuso.

Ela andou apressada em minha direção, conforme a distância entre nós diminuía, suas passadas curtas dobravam de velocidade, quando ficou próxima o bastante pulou em meus braços, envolvendo meu pescoço. Fiquei estático sem mover um músculo enquanto ela me apertava fortemente entre seus braços.

Devolvi seu abraço, fechando meus braços em volta de sua cintura, fechando meus músculos ao

PERIGOSAS ACHERON

seu redor. Escondi o rosto na curva de seu pescoço, me abaixando para que ela não precisasse se esforçar tanto para atingir minha altura. Senti seu cheiro doce entrando em minhas narinas, fechei os olhos apreciando o momento.

— Obrigado, Izzie — sussurrei contra seu pescoço.

— Por nada, Kieran.

Capítulo 8

KIERAN

*“Você me leva até o topo, estou pronto para
o que for preciso”*

**WHATEVER IT TAKES – IMAGINE
DRAGONS**

Dois meses e duas semanas antes...

Tocava *Whatever It Takes*, do Imagine Dragons, no rádio, meus dedos apertavam o volante com força, deixando-os duros e gelados, estavam ali porque eu não sabia onde colocá-los. Não tinha posição. Estava desconfortável e preocupado. Lysa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha muitas coisas para me falar, ela não estaria sentada no meu carro tarde da noite se não tivesse, mas seus lábios não estavam se movendo e a atenção de seus olhos estava para a chuva que chicoteava impiedosa o para-brisa.

Desdobrei o braço, estiquei a mão em direção ao volume do rádio. Lysa agarrou meu pulso, impedindo que eu desse fim a música. Ela queria usar o som alto como desculpa para não falar, uma tortura sem fim para mim e meu coração trôpego.

— Não... não — titubeou, sua cabeça se moveu devagar de um lado para o outro e uma lágrima grossa escorreu de seu olho direito.

— Em algum momento, você terá que falar comigo, Lysa. — Voltei a mão para sua posição anterior e descansei o corpo, jogando as costas contra o encosto estofado. — O que você quer fazer?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sei, Kieran! Estou grávida, o que você acha que eu deveria fazer?

— Por que você está brava comigo? Estou aqui, estou do seu lado e não vou para nenhum outro lugar que você não esteja, Lysa.

— Estou com medo! — confessou, batendo as mãos espalmadas contra o painel, cedendo às lágrimas que estava segurando desde que pegamos o resultado dos exames.

Meu coração sangrou por ela. Aquilo estava sendo mais difícil para Lysa do que seria para mim em qualquer momento.

Segurei seu braço, ela relaxou sob meu toque e consegui puxar seu corpo para beijá-la. Apoiei seu rosto entre minhas mãos, sua língua invadiu minha boca e gemi baixo, a suavidade ingênua de seu toque causava efeito em todo o meu corpo.

Afastou-se, com os nós dos dedos prendendo minha camiseta, permitiu que eu me distanciasse,

PERIGOSAS ACHERON

mas não o bastante para conseguir notar como seu rosto estava assustado e perdido. Queria poder tranquilizá-la com palavras, mas não estava funcionando.

Desde que Lysa disse que algo estava errado com ela, soubemos o que aquilo significava. Eu assumiria a responsabilidade, mesmo que meu pai lutasse contra minha vontade de ser um pai melhor do que ele algum dia foi.

— Lysa — chamei brando, segurei a ponta de seu queixo com a ponta do indicador e polegar, formando uma pinça, e inclinei encostando calmamente minha boca na sua. Quando me afastei para tentar enxergá-la sob a nuvem de tensão que nos acompanhava, ela sorriu. — Nós vamos dar um jeito nisso, juntos, como sempre fizemos.

— Vamos contar para o seu pai primeiro, Kieran, por favor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Retesei, encolhendo os ombros. Eu não escondia de Lysa o sentimento sombrio que meu pai tinha do próprio filho. Ela sabia que ele me odiava por um crime que não cometi.

— De jeito nenhum! — esbravejei, concentrando-me em outro ponto que não fosse seu rosto suplicante.

— Sei que você tem medo da reação dele, mas...

— Não é que eu tenha medo, Lysa. Eu sei exatamente como ele vai reagir e, acredite em mim, não será bom para ninguém.

Suspirou.

Escutei batidas na janela do passageiro. Empertiguei no lugar ao ver meu pai sob um guarda-chuva vermelho. Lysa não teve uma reação diferente, embora Frank soubesse como agir na frente de outras pessoas, minha namorada era como uma das pessoas com quem ele devia usar a sua máscara de bom pai.

PERIGOSAS ACHERON

Não esconder as coisas que Frank fazia comigo, não significava que Lysa acreditava em mim. Ele era o tipo de homem abusivo e, assim como qualquer pessoa abusiva, meu pai conseguia manipular sua imagem diante dos outros. Parecia perfeito, uma pessoa normal, mas só eu conhecia o inferno que era viver sob o mesmo teto que ele.

Lysa desceu um pouco a janela, o bastante para que meu pai colocasse seus olhos verdes na abertura.

— O que vocês estão fazendo no meio dessa tempestade? Vamos entrar. — Indicou com a cabeça a porta de nossa casa nada modesta entreaberta.

— Estamos bem, obrigado — agradei, não querendo fazer daquela noite a última para Lysa e eu.

— Kieran — disse meu nome com dureza —, não seja mal-educado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nossos olhos faiscaram. Ele não gostava dela. Muitas vezes havia sido ameaçado se eu ousasse colocá-la do hall para o meu quarto ou qualquer canto daquela casa.

Meu pai não era doce.

Não era gentil.

Ele não estava tentando parecer um bom pai.

Ele sequer tinha boas intenções, e eu sabia.

Agarrei o braço de Lysa quando ela ameaçou se levantar.

Seus olhos amendoados me encararam sobre os ombros, arqueou as sobrancelhas fazendo um questionamento silencioso.

— Tudo bem, pai, não vamos entrar.

— Tem certeza de que você não quer conversar com seu velho pai o motivo de ter gastado uma fortuna hoje com exames? — A testa enrugada de Frank denunciava uma irritação por precisar ser tão persistente. — Quero os dois lá dentro. Agora.

PERIGOSAS ACHERON

É claro que ele estava monitorando minha conta bancária, meus cartões e os talões de cheque, afinal o que minha mãe me deixou de herança também ficava sob seus olhos de águia.

Frank se virou, caminhando pela trilha que serpenteava até a entrada de nossa casa. Inspirei com força o ar e soquei repetidas vezes o volante até sentir os dedos formigarem.

Se eu soubesse que aquela seria minha última noite com Lysa, teria a beijado mais vezes. Teria dito que a amava até que ela se enjoasse da minha voz. Se soubesse que meu pai seria capaz de ir tão longe, teria feito tudo diferente.

Capítulo 9

IZZIE

“Incompreendido

Nunca se ouviu minha voz

Eu estava sozinho quando era uma criança

Mas as circunstâncias me fizeram crescer”

BELONG – GNASH FT. DENM

Kieran parou seu carro na porta de minha casa meia-noite e um. As luzes do segundo andar estavam acesas e o caminho de pedras que levava até a porta estava iluminado pelas luzes da varanda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabia que meus pais não dormiriam enquanto eu não chegasse em casa sã e salva.

Ele não falou muito no caminho, embora eu estivesse curiosa com o que havia acontecido e, de alguma forma, estava tentando ser sua amiga no meio daquela tempestade, entendi que Kieran tinha um jeito diferente das outras pessoas de lidar com a sua dor. Ainda vivia com seu pai abusivo. Ainda suportava as ações dele nada paternais. Existia um motivo para que ele continuasse vivendo daquela maneira, só não me atreveria a interferir. Ele tinha as suas razões, assim como eu tinha as minhas.

Mas existia uma profusão de sentimentos que importunavam meu coração. Em seu lugar, não sabia se conseguiria conviver com meu pai, mesmo em circunstâncias que exigissem isso de mim. Seu pai agia sendo impulsionado pela raiva e acabou errando feio com o próprio filho, não era a primeira e duvidava que seria a última vez.

PERIGOSAS ACHERON

Lysa, entretanto, estava decidida sobre o que fazer, ela estava certa em denunciar e colocar um fim naquilo. Alguém precisava fazer, e estava claro que esse alguém não seria Kieran. Por medo, talvez, do que o pai pudesse fazer com as pessoas que ele se importava.

— Foi legal hoje — eu disse, soltando o cinto de segurança ao perceber que ele não tinha nem mesmo ameaçado se mover. Seus olhos estavam presos na rua vasta e silenciosa. — Obrigada — insisti na conversa, Kieran, contudo, meneou a cabeça sem deixar vestígios de que pretendia falar no assunto outra vez.

— Desculpa, não era para você ter presenciado aquilo. — Ele se referia a sua discussão com Lysa, mas, na verdade, eu não tinha presenciado nada.

Ele me pediu para permanecer no carro e foi exatamente o que fiz.

— Eu não sabia que ela iria aparecer lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei de ombros, despreocupada.

— É um lugar que vocês costumavam ir muito?

Foi a sua vez de desdenhar jogando os ombros para cima sem remorso.

— Nós fomos algumas vezes — respondeu, fechando os dedos com força ao redor do volante.

— Não sou boa em dar conselhos — admiti, com as sobrancelhas unidas no centro da testa. Eu nem mesmo estava olhando para ele naquele momento, quando senti o peso de seu olhar queimar a lateral do meu rosto. — Nunca estive em um relacionamento.

O som de sua risada me tranquilizou, significava que ele não estava desapontado e me virei para encará-lo.

— A noite foi divertida, Izzie. Há meses não me distraio tanto. Sou eu quem preciso agradecer.

— Por que você me convidou?

PERIGOSAS ACHERON

— Mais perguntas. — Ele revirou os olhos e desafivelou o cinto, pegando seu moletom no banco de trás.

Observei enquanto ele passava pela frente do carro, colocando a cabeça na gola do moletom e escorregando os braços musculosos para dentro das mangas. Ouvi um suspiro baixo escapando por meus lábios entreabertos e, antes que ele atingisse a porta para abri-la, eu o fiz.

Kieran terminou de se vestir ajustando a barra do moletom e acolhendo as mãos dentro dos bolsos da frente. Eu fiz o mesmo com as minhas, porém não tinha algo tão grosso e quentinho como ele. Encolhi o corpo quando o vento chicoteou minhas costas sem piedade.

Estávamos no verão e mesmo que fosse marcado por temperaturas altas, a noite ainda assim conseguia trazer fragmentos do frio. Encarei com o canto dos olhos, Kieran caminhando ao meu lado,

PERIGOSAS ACHERON

um dedo de distância separava nossos corpos de se tocarem e fiquei surpresa quando percebi que estava desejando um pequeno esbarrão. Cruzei as pernas na frente e olhei para o chão, tentando esconder o sorriso que puxou os cantos de minha boca. Ele não pareceu perceber e se notou, não disse nada.

Só escutávamos nossos passos contra as pedras e aquele silêncio entre nós começou a parecer incomum, algo que me incomodaria se ele se instaurasse com frequência, mas ele, mais uma vez, conseguiu me surpreender. Seu rosto marcado pelo maxilar sempre travado me dizia que Kieran tinha assuntos para resolver e a tensão em seus ombros, que atingia o restante de seu corpo, provava que não seria nada fácil.

Antes mesmo de chegarmos por completo a varanda, escutamos a porta da frente ser destrancada. Meus pais nem mesmo tentaram

PERIGOSAS ACHERON

disfarçar, descaradamente estavam deixando sua presença registrada atrás da porta de madeira.

Kieran riu baixinho e tirou a mão direita de dentro do bolso do moletom para acenar por cima de meus ombros. Virei o pescoço, me deparando com dois rostos nada familiares afastando a cortina e bisbilhotando por trás. Neguei prontamente com a cabeça, pedindo em silêncio para eles um pouco de privacidade. Meu pai, com o rosto magro, murmurou baixo, chamando minha mãe e se afastou da janela a puxando pelo ombro.

Kieran olhou para trás, para seu carro com os faróis acesos e coçou a nuca. Parecia envergonhado, ainda não o tinha visto daquela maneira. Estava incomodado de ter que ficar me olhando o tempo todo.

— Você não precisa se envergonhar por causa do seu pai — sussurrei, olhando para trás para me

certificar de que meus pais não estavam bisbilhotando.

— Não é isso que me envergonha. — Sua voz saiu mais gutural que o normal, grossa, como se estivesse com raiva e, mesmo que ela não fosse destinada a mim, eu parecia um alvo fácil. Assustada, dei um passo para trás.

Ele pareceu perceber. Bufou, revirando os olhos e se sentou no primeiro degrau das escadas. Apoiou os cotovelos nos joelhos e as mãos caíram despercebidas para o inferior das pernas. Fiquei ali, parada, estática como um ornamento de pedra, assistindo e tentando entender o que aquela discussão com Lysa tinha feito com a estrutura de Kieran. Não sabia exatamente o quê, mas ela tinha carregado algo importante dele para longe.

A história dos dois era tão triste que aquilo conseguia me machucar. Eu que não sabia nada do que era ser machucada, estava sentindo a dor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

profunda que feria Kieran de dentro para fora e deixava rastros em suas ações. Sentado em minha varanda, vi um homem frágil que estava lutando contra todo o sentimento ruim que se apossou de seu coração.

Ele queria ser bom, mas não sabia por onde começar, já que tudo que conhecia em sua vida era ruim.

— Lysa tem toda razão. Fui covarde — sibilou, mas não estava falando diretamente comigo, a conversa era com ele mesmo. Continuei de pé, atrás dele, escutando tudo. — Eu tinha a obrigação de lutar contra meu pai. Eu dei a ele o direito de me odiar e suportei cada merda que ele fazia, mas ele não podia interferir desse jeito na vida de outras pessoas. É disso que me envergonho, dessa minha incapacidade de acabar com isso de uma vez por todas!

PERIGOSAS ACHERON

Queria dizer a ele que compreendia, mas, na verdade, não entendia. Eu conhecia o amor de um pai de modo que Kieran nunca vira antes. Sabia como era ter uma família que me amava e me apoiava a todo custo, ele não.

Sentei-me ao seu lado. Eu me sentia agradecida pela noite, por ele ter me mostrado coisas que ainda não tinha visto nem experimentado. Não tinha certeza se o que estava fazendo era certo, mas eu segui meus instintos e entrelacei meus dedos nos seus.

Kieran olhou para mim de relance. Talvez a sua dor não pudesse ser curada, talvez não houvesse nada que estivesse ao meu alcance para deixar sua vida mais leve, mas era só um “talvez” e não significava que não pudesse tentar acalorar seu coração o tocando na pele.

— Eu estive sozinho a minha vida inteira, até Lysa aparecer — começou, fechando os olhos para

PERIGOSAS ACHERON

sentir a brisa leve que tocava seu rosto. — Minha mãe faleceu quando me teve e meu pai me culpa pela morte dela. Sempre fui um criminoso vivendo sob o teto de um advogado famoso. Eu... — ele baforou o ar que inflava suas bochechas — só queria encontrar o meu lugar no coração dele, mas cresci e percebi que não há espaço para mim. E depois do que ele fez comigo, puta merda, prefiro que não esteja.

— E no seu?

— No meu o quê? — Ele se virou para me encarar.

— Existe espaço no seu coração para que outras pessoas possam entrar?

— Não sei. — Deu de ombros, com desdém. — Além de Lysa, ninguém nunca tentou antes.

Suspirei.

— Eu não me importo em que posição eu vou estar. Só me deixe estar aí, Kieran. — Gesticulei

com a ponta do queixo, indicando seu peito.

Ele riu, como se eu tivesse contado uma piada, mas, no fundo, sabia que falava sério.

Ele se afastou o suficiente para conseguir cobrir meus ombros com seu braço e me puxou, aninhando-me sob sua proteção. Encostei a cabeça em seu ombro, mas ainda com o pescoço esticado, olhando para seu rosto contorcido pela risada. Ele ainda estava se recuperando da sagacidade de como eu tinha dito aquelas palavras, foi naquele momento que me apaixonei pelo seu sorriso.

— Tudo bem, Izzie. — Apertou-me contra a lateral de sua cintura. Eu parecia miúda em seu abraço. — Mas, em quatro meses, você sabe...

— Eu sei. Você vai embora.

Kieran franziu a testa, olhando dentro de meus olhos.

— Japão. É para onde eu vou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uh... — Meus ombros ficaram tensos, mas de um jeito estranho, não estava preocupada. — É longe.

— É, sim, Izzie.

— Desistiu de me chamar de “anjo”? — Revirei os olhos quando me lembrei de como o apelido soava em sua boca.

— Não, meu anjo — Sua cabeça se inclinou para trás, quando ele deu continuidade a gargalhada tensa. — Não desisti.

— Que bom — retribuí a gargalhada —, porque eu vou te guardar, exatamente como um anjo faz, mesmo que a distância.

Poucas coisas aconteciam que aproximavam duas pessoas, mas não eram “quantas”, eram “quais” e a intensidade de cada uma delas. Naquele olhar de Kieran, uma linha invisível nos unia.

Ele confiava em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gostei da sensação, mesmo sabendo que nós não duraríamos por muito tempo, meu coração encontrou uma forma de reconhecê-lo sempre que meus olhos o vissem. Pelo seu jeito de falar, andar, pelas marcas em sua pele ou pelo cheiro que exalava de seu corpo.

Não importava a distância ou o tempo, meu coração o reconheceria.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

KIERAN

*“E se eu for embora,
Espero que você me ame
Por mim, por mim
Diga adeus, e um dia você voará comigo”*
LOVE, DAD – HARRY HUDSON

Izzie era como uma caixinha de surpresas, não dava para saber o que encontraria quando fosse aberta. Quando nos conhecemos, fiquei curioso, mas não o bastante para querer saber mais sobre ela. Agora nós nos encontramos pela segunda vez,
PERIGOSAS ACHERON

terceira e quarta. Quanto mais a via, mais queria saber o que uma garota, que não experimentara o mundo, poderia fazer quando se deparasse com o meu, que era tão destruído.

Os seus pais eram protetores e ficaram sentados na sala cochilando um no ombro do outro até uma da manhã, que foi a hora em que saí de sua varanda. Eu os agradei por terem confiado a filha deles a mim, foi algo que exigiu deles muita força, porque sentiam a necessidade de protegê-la pelo que ela era.

Não sabia muito sobre como era conviver com uma pessoa que tinha prosopagnosia, mas quanto mais eu pesquisava, mais surpreso eu ficava ao encontrar os resultados. Essas pessoas precisavam de muito mais do que a simples vontade de viver. Era se reconhecer como um provável alvo de ódio gratuito. Ter que lidar com a tristeza de nunca reconhecer os próprios filhos ou os pais. Vi relatos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de pessoas que sequer conseguiam reconhecer o melhor amigo ou namorado. Eram pessoas tentando conviver com a condição que lhes foram impostas e aquilo me pareceu injusto.

Izzie era uma garota doce, inocente e que não conseguia reconhecer o rosto das pessoas que ela mais amava. Independente disso, em nenhum momento daquela noite em que estivemos juntos, eu a ouvi reclamar. Diferente de mim que estava obcecado por Lysa. Acreditava que me sentia na obrigação de protegê-la agora, como um acerto de contas, mas Lysa não precisava mais da minha proteção. Meu filho que crescia em sua barriga estava morto. Ele também não precisava mais de mim. Senti-me fraco perto de Izzie, como se o monstro que eu tanto lutava para não me tornar já estivesse mostrando suas primeiras características. Meu pai achava que o mundo precisava girar ao seu redor e, deste modo, comecei a achar isso também.

PERIGOSAS ACHERON

Bati com a testa contra o volante, criando coragem para entrar na toca do leão. As luzes estavam apagadas, então aquilo me tranquilizou, mas, independentemente de como eu me sentia em relação a Lysa ou Izzie, precisava rumar a minha vida para a direção certa. Foi fácil viver longe do meu pai na época da escola e da faculdade, mas depois que retornei, comecei a sentir suas mãos em volta da minha garganta sempre que fechava os olhos. Dormia com a porta trancada. Evitava encontrá-lo. Este não era o tipo de vida que esperava para mim e com certeza, não era também o que minha mãe iria querer.

De qualquer forma, eu não tinha para onde ir. Corria na maioria das vezes para a casa de Declan e Freya e, mais de uma vez, ela sugeriu que eu fosse morar com eles. Contudo, não queria ser um peso morto nas costas do meu primo, por isso, o emprego que implorei serviu como impulso para

PERIGOSAS ACHERON

que eu começasse a considerar a ideia. Já estava na hora de sair daquela casa. O amor que eu esperava receber do meu pai, antes tarde do que nunca, não era mais uma opção. E mesmo que aquele tivesse sido o desejo mais profundo do jovem Kieran, não era mais.

Senti a raiva subindo por minhas veias e apertei o volante com mais força, respirando pesado. A tristeza e a marca que Frank deixou ao tirar a vida do meu filho era tão vívida no meu peito que queimava como caminhar sobre brasa quente com pés descalços.

Enxuguei o rosto com as costas da mão quando percebi as lágrimas grossas que atravessaram minha pele. A força que me impus ao fazer deixou um leve rastro avermelhado em minha face.

Encarei o retrovisor preso sobre a minha cabeça, retirei a chave da ignição e decidi entrar pela porta da frente. Meus joelhos tremiam enquanto

PERIGOSAS ACHERON

caminhava para aquela direção, funguei raspando a manga do moletom na ponta do nariz.

Coloquei a chave na porta e me assustei quando a luz da varanda acendeu. Fechei os olhos, e afastei a chave da fechadura, escutando a mesma ser destrancada do lado de dentro. A respiração ficou presa nos pulmões, meu lábio inferior tremeu em hesitação e finalmente a porta se abriu.

Meu pai estava usando sua roupa de trabalho e sabia que a sua aparência fracassada não significava boa coisa. Ele dava sinais claros de quando estava com raiva de mim – mesmo que isso fosse a maioria do tempo. Frank sequer tinha raspado o misto da barba branca e cinza. Minhas mãos cerraram dentro do bolso do moletom, estudando se deveria voltar para o carro ou enfrentá-lo.

Eu o temia, sempre o temi e mesmo quando cresci, sentia medo de seus olhos. Aprumei o corpo,

PERIGOSAS ACHERON

respirando pesado. Porém, Frank escancarou a porta, gesticulando prontamente com o queixo para que eu entrasse.

— Aonde você estava, Kieran? — sibilou cuspendo ao bater a porta assim que entrei. De imediato, me arrependi de não ter usado a trepadeira da janela do meu quarto.

— Saí com uns amigos — menti, porque se ele soubesse que podia existir uma segunda garota na minha vida, daria um jeito de expirá-la também.

— Senta a sua bunda no sofá, garoto! — Parei, de repente, expirando o ar que prendia nos pulmões com impaciência. Encolhi os ombros, torcendo para que ele não percebesse.

— Eu não sou mais uma criança. — Fiquei pensando se aquele seria o momento para contar que estava trabalhando com Declan, mas como seu maxilar estava travado e sua expressão revelava

que estava prestes a ceder para a raiva, pressionei a boca e me calei.

— Enquanto você viver sob o meu teto, você segue as minhas regras! — Apontou o indicador para o chão, com o punho fechado e fazendo força contra a palma da mão. Caminhei para o sofá e me sentei, cruzando os braços na altura do peito, mantendo os pés esticados de forma despojada. Ele não gostou. — Não importa o quanto eu te ensine, você não aprende nada.

Ele afrouxou a gravata ao redor de seu pescoço e desviei os olhos para os papéis sobre a mesa de centro da nossa sala. O carpete vermelho estava fora do lugar, percebi o copo de uísque ao lado. Franzi a testa. Frank tinha bebido, o que só piorava a situação.

— Olha pra mim quando falo com você, moleque! — Ele chutou um dos pés da mesinha, ganhando minha atenção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A gente se fala amanhã, você bebeu e nós dois sabemos como você fica quando bebe!

Levantei-me, ajeitando o moletom que tinha subido alguns centímetros. Meu pai me empurrou no ombro direito com apenas um punho fechado, me obrigando a voltar para o lugar. O baque no sofá fez com que o atrito dos pés do móvel rangesse contra o assoalho.

— Você sai quando eu disser para sair. Você conhece as regras! — Crispei os lábios, desconfortável. Ele se inclinou com as mãos prensadas na cintura. — Sabe o que é isso? — Ele mostrou com o indicador os papéis espalhados na mesa.

— Não.

— Você sabe o que é isso, porra? — berrou e fechei os olhos com força, entortando o pescoço para o lado.

— Já disse que não sei.

PERIGOSAS ACHERON

— Recebi esta carta hoje, enquanto estava com um cliente! É uma intimação, Kieran! — ele continuava gritando. — Sua mulatinha está me acusando! Eu tenho setenta e duas horas para entrar com uma defesa.

Eu estava tão cansado dele.

Puta que pariu, como eu estava de saco cheio de Frank Grayer!

— Você vai depor a meu favor — concluiu.

Pressionei as pálpebras com a ponta dos dedos.

— Quer saber de uma coisa? — Levantei-me em um rompante, abrindo os braços. — Estou de saco cheio disso. *De você*. — Apontei para seu peito, quase encostando. Ele arregalou os olhos, surpreso. — Eu não me importo! Você me ameaça o tempo todo! Você ameaçou cortar a minha renda, ameaçou a minha vida, ameaçou a Lysa durante dois anos se eu abrisse a boca! Fiquei quieto para protegê-la, mas agora... quer saber, estou me PERIGOSAS ACHERON

fodendo para você! — Meus olhos marejaram e me amaldiçoei por começar a chorar. — Tudo que eu queria, pai, era que você me aceitasse. Queria que você me amasse! — Solucei, os ombros balançaram violentamente. — Mamãe morreu e me deixou sozinho com você. Lysa se foi, o meu filho se foi por sua causa e eu não tenho mais ninguém, *por sua causa!*

Os lábios dele tremeram de raiva.

Ele ergueu a mão e, com o dorso, desferiu um tapa com a aliança que nunca tirara, marcando minha bochecha e um pequeno corte derramou uma trilha de sangue até a mandíbula. Ergui a mão para secar a região, nada surpreso. Abri a boca, olhei para a ponta de meus dedos que se enodoaram com o sangue vermelho. Olhei para sua mão, notando o resquício manchando sua aliança dourada.

Balancei a cabeça, envergonhado pela minha mãe. Ela me salvou para morrer nas mãos daquele

PERIGOSAS ACHERON

psicopata.

— Julie deve estar decepcionada — murmurei, mas ele escutou, porque suas sobrancelhas se levantaram.

Tive tempo apenas de me direcionar para as escadas. Ele me segurou pelo gorro do moletom, brecando minha passagem para o lugar mais seguro daquela casa. Com um puxão forte, ele me lançou ao chão. Minhas costelas já machucadas relembrou de três dias atrás, quando ele chutou aquela região quando entramos em uma discussão, que eu nem me lembrava mais o motivo. Gemi de dor, apalpando o lugar. Pelo baque, tinha certeza de que, desta vez, não teria como fugir de um hospital.

Arqueei as costas, virando o corpo, ofegando com a respiração entrecortada. Ele se ajoelhou do meu lado, segurando meu queixo para analisar meu rosto sôfrego.

— Se você falar o nome dela mais uma vez, serei mesmo capaz de matá-lo. — Frank segurou pelo gorro e me arrastou pela sala.

Chutei o ar. Eu era alto, forte e um homem formado, mas Frank Grayer tinha a genética de meu falecido avô, com quase dois metros de altura, músculos que se evidenciavam sob qualquer roupa e a sua raiva de mim o transformava, o deixando ainda mais forte. Já tentei outras vezes, talvez um milhão delas, lutar contra ele, mas eu sempre perdia. Em certo momento parei de lutar, porque acabava se tornando um ciclo vicioso sem fim e me acostumei com a dor. Ela simplesmente passou a ser parte de quem eu era.

— Quantas vezes eu vou ter que te ensinar?

Ele começou a subir as escadas.

A cada degrau, uma parte de mim ficava para trás. A cada degrau que pressionava minhas costelas machucadas, também me fazia lembrar

porque eu precisava vencê-lo nessa guerra. Ele nunca fora um bom pai, mas eu sempre fui um bom filho. Eu o amava, mesmo sendo um filho da puta completo, e ele agia como se eu fosse um parasita em sua vida.

— Me larga, porra! — gritei, segurando sua mão e tentando soltar seus dedos que prendiam o moletom.

Se ele me levasse para o quarto, eu não sairia de lá.

Se eu entrasse naquele lugar, não teria forças para me reerguer como nas outras vezes.

— Você acha que é decente para dizer o nome dela? Você a matou, não tem esse direito! — Com um único impulso, ele me jogou para dentro do meu quarto. — Quem você pensa que é para me desafiar?

Ao bater a porta, olhei sobre os ombros seguindo o som estrondoso que o barulho causou

em toda a casa, pela força imposta por seus braços longínquos. Ele caminhava em minha direção, desabotoando o cinto que prendia suas calças.

— Tira a blusa! — ordenou aos berros.

Continuei parado, calculando minha probabilidade de sobrevivência do segundo andar, mas ao fazer essa observação rápida, percebi as grades na janela do meu quarto. Ele tinha previsto que se eu tentasse entrar pela janela naquela noite, não conseguiria, eu não teria escolha se não passar pela porta da frente.

“Eu não vou tirar”, pensei, desta vez determinado. Estiquei o pescoço para estudar minha passagem entre a muralha que era seu corpo e a porta.

— Nem pense nisso — avisou, com a cinta em sua mão. — Você acha que eu não sei da sua nova amiga? — Ele tombou a cabeça, acomodando-a em seu ombro. — Acha que não sei sobre Izzie

Johnson. — Riu, chacoalhando a cabeça desacreditado. — Kieran, você é meu filho. Conheço cada passo seu, esta noite recebi uma ligação interessante sobre a conta que você pagou em um bar que costumava ir com Lysa, e fiquei surpreso ao descobrir pelo barman, que, pela primeira vez, você apareceu por lá com uma garota diferente. A filha doente dos Johnson. Grande homem o pai dela, ela teve o azar de conhecer você no caminho.

— Me deixa ser feliz! — sussurrei, semicerrando os olhos em sua direção. Estava chocado, ainda mais magoado, porque além de Lysa, Izzie agora também era um alvo fácil.

— Você me deixou ser feliz? — Cuspiu, acertando a cinta de couro na cama, afastei alguns passos.

— Eu passei anos tentando fazer você feliz, pai. Mas você não pode. Você não consegue se sentir

PERIGOSAS ACHERON

feliz.

Ele me encarou, sem dizer uma só palavra e nossos olhares se sustentaram. Aquele seu olhar enviesado sempre me colocava à prova. Eu tinha uma escolha; Izzie ou eu. Houve muitos desses olhares quando meu pai descobriu que eu estava namorando com uma mulher negra. Não desisti de Lysa, porque sentia que podia superar meu pai se continuássemos juntos e foi egoísta de minha parte. Devia tê-la libertado de mim quando tive a chance.

O olhar de Frank me dizia que eu precisava me decidir; proteger a ela ou proteger a mim. Nunca desafiei suas opções, tinha medo de que sua raiva não estivesse somente sobre mim, mas sobre tudo que eu tocava. E eu toquei Izzie esta noite tantas vezes que enojavam meu pai. Pretendia tocá-la outras noites, de inúmeras e diferentes maneiras.

Comecei puxando a barra do moletom e passando pela cabeça.

Sou eu ou ela.

Grunhi quando minhas costelas se esticaram e expandiu a dor aguda para o resto do meu corpo. Ajoelhei diante da cama e retirei a camisa, deixando as tatuagens à mostra.

— Já conhece as regras. Se gritar, a dor não acaba.

Assenti, afundando a cabeça contra o colchão para abafar os gritos.

Muitas pessoas não sabiam como era viver com um pai abusivo e que adorava controlar suas decisões, mas eu sabia. E doía. Doía como o inferno queimando minha pele.

Eu me lembro do momento em que a dor acabou, lembro-me de ter discado o número de Declan com muita dificuldade. Escutei gritos um tempo depois, senti as mãos dóceis e delicadas de alguém me amparando, forçando meu corpo a se rastejar para fora do quarto. Lembro de ter me

apoiado a esse alguém como se minha vida dependesse dela.

— Kieran? — A doce voz sussurrou, segurando meu rosto. — Meu Deus, ele não responde! — ela gritou para que outra pessoa ouvisse.

“Abra seus olhos”, ordenei com inutilidade, porque nada aconteceu e eu continuava vendo um grande borrão a minha frente.

— Estou levando ele embora! — Outra voz, desta vez, era rouca e serpenteava por todas as paredes até finalmente atingir meus tímpanos. — Você perdeu o senso, Frank! — berrou de volta e escutei quando a porta do meu closet foi aberta. — Ele já aguentou demais. Meu único erro foi não ter interferido antes! — Houve um minuto de silêncio. — Se você se aproximar dele, de Izzie ou qualquer outra pessoa próxima a ele, Frank, eu juro por Deus que não vou parar até te destruir!

— Kieran, você pode me escutar?

PERIGOSAS NACIONAIS

Assenti brevemente anuindo a cabeça. Eu me sentia enjoado, como se fosse vomitar. O líquido quente saiu pela minha garganta e cuspi, tentando mirar para o outro lado e não acertar em quem quer que estivesse me apoiando.

— Precisamos levá-lo! Agora!



A dor atingiu em cheio ao tentar me acomodar melhor na cama. Respirei fundo, porém a dificuldade foi evidente quando resfoleguei. Tinha acabado de acordar e sentia como se o peso de uma tonelada me imprensasse contra a cama. Devagar, abri os olhos, me acostumando com a claridade de uma sala quase vazia se não fosse pelos aparelhos e uma agulha intravenosa presa em meu braço. Arqueei as sobrancelhas, procurando por um rosto conhecido.

PERIGOSAS ACHERON

Mirei meu olhar para a porta, de onde vozes aquebrantavam meu sono. Vi Freya apoiando as mãos em sua barriga e Declan com os olhos arregalados em direção a um homem vestindo como se tivesse acabado de sair de uma reunião de negócios. Olhei para baixo do lençol que me cobria até a cintura. Estava sem a blusa, mas meu corpo estava rodeado por faixas que enrolavam minhas costelas e subiam ao peitoral. Com uma das mãos, desgrenhei os fios do cabelo e expirei.

— Ele acordou. — Freya alertou e a discussão que acontecia a poucos passos de mim cessou. Com um sorriso gentil, ela se aproximou. — Tudo bem? — perguntou, seus olhos passeando com preocupação pelo meu corpo. Cobri a testa com o antebraço e fechei os olhos.

— Que diabos estou fazendo aqui?

— Você se lembra do que aconteceu ontem? — Estudei o dono da voz, que afastou as laterais de

PERIGOSAS ACHERON

seu paletó caro para apoiar as mãos na cintura.

— Não. — Neguei imediatamente, mas Declan soube naquele momento que eu estava mentindo. — Não me lembro de nada — insisti e vi quando meu primo revirou os olhos.

— Vocês podem nos deixar a sós?

Freya me encarou como uma mãe preocupada faria. Apertou minha mão com delicadeza antes de puxar o homem para fora do quarto. Mais uma vez estudei o ambiente vago em que eu estava e franzi o cenho.

Estava em um hospital. Nunca fui para um hospital depois de uma surra.

— Por que eu estou aqui?

— Nós te trouxemos de madrugada. Você dormiu por... — Declan olhou para seu relógio de pulso — doze horas.

— O quê? Que horas são? — Comecei a me levantar, tentando vencer a dor. — Merda! Eu
PERIGOSAS ACHERON

prometi ver a Izzie.

— Você vai vê-la. Ela está esperando lá fora — ele alertou, de braços cruzados e uma expressão indignada no rosto. — Mas não deixarei ela entrar até decidirmos o que vamos fazer com o seu pai.

Tudo voltou à tona. Nossa discussão. Sua ameaça a Izzie.

Esfreguei o rosto em desespero.

— Não posso fazer nada. Ele a ameaçou, Declan. Na minha cara, quando o enfrentei! Não posso sair, não posso entregá-lo.

— Você precisa parar de ceder às ameaças de Frank, Kieran. Já chega.

— A Izzie...

— Ela vai ficar bem, isso eu garanto. Mas, e você? Até quando você vai viver nesse estado de impotência? Precisa tomar as rédeas da situação.

Desviei os olhos.

— Quem era aquele cara?

— O advogado da Lysa. — Meus ombros ficaram tensos.

— Ela veio me ver?

— Sim.

Abaixei os olhos, desanimado. Era vergonhoso que ela me visse sempre em meu pior estado, como um homem impotente e inseguro. Ela era mais forte do que eu, em muitos sentidos.

— O que ele quer?

— Lysa quer que você testemunhe contra seu pai, sobre aquela noite. Não têm nenhuma testemunha além de você, Kieran. Você foi o único presente na cena.

— A decisão do futuro do meu pai está em minhas mãos? — indaguei, surpreso.

— A decisão do futuro de todos vocês está nas suas mãos. — Declan suspirou, ele estava cada vez mais cansado do meu pai e eu também estava. — Seu pai nunca foi assim e eu sei, as ações dele não

justificam nada. Ele precisa pagar pelo mal que fez com você, com Lysa e temos a chance de impedir que algo aconteça com Izzie. Já estive na posição do seu pai, eu perdi alguém importante, mas não entreguei os pontos. Ele se entregou e foi cegado. Você precisa mostrar para ele que são com vidas que está brincando, não com bonecos vazios.

Suspirei, cedendo os pontos. Declan estava certo. As ameaças que meu pai fazia para me manipular e continuar sendo seu carrasco, não podiam permanecer eternamente me controlando como um fantoche. Precisava lidar com aquilo de forma adulta. Já devia ter feito antes de tudo sair do meu controle.

— Diga ao advogado que irei testemunhar. É aqui que o meu caminho e o do meu pai se separam.

Declan sorriu, apertando meu ombro.

— Posso vê-la agora?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou pedir para ela entrar.

Ele se afastou e, um minuto depois, Izzie estava parada na porta, me encarando de longe. Os olhos azuis estavam vermelhos e inchados, provavelmente tinha chorado mais que o necessário. Enxerguei seus pais por cima de seus ombros, eles me cumprimentaram anuindo a cabeça.

— Vem cá — chamei, esticando a mão para ela.

Izzie caminhou sem pressa em minha direção. Quando seus dedos entrelaçaram os meus, me senti melhor, mas as lágrimas continuavam a transformar seus olhos em cascata.

— Estou bem, anjo.

— Pensei que você fosse morrer — sussurrou.

— Eu acabei de te conhecer e...

— E eu estou aqui. Não vou para lugar nenhum ainda, anjo. — Ergui a mão para secar as lágrimas em seu rosto. — Não chora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem perguntar, Izzie sentou-se na lateral da cama e, aos poucos, o seu corpo foi cedendo. Ela estava deitada ao meu lado, a cabeça apoiada em meu bíceps. Retribuí o abraço, me agarrando a ela como um amuleto da sorte. Inspirei o cheiro de seus cabelos e me senti tranquilo por ter tido ao menos a coragem de começar a agir.

Com a ponta do indicador, ela desenhava minhas tatuagens. Pressionei os olhos porque cada uma delas tinha me resguardado de lidar com cicatrizes.

— São muitas — farfalhou, acariciando meu peito.

— São, sim.

— O que elas significam?

Pensei um pouco a respeito, se deveria contar a ela ou não. Mas Izzie me pedia espaço para tentar ser a pessoa a quem eu deveria entregar meu coração ou o que havia sobrado dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu pai costumava me bater com tanta força que minha pele ficou marcada com cicatrizes. Não gostava de olhar para elas, porque me mostrava o quanto eu era fraco. Então comecei a fazer tatuagens para cobri-las.

— Ainda tem as marcas — respondeu, delineando o dedo sobre uma marca extensa que começava em meu ombro e terminava no peito.

— Elas não somem.

Senti algo molhar a curva que ligava meu ombro e pescoço. Afastei para vê-la, estava tentando disfarçar e enxugar as gotas que escorriam de seus olhos.

— Se eu pudesse te salvar dessa dor, eu faria, Kieran.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

IZZIE

*“Me deixe tirar sua solidão com amor
Me deixe tirar a dor pela qual você está passando
com amor*

*Eu acho que me salvei salvando você
Me deixe tirar sua solidão com amor”*

**LET ME LOVE THE LONELY – JAMES
ARTHUR**

Aos poucos, eu aprendia como reconhecer Kieran sem que ele ficasse tão sem graça e essa era a razão de meu sorriso brilhar na minha caminhada

PERIGOSAS ACHERON

com a doutora Meredith. Ela gostava de me arrastar para fazer compras em algumas de nossas seções e, naquele dia em especial, estava empolgada para comprar verduras com ela. Caminhava pela lateral do passeio, abrindo os braços e buscando o equilíbrio com a ação.

Em minha cabeça, *Let Me Love The Lonely* não se calava, a batida era exatamente como a do meu coração. Ora ou outra, eu cantarolava e Meredith gargalhava, movia a cabeça e continuava cantarolando, embora ela soubesse a letra melhor que eu.

— Então, ele te liga três vezes na semana? — perguntou, colocando as mãos no bolso largo de sua jaqueta de couro.

Eu sorri, empolgada.

— Isso! — Ergui o polegar para ela, positivamente. — Consigo... montar o rosto dele quando vejo suas tatuagens. Ele também tem um

PERIGOSAS NACIONAIS

cheiro bom. — Fechei os olhos inspirando e os abrindo em seguida, decepcionada, porque Kieran não estava ali. Seu cheiro era único. — Ele realmente tem um cheiro bom! — Encrespei a testa para o cheiro gorduroso que vinha de uma das barracas da feira de verduras.

A doutora Meredith evitava mudar seu corte de cabelo ou a cor, por isso, para mim, ficava fácil identificá-la no meio de tantos rostos que pareciam o mesmo. Todos os rostos eram incrivelmente estranhos.

— Ele é seu namorado?

Desequilibrei quando ouvi sua pergunta e me apoiei em seu ombro, vincando a testa para ela como resposta para a sua pergunta.

— Não. Somos amigos.

— Você parece gostar dele. — A doutora segurou minha mão para continuar me guiando pelo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caminho. — O que tem de errado se você se apaixonar por ele?

— Eu não seria retribuída. Não agora — falei com desdém e me peguei revirando os olhos. — Ele está passando por momentos complicados.

— De qualquer forma, estou feliz que você consiga reconhecê-lo melhor que todas as outras pessoas. — Ela sorriu.

— Também fico preocupada. Acho que vou sentir falta dessa facilidade quando ele for embora.

A doutora Meredith parou de repente.

— Como assim ir embora?

— Ah! — Ri, irônica, coçando a nuca, me lembrando de que tinha escondido esse fato para me privar de um sermão. — Ele vai para o Japão daqui três meses e... — Olhei para cima, enquanto me concentrava na contagem mental. — Três meses e duas semanas, exatamente.

— Izzie!

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei — Ergui as mãos, me afastando do seu toque. — Mas não estou tão envolvida, ele me alertou e será fácil, nem vou me lembrar tanto dele. Quando fecho os olhos, não consigo imaginá-lo. Vejo só um borrão — Revirei os grandes olhos e ela continuava com aquele olhar interrogativo. — Se ele estiver na minha frente e a tatuagem ficar à mostra...

— Só não quero que, nas suas próximas visitas, você venha de coração partido! — Ela cruzou os braços, e voltou a caminhar.

— Não vou ficar. Só quero aproveitar esses meses com ele!

— Você já gosta dele! — Ela parou de novo, com as mãos na cintura, exatamente como a minha mãe faria. Seu queixo caiu e eu descí do paralelepípedo, bufando.

— Nós somos bons amigos, doutora Meredith! — concluí, dando o assunto como encerrado e ela
PERIGOSAS ACHERON

entendeu.

— E as fotografias?

— Continuo fotografando. Elas ainda continuam confusas para mim.

— Seu reflexo.

— Ainda é assustador sempre que me olho no espelho, mas eu tenho olhos bonitos e essa é a característica que mais gosto em mim.

— Ótimo! — Sorriu, satisfeita. — Você progride a cada ano, Izzie, estou orgulhosa.

— Estive pensando — mordisquei o lábio inferior e encolhi os ombros quando ela me olhou — em conversar com meus pais sobre fazer uma faculdade onde eu possa... você sabe, estar com outros alunos.

— Você acha que está pronta?

— Acho que nunca vou estar pronta, mas... o sucesso está do outro lado do medo, certo?

— E o que você pensou em cursar?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fotografia, é claro!

— Mas, Izzie, você já não estuda fotografia?

— Sim — bufei —, mas eu quero estar com outras pessoas, doutora Meredith. Estou cansada de viver nos limites do meu quarto!

— Se você se sente pronta, pode falar com seus pais.

Parei de caminhar, ela fez o mesmo quando percebeu que eu não a seguia mais. Fiquei encarando seu rosto pálido a distância e finalmente ela entendeu o que eu gostaria que fizesse.

— Você quer que eu fale com eles?

— Se você der sua opinião médica sobre o assunto, talvez eles cedam. Minha mãe com certeza irá surtar, doutora.

Ela ergueu seu celular e conferiu nosso horário, sorriu para a tela satisfeita, como se tivesse sido salva pelo gongo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nosso tempo acabou! — disse, dando de ombros.

— Mas você vai falar com eles, não vai?

— Vou fazer o que puder.

— Legal! — Sorri e a abracei, sem me preocupar com a ética profissional que ela carregava nos ombros sobre sua profissão. — Vou te ajudar com as verduras.

— Desde quando você ficou tão teimosa?

— Só estou empolgada pelas mudanças que a minha vida vai passar agora!



Estava sorvendo o sabor do meu sorvete de morango, sentada em uma sorveteria no meu bairro. Meus pais, aos poucos, estavam concordando em me dar um pouco de liberdade para andar sozinha em lugares que fossem próximos. Minha mãe, entretanto, não lidava tão bem como meu pai, que

PERIGOSAS ACHERON

já conhecia minha companhia melhor que a senhora Johnson.

Coloquei mais uma colherzinha média dentro da boca e olhando para a casquinha, torcendo para que não terminasse. Encarei meu relógio de pulso outra vez. Kieran não costumava se atrasar e, naquela ocasião, já somavam dez minutos.

O barulho da cadeira sendo arrastada a minha frente me fez estender a cabeça. O homem que se preparava para se sentar à minha frente parecia ofegante, estava de óculos escuros e respirando com a boca entreaberta.

— Kieran. — Soprou, a curva de seus lábios estendendo em um sorriso simpático e corri os olhos por seu pescoço, procurando pela tatuagem que eu havia criado certa afeição. Era o ponto principal que me fazia reconhecê-lo entre todos os rostos. — Desculpa o atraso, Declan me pressionou a ficar mais tempo do que o normal hoje.

Anuí e sorri, sem descolar os lábios enquanto o estudava. Ele parecia mais leve a cada dia. Kieran me privou de saber mais sobre sua saída de casa. Segundo ele, não queria me incomodar com detalhes sórdidos, mas meu pai não se preocupou com isso e contou a minha mãe tudo que sabia, como consequência, acabei escutando.

Eu não contei a ele que sabia, e ele me contou só o que queria que eu soubesse. Incluindo que o processo de Lysa e seu pai não era assim tão fácil como ele imaginou. Frank estava lutando para sobreviver ao inquérito que isso transformou sua carreira. Acabar com ela parecia o suficiente, mas eles estavam dispostos a ir mais longe do que isso. Lysa queria Frank preso, pagando por seus crimes. Kieran também queria o mesmo.

Segundo meu pai, ele ainda estava tentando lidar com a ideia de ter passado por tanta coisa e levado como se não fosse nada. Se olhar no espelho

ainda era um pesadelo, assim como para mim também.

Ele retirou os óculos e os colocou sobre a mesa.

— Não devia ter entrado com eles, deve ter sido difícil me reconhecer.

— Não, sua tatuagem continua perfeita como o ponto principal para a minha ativação. — Pisquei para ele e apontei, com o indicador, para minhas têmporas. — Como está a mudança? — perguntei, colocando mais um pouco de sorvete na língua e a estalando para o sabor se espalhar pela boca.

Kieran gargalhou. Seu braço diminuiu a distância entre sua mão e meu lábio, com o polegar ele limpou o cantinho direito da minha boca e acariciou meu queixo com a ponta do indicador. Quando ele me tocava, não conseguia evitar o arrepio na espinha, mesmo que lutasse com todas as minhas forças para não ser tão transparente com minhas emoções.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Consegui um apartamento perto do trabalho, lugar pequeno, mas o preço é bom e o dono não se importa que fechemos o contrato só por alguns meses!

— Precisa de ajuda para desempacotar suas coisas?

— Seria legal — concordou, anuindo, e se encostou mais confortável em sua cadeira. — Lysa telefonou hoje.

Quase cuspi a última colherada do sorvete quando escutei o nome dela. Não quis mostrar, meus ombros caíram categoricamente quando percebi o que isso significava.

— E?

Nós nunca mais falamos sobre o que aconteceu na noite em que saímos pela primeira vez. Sobre eu pedir espaço para estar em seu coração.

— Hum, vou me encontrar com ela mais tarde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que a história de vocês não terminou naquela noite, como você pensou. — Puxei um guardanapo de papel do suporte e limpei a boca. Se ele me tocasse de novo, acho que não conseguiria suportar.

Ele deu de ombros.

— Ela é uma pessoa incrível e merece correr atrás do seu sonho, eu não posso ser o cara que vai privá-la disso. Lysa sempre quis se tornar atriz — sorriu afundando na lembrança —, e naquela época eu iria com ela, mas hoje nós estamos seguindo caminhos diferentes. Em alguns meses, estou indo para o Japão; e em dois dias, ela estará partindo para Los Angeles. É engraçado como os caminhos mudam tão de repente.

— Por que você acha que nossos caminhos se cruzaram?

Ele retesou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi uma conspiração, anjo. O universo e o destino trabalharam juntos para que nós nos uníssemos, afinal de contas, nossas vidas se moldam.

Kieran me chamava de anjo. O apelido em sua boca soava de forma deliciosa e meus ouvidos se acostumaram com o som de sua risada sempre que eu dizia algo que nenhuma outra garota diria. O universo tinha um jeito engraçado de unir as pessoas, e depois dispensá-las para lugares diferentes. Nenhum de nós, aliás, estava preocupado em como nossa história terminaria. De qualquer forma, tinha sido bom desde o começo. Nós nos entendíamos, confiávamos um no outro só pelo simples fato de conhecermos o inferno e o paraíso interno de cada um. Não precisava afugentar meu olhar com medo de que ele me achasse esnobe demais só porque não o reconheci nas ruas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não acredito — ele falou, me fazendo pular de susto na cadeira —, você tomou todo o sorvete! — Kieran puxou a casquinha – que antes continha duas bolas bem grandes de sorvete de morango – da minha mão e olhou apreensivo.

— Você compra seu próprio sorvete! — retruquei, com o dedo em riste apontando para seu rosto.

Nós não tínhamos problemas para falar de outros sentimentos, de outros relacionamentos, mas comecei a notar certa inquietação em Kieran quando o assunto se tratava de nós dois.

Gargalhamos, senti aquele quentinho no coração que aparecia quando Kieran ficava por perto, como se tudo estivesse certo, em seu devido lugar. Ele estava ao meu lado, não importava minha posição em sua vida, era exatamente onde eu deveria estar nesse momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho uma curiosidade — começou e coloquei a colherzinha de plástico dentro da boca, mordendo as laterais. Ergui as sobrancelhas esperando que ele fizesse sua pergunta. — Se eu te convidasse para o cinema...

— Eu diria não — cortei-o, com pressa, dando de ombros. Ele ficou surpreso e não escondeu isso. — Você acharia muito chato ir ao cinema comigo.

— Você não me deixou terminar, sua espertinha.

— Eu sei o que você vai perguntar.

— O que é, então?

— Se eu não reconheceria os personagens a cada cena. — Revirei os olhos, aquilo era tão óbvio que me deixava indignada. — E a resposta é sim. Eu ficaria chata te perguntando o tempo todo quem é quem e eu não teria tempo para decorar alguma característica, porque os personagens trocam de roupa o tempo todo nos filmes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem problema. — Ele se levantou, ajeitando a barra da camiseta. — Está resolvido, vamos ao cinema.

— Você ouviu alguma coisa do que eu disse? Seria péssimo você ir comigo!

— Eu não ligo, anjo. Contanto que seja bom para você, será bom para mim.

Ele estendeu a mão para mim.

— Tenho alguns meses para fazer com você tudo o que ainda não fez.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

KIERAN

*“Sentirei sua falta na solidão
E ainda que existam mil razões
Para terminar
Não existe mais ninguém”*

NO HAY NADIE MÁ – SEBASTIÁN YATRA

Izzie tinha a aparência e a simplicidade que me encantava. Sua energia positiva era transmitida para mim e nas últimas semanas, ruins como tinham sido, encontrei conforto na companhia dela. Em todas as ligações e os encontros que tínhamos, foi o

PERIGOSAS ACHERON

suficiente para que não sucumbisse por completo na areia movediça que me sugava. Ela estendeu a mão, sem nem perceber, e me trouxe de volta à superfície, como um anjo teria feito.

A escolha que fiz estava certa e não tinha dúvidas disso, mas no instante em que ele soube das minhas intenções tirou qualquer chance que eu tivesse de sobreviver sem sua ajuda financeira. Frank congelou minha conta bancária – inclusive o pouco dinheiro que minha mãe deixara para mim – e, enquanto a decisão judiciária não saísse, não teria acesso a ela ou ao meu carro.

Encarei a lateral de seu rosto. Naturalmente Izzie tinha problemas para classificar minhas expressões, levava algum tempo até que ela entendesse o que meu olhar significava. Eu, por outro lado, conseguia vê-la perfeitamente, em todos os seus momentos. Ela retorcia os dedos no colo, observando com curiosidade a tela grande à nossa

PERIGOSAS NACIONAIS

frente, admirada, assim como imaginei que ficaria quando fosse ao cinema pela primeira vez. Apoiei o rosto na mão e o cotovelo no braço de sua poltrona, ganhando uma visão privilegiada ao me inclinar mais em sua direção.

Com a mão livre, afastei metade do cabelo que caía para a frente de seu ombro.

Ela congelou sob meu toque.

Não era como se Izzie não quisesse ser tocada, só não sabia como reagir quando eu a surpreendia daquela maneira. Ela tentava disfarçar o sorriso angelical, mas eu o notava. Eu sempre notava. Para não causar nenhum constrangimento, fingia o contrário.

Não fazia ideia do que acontecia entre nós, mas algo definitivamente acontecia. Algo extraordinário. Tão extraordinário que não conseguíamos formular nada coerente para nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expressar em palavras e então nós nos calávamos, porque parecia ser o certo a fazer.

Porém, quanto mais próximos ficávamos, mais difícil se tornava para eu ignorar e manter nossa relação na linha segura que nos protegia de um trágico fim, no qual nenhum de nós estava preparado para vivenciar.

— O que foi? — Abriu um sorriso reconfortante, encolhendo o pescoço e afastando meu toque.

— Nada.

Voltei para o meu lugar, aprumando minha posição na poltrona. Izzie continuava me encarando, senti seus olhos queimarem meu rosto.

Ela só conseguiu desviar os olhos do meu rosto quando um clarão atingiu por completo a sala do cinema e qualquer ruído causava nela inquietação. Acabei sorrindo de sua preocupação, era como se

PERIGOSAS ACHERON

ela estivesse esperando que alguém saísse de trás de sua poltrona, só para atacá-la.

— Descobri uma coisa interessante. — Peguei um punhado do pote da pipoca que estava em seu colo e coloquei aos poucos na boca. — Você sabia que Brad Pitt alega sofrer de prosopagnosia?

— Brad Pitt. — Ela roçou os lábios um no outro, olhou para cima, pensativa. — Não me lembro do rosto dele! — Revirou os olhos. Isso nem parecia incomodá-la tanto, incomodava quando me via e ainda levava algum tempo até assimilar.

— Não importa — gesticulei, negando com a cabeça —, mas, às vezes, me pego curioso sobre o assunto e não resisto a fazer algumas pesquisas. Ele geralmente é tratado como uma pessoa esnobe, porque acontece com muita frequência de ele estar em eventos com conhecidos e ainda passar por eles sem nem os perceber.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, isso é péssimo! — Ela franziu as sobrancelhas. — Não posso dizer que sei como é isso, porque eu não conheço muitas pessoas.

— Eu fico magoadíssimo quando você faz isso comigo! Eu sei o quanto é ruim!

Seu queixo caiu em indignação, ela juntou um pouco da pipoca e atirou em minha direção, gargalhando.

— Idiota! — murmurou.

— Shhh! — Alguém atrás de nós sibilou e Izzie se encolheu mais pouco, tentando se tornar parte da poltrona.

Vi como seu rosto se tornou ruborizado.

— A culpa foi minha! — sussurrei de volta para quem quer que fosse. — O filme vai começar — alertei a ela, apontando para o telão e ficamos em silêncio ou, pelo menos, tentamos.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Kieran, onde você quer que eu coloque isso?

— Kathryn, a mãe de Izzie, ergueu uma das caixas onde estava escrito com letras grandes e separadas “J A P Ã O”.

— Ah — descruzei as pernas e caminhei cambaleando em direção a ela, segurando a caixa para colocá-la no armário de casacos no hall do apartamento —, são alguns utensílios de cozinha. — Dei de ombros para despreocupá-la quando Izzie me encarou com as sobrancelhas erguidas. — O que é? — Encarei-a de volta, sorrindo.

— Você não vai desempacotar seus utensílios de cozinha? — Philip perguntou, aparecendo pelo corredor. Ele virou seu boné de beisebol para trás e, apreensivo, deu uma última olhada nas poucas caixas que ocupavam a sala minúscula.

— Não tenho muitas coisas. Meu pai não me deixou pegar quase nada, mal consegui tirar as

PERIGOSAS ACHERON

minhas roupas. — Suspirei e voltei a me sentar ao lado de Izzie, descansando o corpo na parede.

— Que cretino!

Kathryn ainda não acreditava quando contava sobre como a minha vida havia sido, em grande parte, detonada pelo meu pai. Em como sua tristeza conseguiu engolir quase todo o meu mundo, mas quando me lembrava disso, também me lembrava de Lysa e não podia dizer que isso não doía mais. Que tudo tivesse apenas curado, porque finalmente criei coragem para tomar a decisão certa. Não era verdade, ainda doía e tocá-la agora seria como me matar aos poucos.

— Ele é — concordei, encostando a cabeça contra a solidez do concreto.

— Não sei por que você nos chamou. — Izzie ergueu uma das minhas camisetas de dentro da caixa que ela ficou responsável de esvaziar. —

Você nem mesmo precisa de ajuda para desempacotar!

Ah, anjo, se você soubesse como nosso tempo é curto.

Revirei os olhos para ela, ignorando seu comentário. Eu só queria ficar mais algum tempo com ela. Isso era tudo.

Izzie pegou sua câmera, esquecida até o momento, e tombei o pescoço para o lado encostando a bochecha no ombro, dando a ela a visão que esperava e fotografou.

Ela gostava de me fotografar em todos os momentos, quase o tempo todo, mesmo que soubesse que as fotografias também se tornavam distorcidas quando seu cérebro tentava procedê-las. De qualquer forma, a deixava fazer e não me importava.

— Acho que nosso trabalho acabou por aqui. — Kathryn colocou as mãos na cintura e deu uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

última busca pelo apartamento, com os olhos saltando de um lado para o outro.

— Estou com fome — Izzie comentou, encostando-se à parede ao meu lado. — Podemos comer alguma coisa? — perguntou, encostando com delicadeza sua cabeça em meu ombro.

Aquela minha amizade com Izzie ainda era uma novidade intensa para Kathryn e Philip. Eles estavam acostumados a serem o único lugar para onde os olhos da filha estavam voltados, minha entrada na vida deles foi como uma invasão de espaço pessoal. De repente me senti desconfortável com o pensamento, os ombros ficaram tensos e Izzie não pareceu perceber a situação constrangedora que entramos.

— Podemos — pigarreou Philip, se sentando no chão com as pernas abertas. Kathryn o acompanhou, ainda sem retirar os olhos de nós.

PERIGOSAS ACHERON

— Izzie... — Movi o ombro devagar para chamar sua atenção para a cena que acontecia entre nós e seus pais.

— Hum? — murmurou, acomodando-se ainda mais na curva que ligava meu pescoço ao ombro.

Eu virei a cabeça o suficiente para conseguir enxergá-la e seus olhos haviam se fechado. Aos poucos, estava pegando no sono e não percebeu que estávamos no meio de uma situação complicada. Kathryn me encarou com um olhar questionador, em seu lugar faria exatamente a mesma coisa.

— Ela dormiu? — sussurrou para mim, gesticulando com a ponta do queixo para a garota desmaiada no meu ombro.

Assenti comedido, com medo de que o movimento brusco pudesse acordá-la.

— Você já contou a ela? — perguntou Philip, sem olhar para mim.

— Não.

A mãe de Izzie ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha, olhou para o teto branco e voltou a olhar para mim.

— Precisa contar.

Anuí, Izzie se mexeu e nós olhamos para ela, preocupados.

— Ela se apegou demais! — Kathryn revirou os olhos, se levantando e dando palmadas em sua coxa para desamassar a calça.

— Izzie se empolgou com a ideia de ter alguém além dos pais por perto — Philip concordou com a esposa, me encarando. Mas ainda estava tentando decidir se ele estava agradecido ou me culpando.

— Eu também me empolguei com isso. — Apontei para meu próprio peito, sentindo o indicador tremer. — Não deu para prever que nós dois íamos... — Olhei de relance para seu rosto tranquilo em um sono pesado e me senti um babaca. Literalmente. — Isso é uma droga! —

murmurei para mim, sem ter a intenção de fazer com que os pais dela escutassem.

A forma como Philip me olhou, acabou me reconfortando de alguma maneira. Ele sabia, diferente de Kathryn, que eu não tinha planejado trazer Izzie para a minha vida.

Aquilo aconteceu, eu não previ, mas não fiz nada para evitar.

Não culpava sua esposa por estar repudiando toda a situação de modo geral, em como sua filha há algumas semanas estava empolgada e logo eu teria que puxar seu tapete.

Eu ainda estava tentando acompanhar todas as emoções que rondavam meu coração há dias.

Se eu estava apaixonado, daquela vez parecia diferente.

Parecia diferente porque eu não estava considerando a ideia de desistir do Japão e não estava pensando em pedir a Izzie para desistir do

PERIGOSAS ACHERON

seu sonho de se formar em uma faculdade onde pudesse estar com outras pessoas. Não queria privá-la de ter a vida normal que sempre almejou.

A diferença estava em como o amor se destacava daquela vez. O amor para a sua vida vai com o vento e volta quando você está pronto para recebê-lo.

Não estava na hora do meu voltar para mim.

— Eu sei o quanto ela é preciosa para vocês, mas Izzie também se tornou preciosa para mim. — Suspirei, sentindo os ossos do meu corpo reclamarem com as emoções fortes que estavam se expandindo para outros extremos. — Quero que vocês deixem eu passar esse tempo com ela.

Ambos se entreolharam. Parecia uma decisão fácil, mas para eles não era. O fato da família confiar em mim era que, desde o primeiro instante, Philip notou, embora minha aparência tatuada, com a intenção de esconder as marcas perceptíveis que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carregava do meu pai, que eu não tinha intenção de magoar a filha que eles tanto protegiam.

— Tudo bem. — Kathryn suspirou, coçando com a ponta do indicador a sobrancelha. — Você se tornou um bom homem, Kieran. Independente de como o seu pai agia com você, você foi maduro o suficiente para filtrar o que era bom e ruim. O que aprendeu não foi baseado nas agressões que você sofria. Sua mãe estaria orgulhosa da sua força.

— Eu tinha Declan, Freya, Lysa. — Dei mais uma rápida olhada para a garota recostada confortável em meu ombro. — E agora eu tenho Izzie. As coisas de algum jeito deram certo para mim.



Gostava de caminhar à noite.

Gostava ainda mais quando estava na companhia da família Johnson.

PERIGOSAS ACHERON

Kathryn e Philip estavam na frente, ele apoiava o braço sobre os ombros dela e a puxava para perto quando sentia vontade de surpreendê-la com um beijo. Às vezes testemunhava momentos como aquele e me perguntava se aquele tipo de família se adequaria a minha realidade.

Izzie bocejava cambaleando ao meu lado. Ela estava com sono e cansada do dia exaustivo. Semanas passavam rápido, dias corriam e as horas iam contra a minha vontade de prolongar meu tempo em Seattle. Fechei os dedos em punho, que se escondiam do frio noturno dentro do bolso do moletom.

Ela olhou para mim e sorriu, depois soprou as mãos para aquecê-las do frio da noite.

Um único segundo pode ser suficiente para mudar a sua vida. O meu momento foi há quase um mês, quando conheci Izzie Johnson no terraço da *Grayer Technology*.

PERIGOSAS NACIONAIS

Segurei sua mão, colocando-a junto das minhas no bolso. Izzie agradeceu com um sorriso delineando sua boca delicada.

Philip quis sair para comer fora ao invés de esperarmos que a comida chegasse ao meu apartamento. A caminhada pareceu favorável, já que não andaríamos muitos quilômetros, e encontramos um bom restaurante italiano a algumas quadras dali.

Depois da minha curta conversa com os pais dela, o clima entre nós mudou tragicamente de leve e aconchegante, para denso e cansativo.

O carro de Philip estava parado na única vaga que o aluguel do meu apartamento podia pagar e parei de segui-los quando casal olhou em minha direção com a intenção de me encorajar a contar para Izzie que, há alguns dias, minha mudança para o Japão havia sido alterada de dois meses para daqui uma semana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu pai sabia há mais tempo que eu, Declan sabia há mais tempo que nós e a decisão foi simplesmente tomada.

Meu primo queria me acompanhar nas primeiras semanas, fazer uma primeira impressão que pudesse nos render bons frutos, mas não queria correr o risco de entrar no avião e sua filha nascer horas depois, sem que estivesse presente. Isso seria devastador para ele.

— Kieran, o que foi? — Seus olhos pularam de mim para seus pais, que já não nos esperavam mais e continuaram o caminho até o carro.

Expirei com força, afastando meus dedos que tocavam sua mão ainda refugiados em meu bolso. Retirei-a de lá e a guiei para longe do estacionamento. Izzie me encarava, desamparada, mas se deixou levar pelo caminho, enquanto eu não parei, suas pernas também não pararam.

PERIGOSAS ACHERON

A luz do luar tocou suas maçãs rosadas e abaixei a cabeça. Ela continuava me olhando, eu sentia. A bolsa de sua câmera fotográfica estava pendurada em seu ombro, mas enquanto me encarava, a alça escorregou até estar acomodada ao chão.

— Qual é o problema? — insistiu, ela procurou minha mão e a segurou entre os dedos. — Seu pai apareceu de novo?

Porra, por que aquilo ficou tão difícil?

Movi a cabeça, negando.

— O que está acontecendo? — Olhou para onde tínhamos saído, procurando por seus pais.

Quando seus olhos voltaram para mim, seu cérebro pareceu ter se perdido no caminho. Ela arfou, em uma fração de segundo, percebeu do que se tratava, mas continuava calada. Seu lábio inferior tremeu e os olhos marejaram, cristalizados pelas lágrimas que se acumularam.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Izzie, estou indo na semana que vem.

Ela pressionou os lábios com força e seu queixo tremeu.

Ela negou.

Se afastou.

Colocou o punho na ponta do nariz.

E chorou. Eu fiquei parado, assistindo como aquilo estava ruindo seus planos de permanecer forte.

Talvez aquela fosse nossa única chance de sermos sinceros um com o outro e não queria perdê-la.

— Você sabia que eu...

Izzie estendeu a palma da mão para mim, não continuei.

— Eu estava pronta para te deixar partir daqui dois meses e não uma semana!

Por um instante, ela havia perdido a cabeça e quando criou consciência disso, entrou em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

autonegação. Enxugou o rosto com o punho, respirou fundo e pegou a bolsa de sua câmera, colocando sobre o ombro. Cruzou os braços na altura do peito e voltou a me olhar. Ela não queria ser o tipo de garota que choraria a minha partida, mas se alegraria a cada ligação e não perderia o pouco tempo que tínhamos brigando por algo que não tinha como mudar.

Izzie conhecia nossa situação atual e foi dessa maneira que percebi a razão de não estarmos olhando para nossos sentimentos com mais atenção. Reconheci o porquê de não estarmos admitindo, de quando chegávamos a bifurcação, recuávamos.

Compreendi o motivo de nunca conseguirmos dar um passo a mais sobre nós, mesmo que nossos corações se alarmassem na presença um do outro. O estado crítico da nossa situação exigia maturidade, paciência e um pouco de realidade.

PERIGOSAS ACHERON

Não podia dar um passo a mais na sua direção sem que sentisse medo. Medo, porque nosso relacionamento não era imprevisível como os outros, pelo contrário, nós acabaríamos terminando. Eu acabaria partindo e ela se partiria por isso.

Massageei a nuca.

Eu estava prestes a colocar um ponto final naquela tortura.

— Nós podemos nos separar agora, se você quiser — *Foda-se o medo*. Dei um passo em sua direção — ou prolongar nosso fim e viver os próximos dias, um de cada vez.

Ela engoliu em seco. Entretanto, não respondeu, permaneceu imóvel, com os ombros trêmulos e o olhar evasivo.

Segurei seu rosto angelical e perdido entre as mãos, aproximei minha boca e rocei os lábios nos dela sem pressa. Izzie exalou, pousou suas mãos sobre as minhas e fechou os olhos firmemente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Selei nossos lábios mais uma vez, depois outra. Seus lábios se separaram e me aproximei mais, afastando uma mão para segurá-la pela cintura, deixando nossos corpos mais próximos. Com a mão que amparava seu rosto gelado, descí para sua nuca e pressionei minha boca com mais intensidade. Izzie respondeu de imediato, enlaçou meu pescoço e ficou na ponta dos pés para se acomodar.

Comecei a guiar seu corpo para trás, colocando suas costas em uma parede próxima. Com o braço que envolvia sua cintura, a levantei, e a coloquei sobre o paralelepípedo. Ela me puxou com mais urgência, sugando meu lábio inferior.

O mundo parou para nós, foi como se o tempo se comovesse com a profusão de sentimentos e congelasse. Senti seus dedos finos e minúsculos acariciarem os meus fios curtos, gemi contra seu lábio e me afastei para olhá-la nos olhos. Não havia nenhum sinal de arrependimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, eu a beijei de novo.

— Vamos viver — sussurrou contra minha boca e subiu seu olhar em busca do meu — um dia de cada vez, até tudo terminar.

Concordei, encostando minha testa na sua.

— Eu sei que você não reconhecerá mais meu rosto, mas ao menos tente se lembrar de como é meu beijo.

Ela lambeu o contorno dos lábios.

— Você foi meu primeiro, é impossível esquecer.

Sorri e beijei o centro de sua testa.

Eu e ela estávamos ligados pelas coisas que compartilhávamos. Isso não mudaria com o tempo. Nem com a distância.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

IZZIE

*“Esperando o tempo passar para você
Espero que os ventos da mudança
Te façam mudar de ideia
Eu poderia te dar mil motivos”*

STAY – ZEDD FT. ALESSA CARA

— Você quer o quê? — mamãe sibilou, cruzou os braços na altura do peito e me olhou como se o que eu disse, fosse uma ofensa.

— Quero ir para a faculdade — repeti, coloquei as mãos juntas entre as pernas e mamãe começou a
PERIGOSAS ACHERON

andar de um lado para o outro em nossa sala.

— Querida, qual o problema com o seu curso on-line? — perguntou meu pai, afastando as madeixas que cobriam meu rosto.

Tinha enrolado alguns dias até finalmente ter coragem de enfrentar meus pais. Minha mãe havia prendido sua franja para trás e, quando a vi pela manhã, não consegui reconhecê-la. Foi como se todo o meu progresso de anos, estivesse sendo jogado pela janela. Ainda não tive coragem de pedir para ela não mudar tanto o visual todos os dias, isso dificultava meu processo de caracterização.

Eu respirei fundo.

— Você quis um pouco de liberdade, nós te demos — recomeçou ela, apontando o dedo para mim. — Nós estamos até deixando que você visite o Kieran sozinha! — Ela parou com a mão espalmada na testa e pousou a outra na cintura,

PERIGOSAS NACIONAIS

olhando para as botas em seu pé. Perfeito, ela estava usando botas de cano baixo. *Só preciso verificar as botas.* — Mas, Izzie, você nunca esteve no meio de tantas pessoas antes! — alertou, intrigada com a ideia que eu tinha acabado de propor.

Estávamos vestidos para uma ocasião especial. Um jantar de despedida na casa de Declan e Freya Grayer. Respirar ficava difícil sempre que eu pensava na ideia de me despedir dele de uma vez por todas, por isso, eu evitava me concentrar nesse assunto.

Alisei a barra do meu vestido florido, o mesmo que usara no dia em que Kieran e eu nos conhecemos, enquanto eu fotografava o pôr do sol e me senti incrivelmente astuta naquela tarde, quando tentou desvendar cada pensamento meu só me observando. Mal ele sabia que, por mais que

PERIGOSAS ACHERON

tentasse, eu era uma incógnita, difícil de ser decifrada.

Meu pai usava gravata vermelha. Só preciso distinguir as diferentes cores de gravata nessa noite.

A do meu pai era vermelha.

— Eu posso lidar com isso, mãe.

— Você pode?

— Sim, eu sei que consigo! Vocês só precisam concordar com isso!

— É claro que nós *não* vamos concordar com isso!

— Kathryn! — censurou meu pai, em tom de repreensão. — Nós podemos, pelo menos, pensar no assunto?

— De jeito nenhum! — exclamou, batendo o pé.
— Você se lembra do seu primeiro mês na escola primária?

Neguei, mas eu me lembrava sim, só fingia que não. Era constrangedor.

— Você se perdeu! Você vivia se perdendo da sua turma, porque não conseguia encontrar a sua professora. A resposta continua sendo *não*.

Meu pai olhou para mim. Ele queria me reconfortar, porque sabia que eu me sentia sufocada e quanto mais o tempo passava, mais eu sentia que viveria o resto da minha vida nas dependências de meus pais.

Não costumava chorar muito, porque expurgar a tristeza com o sorriso parecia mais fácil do que justificá-la. Mas eu chorei debaixo do olhar apreensivo de meus pais.

— Você pode me tratar como vilã dessa história se quiser, Izzie, mas estou te protegendo, porque eu te amo! — Mamãe coçou a sobrancelha e se aproximou, sentando-se ao meu lado. Ela cobriu meus ombros com seu braço e me puxou. Aninhei a cabeça na curva de seu pescoço, enquanto ela

afagava os fios do meu cabelo. — Sinto muito que a vida seja assim.

Cobri a região do nariz e boca com a mão em concha, tentando segurar o choro escandaloso que escaparia de minha garganta se permitisse. Enterrei o rosto no peito da minha mãe. Eu nem mesmo conseguia ficar com raiva por ela tentar me proteger.

Meus ombros balançavam em uma violência abrupta causada pelo choro que insistia em se libertar. Eu cedi, porque não aguentava a ardência se apossando de cada centímetro da garganta.

— Tudo bem, querida. Tudo bem. — Minha mãe deu leves palmadinhas em minhas costas, me consolando. — Pode chorar.

A questão é que eu não estava chorando só por não ter a permissão de ir para a faculdade no próximo ano, mas porque eu queria ser forte na minha despedida a Kieran. Não queria causar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desconforto nem culpa em seu coração e nosso adeus me machucaria de modo que sofrer por não ter liberdade, nunca me machucou.

Eu pensei que estava tudo bem concordar com aquilo, que não me importaria e tudo ficaria bem. Mas Deus, estava completamente enganada.

— Por que ele precisa ir? — esfuziei para minha mãe.

— Escute, querida — senti o assento do meu outro lado se afundar e a mão pesada do meu pai me consolar sobre o ombro —, Kieran passou por muita coisa nos últimos anos. Vai ser bom para ele se mudar.

— E quanto a mim? — ofeguei. — E como eu fico?

— Exatamente. — Minha mãe afastou uma mecha molhada do meu rosto. — Você *fica*.

— Mas eu quero que *ele* fique. Quero que nós fiquemos juntos!

PERIGOSAS ACHERON

— Seria egoísta de sua parte pedir para ele escolher entre você e o Japão.

— Eu sei — murmurei, apertando com força o tecido fraco do assento do sofá. — Eu sei, meu Deus, como eu sei. — Solucei, com minha voz entrecortada.

— Você precisa deixá-lo ir — meu pai complementou.

Anuí continuamente, tentando convencer meu coração de que precisava deixá-lo ir.

— Só me deixem chorar até não sobrar mais nada, assim não vou fraquejar na frente dele — pedi e ambos permaneceram em silêncio, entendi aquilo como um *sim*.



A casa de Declan não era nada parecida com uma mansão, como a que seu pai costumava viver com sua mãe. Tinha um jardim modesto e uma

PERIGOSAS NACIONAIS

decoração moderna, sem muitas cores, tudo em tons neutros e pastéis. Minha mãe me segurava pela cintura, guiando na direção certa enquanto meus olhos vasculhavam sem culpa os quadros de pintura pendurados pelo corredor estreito do hall até a sala de visitas.

O jantar que separaram naquela noite, se resumia, na verdade, em algo mais particular, para os amigos mais próximos. Isso se resumia em nossa família pequena se juntando a família pequena de Declan. A mãe dele, segundo meu pai, vivia viajando depois da morte de Arthur e ela retornaria quando o neto nascesse.

Os pais de Freya montaram um restaurante quando a senhora Grayer anunciou que estava tirando férias muito prolongadas e vendeu a mansão em que vivia antes com o marido.

— Philip!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós três nos empertigamos quando a voz permeou pela sala e alguém veio em nossa direção. Com uma reação esperada, segurei a mão de minha mãe e sorri, quando o dono da voz estendeu sua mão para mim.

— Ah, vocês chegaram!

Outra voz reverberou se aproximando e se juntando ao lado do outro, que ainda não havia conseguido identificar.

Respirei profundamente.

— Sou eu, Izzie — Ele sorriu e pressionei os olhos com empenho. — Declan — concluiu, com a mão ainda estendida para mim.

Meus olhos saltaram de uma posição para outra, buscando algo em sua aparência que me permitisse um reconhecimento imediato e quando terminei, reparei no modo como seu cabelo estava penteado para trás, a barba loira e rala. Aquele era Declan.

PERIGOSAS ACHERON

Eu o cumprimentei, seu sorriso se alargou de maneira exponencial.

Freya foi mais fácil. Quando ela sorriu para mim, percebi uma pinta de nascença pequena e discreta sobre o lábio superior, quase imperceptível para quem não necessita de qualquer detalhe minúsculo para o reconhecimento de alguém.

Ela também usava um colar de sol que nunca tirava e em todos os nossos encontros não planejados, ele estava lá, o que facilitava para mim. Além de agora estar com uma barriga redonda.

— Kieran já chegou? — meu pai perguntou.

— Sim. — Freya sorriu, enlaçando o braço no de Declan. — Ele pediu para você ir até a área da piscina, Izzie.

— Tudo bem, obrigada.

Olhei sobre os ombros de Freya e ela notou minha confusão quando arqueei as sobrancelhas. Eu não sabia como chegar lá.

— Eu te levo até lá! Vocês podem ir se acomodando. — Ela depositou um beijo casto na bochecha de Declan antes de sair.

Ela andou mais à frente, porém devagar. Corri um pouco para alcançá-la e atravessamos a cozinha principal. Freya gesticulou com a ponta do queixo e apontou a porta de correr de vidro que separava a cozinha da piscina.

— Ele está ali. — Cruzou os braços. — Izzie, obrigada por ter... você sabe, confortado o coração dele nos últimos dias.

— Eu queria fazer isso. — Dei um meio sorriso.

Segui em direção a porta. Assim que entrei na área externa da casa, percebi apenas uma pessoa parada, de costas para mim e olhando a frente, sem desviar. Ele usava um blazer – nada parecido com ele – e as mãos estavam escondidas no bolso de sua calça social. Uma tatuagem escapava por debaixo do colarinho de sua camisa, em seu pescoço.

Quanto mais me aproximava dele, mais nítida ela ficava. Eram asas de anjo, desenhadas separadamente e abertas, como se levantassem voo. Ela estava levemente vermelha. Ao chegar mais perto, notei a tatuagem da rosa e me aliviei. Lá estava ele.

Kieran olhava para frente, mas não havia nada. Foi só então que percebi que seu pescoço se inclinava um pouco para trás e encarava o céu escuro sob nós. Ele se remexeu quando percebeu que eu havia parado ao seu lado.

— Oi! — cumprimentei empolgada.

Nós sempre conversávamos, não era como se eu não tivesse falado com ele há algumas horas antes de estar ali.

— Essa tatuagem é nova. — Toquei a asa aberta com a ponta do dedo. Ele aquiesceu quando sentiu o toque. — Fez hoje?

— Fiz. Gostou?

— É bonita.

Eu sabia que todas as outras tinham um significado doloroso para Kieran.

— O que ela significa?

— A minha redenção. — Ele sorriu. — Faltam três dias. — Expirou, exausto.

— Como você se sente?

— Estou um pouco... — ele se virou para mim com a testa vincada e o olhar carregado — preocupado.

— Você vai se dar bem, trabalhou duro durante todo o mês!

Aproximei-me, prendendo meu braço no seu.

— Izzie.

— Sim?

— Eu gosto mesmo de você.

Minha respiração travou.

Era a primeira vez que ele falava sobre isso. Mesmo que não precisasse dizer em voz alta, ele

disse:

— Estou preocupado em como vou me sentir depois que tudo acabar.

Respirei fundo, me soltei de seu braço e andei até ficar de frente para ele. Seus olhos recaíram sobre mim. Pude ver a profundidade de suas olheiras, a preocupação estalando em sua expressão abatida, em como seu corpo parecia tenso e nervoso sob meu toque.

Segurei seu rosto com firmeza e fiquei na ponta dos pés para conseguir tocar sua boca com a minha. O beijo foi rápido, leve, sereno e com sabor de saudade.

— Eu fui a um bar, dancei, joguei sinuca, assisti a um filme no cinema e comi pipoca fora de casa, tomei sorvete com um cara que eu gosto e fui beijada pela primeira vez por esse mesmo cara. — Toquei seu lábio de novo, dessa vez o pressionando com mais força, obrigando suas mãos a saírem dos

PERIGOSAS ACHERON

bolsos para poder me tocar. — Você é o mais próximo que cheguei do céu, Kieran.

Ele tocou minha bochecha com a mão e acariciou minha pele com o polegar, um sorriso sincero pincelou seus lábios carnudos.

— Nosso tempo foi curto — disse.

— Nós ainda temos três dias — rebati.



Aspirei profundamente o cheiro delicioso que vinha do fogão, onde Kieran movia o braço em uma única direção, preparando o molho de seu espaguete. Estudei com cautela seus ombros largos e as mangas de sua camisa dobradas até o cotovelo, deixando visível as tatuagens simbólicas.

Os funcionários da *Grayer Technology* ainda estavam se acostumando com um jovem como ele aprendendo a dar ordens e temiam que, no Japão, os subordinados não o levassem tão a sério devido

aos desenhos que adornavam sua pele, embora elas não ficassem muito à mostra quando usava social.

Eu sabia que as tatuagens não diziam nada sobre a pessoa incrível que ele era. Sorri tranquila com este pensamento e continuei meu trabalho de olhar o folheto da faculdade.

— Você já conseguiu se decidir? — perguntou, apoiando a cintura em um dos balcões e cruzou os braços, enquanto esperava o molho borbulhar na fervura.

— Não — crispei os lábios —, mas eu nem sei se vou conseguir entrar. Parece ser tão difícil!

Ele caminhou em minha direção e dobrou o tronco sobre o balcão, transformando aquela barreira intransponível de contato insuportável.

— Seus pais já sabem disso?

— Eu até tentei falar com eles, mas estão irredutíveis com a decisão. — Suspirei, afastando o folheto para bem longe de mim. — Quero me

inscrever e depois contar para eles, se eu conseguir uma vaga. E a doutora Meredith prometeu que iria falar com eles.

— Não sei não, anjo. Não me parece um bom plano.

— É tudo o que tenho por enquanto!

Desci do banco alto e me distanciei um pouco. Esse presságio em que estava vivendo me deixava magoada. Já fui mais compreensiva quanto a decisão dos meus pais de me manter a distância e com segurança de todo o mundo, mas agora parecia algo desequilibrado e vazio. Sentia no fundo de meu coração que precisava encontrar maneiras de viver a minha vida aceitando que eu não podia mudar quem eu era, mas em como viveria comigo mesma. Afinal, eles não estariam lá para sempre. Uma hora, eu acabaria sozinha.

Parei no centro da sala de braços cruzados e uma lacuna de pensamentos não ditos causando

PERIGOSAS ACHERON

inquietação no meu corpo. Kieran estava determinado a ser nos últimos dias, um amigo – e seja lá o que fôssemos – incrível. Ele passava a maior parte do tempo invadindo meu espaço pessoal, e eu deixava, porque não fazia ideia de quando nos veríamos outra vez ou se algum dia voltaríamos a nos ver.

Observei a sala, meu coração de repente se dando conta de que ele não tinha nada para fazê-lo realmente ficar. Seu apartamento era vazio, assim como seu coração parecia estar.

Ele não podia manter comida congelada em casa, porque não tinha uma geladeira. Não tinha televisão, nem mesmo um sofá. Com seu primeiro e bom salário, conseguiu comprar uma cama e um colchão de casal confortável o bastante. As mesmas caixas que o ajudei a desempacotar um tempo atrás, estavam ocupando espaço por todas as vertentes do ambiente da sala e já tínhamos empacotado metade

de suas coisas para a sua mudança de vida radical. Eu fiz parte de todas as mudanças que ocorreram em sua vida, não podia deixar de não me orgulhar por isso.

Nós, até aquele momento, conseguimos ignorar o fato de que a despedida seria em breve e tentamos aproveitar cada momento sem pensar no adeus. Pelo menos era o que parecia, mas não dava para entender o que acontecia quando nos afastávamos e que tipo de pensamento ocupava nossa mente.

— Ai, caralho!

Escutei o barulho agudo metálico estalar contra o assoalho da cozinha e me virei. Kieran estava abanando a mão direita, espalhafatoso e murmurando palavras ininteligíveis. Aproximei-me, fazendo o contorno da ilha e segurei sua mão. A lateral do punho estava avermelhada, com um leve inchaço.

— Não foi nada, Izzie — disse.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que não foi nada.

Concordei anuindo, mas levei sua mão para baixo da água corrente da pia e a mantive lá por alguns segundos.

— Você tem papel toalha e alguma pomada para queimadura? — perguntei, antes de ele responder, estava abrindo as portas dos armários à procura de guardanapos de papel.

— Espera. — Ele puxou a mão queimada e se esticou só um pouco sobre meu corpo. Seu peito quase tocou meu rosto quando se aproximou. Meu coração martelou minha espinha, um sentimento conhecido emergindo com seu quase toque. — Aqui.

Ele me entregou um rolo e destaquei dois guardanapos para secar sua mão.

— Alguma pomada?

— Deixa isso, anjo. Estou legal.

— Você tem uma pomada ou não?

PERIGOSAS ACHERON

Ele crispou a testa com meu tom ríspido.

— É impressão minha ou você parece brava comigo?

Como eu não respondi, ele se inclinou, encostando descontraído sua boca na minha. Arregalei os olhos ao sentir seu toque e sua mão gentilmente afastou as madeixas grossas que cascadeavam sobre meu ombro.

Fechei os olhos, retribuindo o beijo quando sua língua roçou a superfície do meu lábio superior.

— Você está sempre machucado, por dentro ou por fora — soltei, bufando, quando sua boca se afastou para retomar o ar.

— Eu não tenho nenhuma pomada aqui, mas se te incomoda tanto posso sair e comprar. — Ele apontou com o polegar sobre o ombro, em direção a porta.

Envolvi meus braços em sua cintura, escondendo o rosto em seu peito largo. Ele me

PERIGOSAS ACHERON

abraçou de volta, cobrindo meu corpo minúsculo com seus braços avantajados de músculos. Um beijo casto cedeu no topo de minha cabeça. Inspirei profundamente seu perfume.

Kieran enterrou os dedos em minha nuca. Afastou com delicadeza minha cabeça para me olhar.

— Vai ficar tudo bem, anjo — garantiu, mas não soou como uma promessa.

Aquela era nossa última noite juntos. E eu queria que fosse inesquecível. Queria que ele desejasse voltar para mim em um futuro próximo.

Ele adorava me analisar com seus olhos esverdeados e não dizer absolutamente nada. Absorvia o que via, guardava para si e contornava os detalhes de meu rosto, como se os estivesse desenhando em seus pensamentos. Eu me sentia levemente favorecida sob seu toque e me esquecia do mundo quando acontecia. Meu corpo entrava em

combustão, se energizava sem que exigisse muito esforço.

Kieran beijou a lateral do meu pescoço. Tombei a cabeça para o lado, sentindo a ponta de seu polegar tocar minha bochecha quando sua língua úmida passeou pela região sensível de minha pele. Ofeguei, agarrando sua camisa com meus dedos enodados. Mudou a direção, salpicando beijos molhados pela extensão de meu pescoço, até chegar a beirada de meu queixo e o morder com a ponta de seus dentes.

Foi a primeira vez que senti o toque com desejos libidinosos de um homem. Ele chegou a minha boca outra vez, encontrando o caminho e sugando-a, conseguindo me levar ao paraíso com um beijo intenso, recheado de emoções que se escondiam atrás de um escudo criado por seu medo. Eu compreendia Kieran e suas necessidades de ir

PERIGOSAS NACIONAIS

devagar com seu coração recentemente machucado. Não por Lysa, mas por ele mesmo.

Pior que ter alguém torturando seu coração, é ser o seu próprio opressor.

Entrelacei os dedos em sua nuca, extraindo a maior das emoções que ele conseguisse transmitir para mim. Apoiei as mãos em seu ombro, com um impulso, enrolei minhas pernas em sua cintura. Meu cabelo caiu para frente, criando uma pequena toca em nossos rostos. Ele gemeu ávido quando segurou minhas coxas para me apoiar contra seu colo. Prendi os calcanhares em sua cintura, parecendo ser a coisa certa a se fazer. Fui conduzida pela emoção, o sentimento que emergia e tomava conta de minhas ações. Não iria me justificar, eu só queria estar com Kieran.

Por aquela noite.

Até a hora de finalmente acabar.

PERIGOSAS ACHERON

Queria estar com ele. Senti-lo me amar e queria poder ter o direito de retribuir. Não sabia em que posição eu estava em seu coração, mesmo depois de ter pedido por ele, mas estava lá. Sabia que estava. Eu sentia.

— Longe demais — alertou, ao afastar o rosto.
— Se você continuar...

Uma ruga intensa se formara entre seus olhos. Massageei a região vincada com o polegar e sorri para tranquilizá-lo.

— Me peça para ficar — ordenei, enlaçando seu pescoço com posse. — Me peça para ficar com você essa noite — insisti, sentindo os olhos se marejarem à medida que meu coração palpitava uma urgência de tê-lo.

— Izzie... — sussurrou, uma mão envolvendo com segurança minha cintura e a outra enxugando a única lágrima que permiti rolar.

— *Por favor* — balancei a cabeça —, não vai.

— Não faz assim — pediu, afundando o rosto entristecido em meu pescoço, inspirando pacientemente. — Não faz isso comigo.

Por um segundo, fui fraca e fiz exatamente o que não podia ter feito.

Eu implorei para ele ficar.

Mas ele negou balançando a cabeça, porque não conseguia dizer em voz alta.

— Fica comigo *hoje* — ele pediu, fazendo o que eu havia lhe dito para fazer.

Eu o beijei, misturando a ânsia de tê-lo com a dor da perda antes de colocá-lo em um avião.

Kieran saiu da cozinha, seguiu em direção ao seu quarto, sem descolar os lábios do meu. Senti o colchão afundar em minhas costas e a sua sombra se inclinar sobre meu corpo com delicadeza. Sua boca macia beijou cada centímetro de minha pele, se dedicando a mim de modo que eu conseguia vê-lo somente com seu toque. As mãos ásperas

PERIGOSAS NACIONAIS

passaram por baixo de minha camiseta, tocando as curvas suaves do meu corpo.

Arqueei as costas e estiquei o pescoço para receber seus beijos. Afundei-me em um mar de emoções que ainda não tinha sentido e fiquei grata por ter escolhido Kieran para me apresentá-las.

Ele desabotoou meu jeans e o desceu. Fechei os olhos ao sentir os lábios úmidos roçarem um pouco acima da virilha. Conforme seus beijos se espalhavam por regiões sensíveis e que nunca foram tocadas antes – Kieran sabia disso e queria provar cada milímetro –, eu sentia pequenas explosões eclodindo dentro de mim. De dentro para fora, escapando em ruídos por minha garganta.

Em uma única noite, eu pude sentir a felicidade lado a lado com a tristeza, em uma batalha perigosa, sem ter certeza de quem sairia vitorioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

KIERAN

*“E talvez eu venha a descobrir
Uma maneira de voltar algum dia
Para vigiá-la, para guiá-la
Através dos mais escuros dos seus dias”*

**WHEREVER YOU WILL GO – THE
CALLING**

Eu queria impressioná-la e fazê-la sorrir. Desde que conhecera Izzie Johnson, essa tinha sido minha motivação: encontrar maneiras de fazer com que a sua vida se transformasse, que eu fosse alguém com PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem ela poderia se abrir, alguém em quem ela confiasse o suficiente para confiar seus medos e seus segredos. No final fui surpreendido e foi ela quem encontrou maneiras de transformar as sombras em meu rosto em luz.

Fechei a minha única bagagem, pequena e de mão, encarando o quarto onde tínhamos passado a noite, até ter que levá-la de volta para os braços de sua família.

Então era isso.

Eu estava partindo.

Estava deixando meu coração para trás.

Muitas vezes encontramos encruzilhadas como aquela em nossas vidas. E em muitas dessas você precisa ser egoísta e escolher o que é melhor para você.

Você tem que escolher o que você precisa e não o que você quer.

Eu queria Izzie, mas precisava do Japão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com um último suspiro, fechei a porta atrás de mim, me deparando com Declan e Freya parados à minha espera.

Ele estava confiando cegamente em mim. Estava cuidando para que a minha vida fosse boa de agora em diante e a sua companhia em meus primeiros meses em Tóquio parecia essencial, me deixava confiante.

— Meu Deus — Freya agarrou meu braço, espantada —, você parece incrivelmente derrotado. Que olheiras são essas?

Revirei os olhos e seguimos em direção ao elevador. Freya estava cada dia mais roliça, com uma barriga arredondada e larga despontando de seus vestidos largos de verão.

— Vocês já escolheram o nome? — perguntei ignorando sua pergunta, olhando sobre os ombros e vendo Declan encarando a esposa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele tinha um sorriso estranho enfeitando seu rosto.

Não era a primeira vez que o pegava no flagra admirando Freya com adoração. Ele a adorava, literalmente. E eu entendia por quê. Ela tinha um modo único de surpreender as pessoas. Causava boa impressão e sua energia conseguia rodear a nossa vida, trazendo uma sensação de empatia e altruísmo. Aquela era Freya Grayer.

— Ainda estamos decidindo — Freya encarou o marido, com um sorriso abobalhado —, mas nós pensamos em Julie.

— O nome da minha mãe? — indaguei, com um tom de surpresa se evidenciando.

— Sim, todos diziam que ela era uma mulher incrível — Declan completou, apertando o botão iluminado do elevador para o térreo.

— E ela aguentou meu pai por tanto tempo — murmurei, em uma conversa particular.

PERIGOSAS ACHERON

— Seu pai mudou bastante quando ela morreu, Kieran — meu primo disse, mas não havia nenhum indício de piedade. Declan repudiava as ações do meu pai comigo. — Eu não me lembro dele, mas escutava meu pai falando o tempo todo.

Um carro nos esperava na porta do prédio. Despedi-me do porteiro e devolvi as chaves.

Freya entrou primeiro com um pouco de dificuldade pela barriga protuberante. Acabei sorrindo para a situação espalhafatosa na qual ela se encontrava. E Declan a ajudou a se acomodar.

— Ufa! — expirou quando conseguiu. — Você está pesadinha, meu amor — falou para a barriga, enquanto a alisava sobre o tecido.

Coloquei minha bagagem no porta-malas e entrei no carro. Gregory estava na família Grayer havia anos, e Declan confiava em seu motorista como ninguém. Eu o cumprimentei anuindo,

PERIGOSAS NACIONAIS

quando seus olhos me fitaram pelo retrovisor sobre sua cabeça.

O caminho até o aeroporto foi quase insuportável, mas aproveitei meus últimos momentos em solo americano para uma breve despedida. Não tinha muitas coisas para admirar em minha vida na grande Seattle, mas alguns relacionamentos sempre estariam fazendo sua ação em deturpar minhas palavras.

Lysa estava vivendo seu sonho e fiquei feliz por ela. Pela primeira vez, conseguia me ver sem ela. Com certeza seria a mulher certa para mim, mas apareceu no momento errado em minha vida e acabei a levando para o trem descarrilhado que eu era. Não haveria palavras suficientes para que eu conseguisse me desculpar. Ela era aquele ponto fraco no fundo do meu coração, mas não era a mulher com quem eu iria me casar.

PERIGOSAS ACHERON

Izzie, entretanto, tinha algo que me deixava extasiado. Seu modo de enxergar a vida, a forma como ela lidava com os problemas e a maneira como conseguia ser sincera. A sua incapacidade de reconhecer rostos foi o que me tornou capaz de enxergá-la em meio ao nevoeiro.

Gregory diminuiu a velocidade do carro, os pneus raspavam contra o asfalto e os freios rangeram quando finalmente parou.

Encarei o aeroporto com um pouco de receio, mas minha coragem voltou a reaparecer quando vi a família Johnson esperando por mim na porta dupla de vidro.

Izzie estava na ponta dos pés, olhando sobre as cabeças, como se fosse capaz de me reconhecer a uma distância em potencial. Sorri sozinho.

— Esse sorriso — Freya apoiou a mão sobre a barriga —, eu conheço bem!

— Lá vem você. — Revirei os olhos, mas não desmanchei o sorriso.

— Lá vou eu! — exclamou e Declan abriu a porta para ajudá-la a sair.

Peguei minha bagagem e segui na direção do anjo que havia se mostrado imbatível e foi uma força tangível em um momento difícil para mim. Ela estava com os cabelos amarrados em um rabo de cavalo alto, usava um short jeans, uma regata branca e um *All Star* amarelo desgastado. Sua câmera, estava pendendo em seu pescoço.

Estava bem próximo e ela ainda não conseguiu perceber minha presença. Philip e Kathryn me notaram, acenando com empolgação quando me viram chegar. Declan e Freya caminhavam a passos lentos atrás de mim. Gregory nos seguia também.

— Oi — chamei, e sua atenção se voltou para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela pensou por um momento, como sempre fazia, pressionou os lábios em uma linha tênue e suas bochechas pálidas ruborizaram depois, se lembrando da noite passada. Beije seu rosto, demorando um pouco ao segurar seu pescoço impedindo que ela se afastasse. Inalei com paciência seu cheiro doce. *Deus, permita que eu me lembre desse cheiro todos os dias.*

Cumprimentei seus pais, abracei Kathryn e Philip, já me despedindo.

— Oi — Izzie sussurrou depois de algum tempo e entrelaçou seus dedos nos meus. Ela parecia menos acanhada a cada encontro. — Por um minuto, não consegui te achar — brincou, gargalhando e agarrando minha mão com as suas.

— Eu percebi, *quase* fico magoado.

Ela mordeu a boca.

— Sobre o que aconteceu ontem... — começou, quando nos afastamos o suficiente de seus pais.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vou me esquecer. Nunca — prometi e essa eu seria capaz de cumprir.

A tela grande e principal pendurada no centro do aeroporto já indicava que nosso voo tinha recebido sua primeira chamada. Engoli em seco, encarando as palavras miúdas cintilando na tela. Cocei a nuca, encarando Izzie que fazia o mesmo que eu há um segundo. Ela pressionava os lábios, um no outro, e os olhos vidrados diziam o suficiente.

Puxei-a com o braço sobre seus ombros e beijei sua têmpora, ganhando algum tempo, enquanto Declan se despedia de Freya. A diferença entre nós é que em dois meses, ele estaria de volta para casa.

— Kieran, nós vamos te esperar no portão de embarque — Declan alertou, gesticulando para o segundo andar.

Anuí e os pais de Izzie ficaram distantes, nos dando privacidade para um último momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei, afastando meu corpo para vê-la. Seus olhos estavam marejados, as lágrimas se acumularam rapidamente e não fui capaz de impedi-las.

— Baby — murmurei, puxei-a para perto com a mão em seu pescoço e beijei sua testa.

— Eu sabia que esse dia iria chegar, não sei por que estou tão emotiva. — Sorriu, enxugando as lágrimas com o punho.

— Quero te dar uma coisa.

Procurei no fundo do bolso de minha calça jeans e retirei de lá uma caixa pequena de veludo preto. Abri a tampa e mostrei a Izzie um anel simbólico, tanto para mim quanto para ela. Um anel dourado com duas asas de anjo abertas e uma fenda no meio. Retirei-o da caixinha, e a coloquei em seu dedo anelar, acariciando o dorso de sua mão com meu polegar.

Não queria que fosse uma promessa vazia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Queria que para ela parecesse mais como uma lembrança do que um dia nós fomos.

As asas majestosas de um anjo caído.

Beijei seu anel e ela me abraçou, agradecida.

Sua cabeça ficou em meu peito. Ouvi seu choro baixo, e lutei contra o meu. Ela se agarrava a minha cintura com força, as unhas enterrando com clemência em minha pele. Salpiquei beijos em sua cabeça e acariciei seus braços, desejando que as forças do céu me ajudassem a lidar com o vazio que ficava em meu peito, onde deveria estar meu coração.

— Vamos tirar uma foto. — Ela se afastou, abrindo um sorriso sincero e ligou a câmera. — Você tira, é mais alto.

Ela se aninhou sob meu braço. Uma mão estava se apoiando em minha lombar, a outra sobre minha barriga. E se agarrava a minha blusa com força. Beijei a lateral de sua cabeça quando bati a foto.

PERIGOSAS ACHERON

Uma última chamada foi feita para o meu voo. Os braços de Izzie apertaram com mais força ao meu redor. Ela pegou a câmera de volta e a pendurou no pescoço.

Izzie parecia forte me olhando como se não estivesse sentindo nada, se forçando a ser imparcial e disfarçando o tremor de seu queixo trincando o maxilar. Acariciei sua bochecha com meu polegar e pisquei para ela. Eu estava em uma batalha interna contra meus próprios sentimentos.

Desci a mão por toda a extensão de seu pescoço, escorreguei-a por seu braço até alcançar sua mão e a apertei.

— Eu te ligo quando chegar — prometi.

— Me liga todos os dias — pediu e eu concordei.

Comecei a andar de costas, no meio do aeroporto, com Izzie se agarrando a minha mão.

Eu também não conseguia soltá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— N-n-n-ós vamos nos falar sempre — garantiu em meio a voz entrecortada pelo choro que insistia em escapar.

— Claro, nós vamos — respondi.

— Você vai seguir em frente.

— Você também.

Nós continuávamos andando, sem nos soltar.

— Seja feliz, anjo.

— Está bem. — Seu lábio inferior tremeu.

Parei quando cheguei à escada rolante. Suspirando, me abaixei em direção a sua boca e nós demos nosso último beijo. Nosso adeus. E finalmente nossas mãos se soltaram.

Foi tarde demais quando percebi que deixá-la para trás pareceu um erro. Fiquei pensando que, se ela tivesse me pedido para ficar, talvez tivesse ficado. Mas se ela fizesse e eu concordasse, não saberia como as coisas acabariam para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um adeus pode ser mais que uma despedida.
Pode ser um recomeço.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

IZZIE

*“Você leva embora
Cada respiração que eu dou
E se você me ama, pelo amor de Deus
Por favor, ponha um fim a essa mágoa?”*

DON'T HOLD ME – SANDRO CAVAZZA

Vinte dias depois, nós continuávamos nos falando em intervalos curtos de tempo, a cada quatro dias Kieran respondia meus e-mails. Ele ainda estava tentando se acostumar com o fuso horário e acabou sofrendo de *jet lag*, por isso

PERIGOSAS ACHERON

nossas ligações em vídeo acabaram se resumindo a uma chamada de vídeo por semana.

Ele também tentava me encaixar em sua agenda apertada, era difícil conseguir lidar com toda a pressão de administrar uma empresa de, pelo menos, cem funcionários e ainda falar a língua dos japoneses.

Finalmente havia enviado minha inscrição para a universidade de Seattle, a doutora Meredith havia convencido meus pais de que seria bom para mim conviver com outras pessoas da minha idade. Mas não obtive nenhuma resposta deles nos próximos dez dias que correram, até o correio finalmente aparecer e eu me deparar com uma carta de rejeição com bastante cordialidade.

Era como enfiar uma faca em minhas costelas enquanto se desculpavam por isso.

Freya me ofereceu um emprego no setor de marketing da empresa – sem o Declan e Kieran

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para ajudar, as coisas não estavam indo tão bem como esperado – e precisou de um auxiliar para organizar sua agenda, já que meu pai sozinho precisava cuidar dos assuntos de Declan e Kieran a distância.

Eu não aceitei. Não imediatamente. Estava ganhando um tempo para me decidir.

Trinta e cinco dias mais tarde, eu sentia que iria enlouquecer a qualquer minuto. As respostas de Kieran começaram a demorar de cinco para dez dias e as ligações em chamada a cada duas semanas. E o clima começou a mudar entre nós. Era como se estivéssemos lutando para não machucar um ao outro no processo de superação, enquanto mantínhamos o contato e uma decisão precisava ser tomada. Se ele quisesse sair com outra pessoa, por mais que aquilo doesse, eu não podia ser a barreira que o impedia.

Ele foi bom para mim o tempo todo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu queria ser boa e madura o suficiente para compreender que nós nunca funcionaríamos juntos daquele jeito. Não tinha certeza se estávamos falando de um relacionamento a distância ou se tínhamos realmente acabado, mas sem conseguir dizer em voz alta. No aeroporto dissemos que seguiríamos em frente, mas nenhum de nós parecia querer seguir e esquecer.

Eu gostava dele e Kieran gostava de mim. E não podíamos ficar juntos.

Brinquei com o anel que ele me dera antes de partir e o rodei no dedo anelar, esperando que o telefone tocasse.

Por favor, vamos lá.

Fitei o aparelho sobre a cama, os olhos marejados e o coração palpitando sem piedade, maltratando meu peito, a respiração obstruída pela dor na garganta. A sensação que tinha era de que

PERIGOSAS ACHERON

havia sido colocada dentro de uma banheira cheia até as bordas de gelo.

O aparelho finalmente tocou. Uma chamada de Kieran pelo *facetime* apareceu no display. Fechei e abri os dedos, exercitando-os. Respirei fundo e cocei os olhos com a lateral do punho, afastando qualquer resquício de tristeza que pudesse me denunciar sobre os minutos anteriores.

A excitação. A adrenalina. Tudo estava espalhando em meu corpo, em minhas entranhas.

Inspirei com pesar e agarrei o aparelho, deslizando o polegar sobre a tela para aceitar a ligação. Imediatamente eu o vi. A imagem limpa do celular me ajudava no processo de identificação e saber que era ele quem me ligava, não fazia com que eu tivesse que me esforçar tanto.

Afastei o celular um pouco do rosto, esticando-o para a minha frente. Kieran sorriu, entristecido e com olheiras que circundavam em tom arroxeadado

seus olhos. Era nove da noite em Seattle e se meus cálculos estivessem certo, lá ainda não passava de uma da tarde.

— Você parece cansado — comecei, tentando quebrar o gelo.

— *Estou exausto.* — Ele suspirou, esfregando os olhos. — *Está tudo bem por aí? E seus pais?*

— Todos bem — garanti, com um sorriso amistoso.

— *Você. Quero saber de você.*

— Estou indo bem, Kieran. Mas, e você?

— *Eu?* — Ele sorriu, mas por trás daquela máscara, sabia que havia algo a mais. — *Estou me esforçando.*

O sorriso sumiu e ficamos nos encarando, talvez criando uma falsa coragem para finalmente falar. Pensei que com o tempo ficaria mais fácil e nós conseguiríamos continuar amigos, mas estava complicado levar a amizade quando a saudade era

PERIGOSAS NACIONAIS

um marco grande que se destacava naquele relacionamento que encobria qualquer outro sentimento; fosse de altruísmo, empatia ou a vontade de deixar que ele fosse feliz, mesmo que estivesse do outro lado do mundo e com outra pessoa.

— O que aconteceu com a gente? — perguntei, unindo as sobrancelhas no centro da testa.

Ele arfou.

— *Para* — pediu, fechou os olhos e balançou a cabeça. — *Eu sei o que você vai dizer e não vamos por esse caminho.*

— Pensei que quando você fosse embora, nós acabaríamos! E isso *não acaba!* — explodi, passando a mão pelos cabelos.

— *Só que não está sendo tão fácil assim, anjo.*

— Eu não sei o que fazer! Não sei se te espero ou se... — Parei, respirando fundo. — Estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdida, é como se tivesse levado uma parte de mim com você e não é justo.

— *Izzie...*

— Como eu posso me convencer de que acabou, quando eu sinto que não?

Kieran anuiu.

— *Não quero te magoar, Izzie, por isso não posso te prometer uma visita por mês, nem que eu vou voltar no próximo ano. Seria tudo vago, e sei que você merece mais do que promessas vazias.* — Recuperou o fôlego antes de falar, desviou o rosto para que eu não pudesse ver seus olhos. — *Sei como você se sente, tem sido uma merda para mim também, mas se você quer que esse ponto de interrogação suma, vou tirá-lo para você.*

Eu congelei.

— O que você quer dizer com isso?

Ele me encarou, os olhos cobertos por incerteza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Nós continuarmos mantendo contato só vai fazer com que nós dois soframos mais.*

— Precisamos de espaço para entender que acabou.

Concordou com um meneio comedido. E eu sabia que ele estava certo. Desde o primeiro dia que Kieran subiu no avião, nós havíamos ignorado a saudade e levado a vida da maneira que parecia ser possível. Nós não tivemos tempo para processar que tinha acabado.

Não era uma colônia de férias.

Ele não iria voltar.

Cobri o rosto com a mão livre e solucei.

Ele estava tão certo sobre isso.

— *Sinto muito, anjo.*

— Você não tem culpa de nada. Isso aconteceu. Nós dois decidimos!

— *Te ver chorar acaba comigo.*

— É a nossa última conversa, então.

PERIGOSAS ACHERON

— *Sim.*

Assenti, respirando fundo.

Ele pressionou os lábios com força, deixando a linha rígida.

Escutei seu último suspiro ressoar e a tela, de repente, se apagou. A ligação havia sido encerrada. Minhas pernas cederam, agradei por não ter me afastado da cama ou a queda seria ainda maior. O celular caiu de minhas mãos entre minhas pernas. Corri os olhos com pressa, vi as inúmeras fotografias espalhadas pelo meu varal na parede à minha frente. Em sua maioria, as fotografias tinham seu nome. Sua descrição. Seu sorriso. O contorno de seus lábios capturados de maneira que a parte defeituosa de meu cérebro não fosse um problema.

Meu Deus, como eu sentia falta dele! Do seu abraço, seu beijo. Por instinto, acabei tocando meu lábio, fechei os olhos como se fosse capaz de sentir sua boca tangível. Apertei a carne da boca com os

PERIGOSAS ACHERON

dedos, me sentindo uma completa idiota por ter me deixado levar.

Foi quando comecei a sentir sua falta que entendi que o amava.



Um mês depois...

Um mês depois, eu tinha sobrevivido ao dilúvio que era estar com saudade. Nenhuma ligação. Nenhuma mensagem. Nenhum e-mail. Nada que fizesse meu coração descompassar. Nada que pudesse ser considerado como fraqueza no processo de esquecimento. Não havia nada que pudesse desestruturar meu tempo e espaço. Exceto, é claro, pela chegada do bebê de Freya Grayer.

A pequena Julie estava implorando para vir assistir ao sol se pôr por si só e Declan estava do

outro lado do mundo quando sua filha deu o primeiro suspiro.

Estava a uma distância segura da cama de hospital de Freya, torcendo os dedos no colo, sentindo a ansiedade se impor por mim. Em meu dedo anelar, sentia falta do anel que já havia me acostumado, mas ele parecia ser só mais uma lembrança de algo que foi bom. Não fazia qualquer sentido o manter em minha pele por vaidade.

Fitei a criatura pequenina nos braços finos da mãe bocejar e estalar a língua pequena no céu da boca. Freya demonstrava cansaço além do limite suportado e acompanhou a filha no bocejo, encostando a cabeça na parede, deu uma última espiada na filha antes de fechar os olhos por míseros dez segundos, para depois abri-los novamente. Ela beijou sua cabeça com tufos e mais tufos de cabelo loiros platinados, assim como os dela. Isso fez com que Julie esticasse os cantinhos

de sua boca pequena e deixasse escapar um sorriso sapeca.

— Ela é tão linda — mamãe sussurrou, acariciando as mãozinhas contorcidas de Julie. — Tem a boca do pai e o nariz da mãe. — Ela cobriu a boca, tentando disfarçar a felicidade salpicando em seu rosto.

Mamãe dizia que um filho era como uma bênção, e estudar cada detalhe do seu bebê fazia com que compreendesse o milagre que cresceu dentro de você. Pela maneira como Freya olhava para a filha, com uma paixão que não podia ser descrita nem medida, eu poderia acreditar que minha mãe tinha toda razão.

— Declan deu notícias? — cochichou para manter Julie de olhos fechados e em descanso. Havia sido uma tarde longa. E era, pela minha contagem, a quinta vez que Freya repetia a mesma pergunta para meu pai.

— Está a caminho — respondeu, deslizando o polegar por seu tablet.

Ele não desgrudava do pequeno aparelho há dois meses. Desde que Declan fora para o Japão, não o abandonava por nada. Aparentemente havia encontrado uma maneira de manter a agenda de seu chefe em ordem, sem precisar ficar o tempo todo na empresa. Com Freya fora e com um bebê, Kieran estava sozinho em Tóquio.

— Ela é realmente linda. — Aproximei-me, usando a pontinha dos dedos dos pés para conseguir enxergar o rosto sereno da garotinha embrulhada em uma manta cor-de-rosa. — Tão fofa! — falei, acariciando a testa de Julie com o polegar. Ela sorriu largamente, mostrando as gengivas sem dente. — Ah, ela está sorrindo para mim!

— Parece que ela gostou de você. Quer segurar?
— Freya perguntou, com o olhar cheio de
PERIGOSAS ACHERON

esperança. Ela estava cansada.

— Eu posso?

— É claro!

— Cuidado, Izzie! — minha mãe alertou e não consegui evitar de revirar os olhos.

Freya me ajudou a colocar Julie nos braços e ela se aninhou na curva do meu cotovelo, mantendo os olhos fechados e respirando com profundidade. Seu sono estava intenso, nenhum barulho seria capaz de acordá-la. Compreendi de imediato o que Freya dizia sobre sua filha ser calma e de uma personificação serena. Ela não se mexia, não chorava, só suspirava, abria os olhos e sorria para a mãe antes de voltar a dormir. Em seu queixo redondo salpicava um pouco de baba e com a gola de seu pijaminha, enxuguei-a.

Comecei a caminhar com ela, passeando pelo quarto. Minha mãe não conseguia tirar os olhos de mim e Freya parecia igualmente maravilhada em

PERIGOSAS ACHERON

como Julie se acomodou tão bem nos braços de uma completa estranha.

— Você leva jeito! — Freya disse, com um tom de orgulho.

— Parece que eu levo, sim.

A porta foi escancarada quando ainda estava de costas para aquela direção, caminhando com Julie pelo quarto sem me preocupar. Ao me virar, notei primeiro os cabelos medianos e dourados, cintilando sob a luz fraca. Estudei sua estrutura corpórea e sorri quando percebi que era Declan, respirando com dificuldade.

Ele encarou a mim, a sua esposa visivelmente transtornada de cansaço e a bebê, que antes dormia tranquilamente, agora estava com os olhos arregalados, olhando curiosa para cima. Meu rosto era o mais próximo que ela conseguiria ver naquela posição. Os olhos azuis cristal brilhavam, gritante, enquanto me encarava. Vi as duas bolas de

PERIGOSAS ACHERON

gudes redondas pularem, a íris intensa de seu olhar não parava, analisando meu rosto. Conhecia aquela maneira de tentar uma rápida identificação, mas nós havíamos acabado de nos conhecer e a pequena Julie parecia se decidir se eu era alguém de confiança ou não. Quando as pupilas azuis se acalmaram, ela inspirou fundo e sua respiração desacelerou, tinha adormecido outra vez.

Declan deixou um beijo casto na testa da esposa, caminhou entusiasmado em minha direção. Seu sorriso largo ocupava grande parte de seu rosto. Ele a segurou nos braços, aninhando Julie e acariciando a cabeça que cabia na palma de sua mão.

— O papai chegou! — exclamou, mas Julie já estava adormecida e ele acabou não recebendo nenhuma resposta ao seu entusiasmo.

Minha cabeça demorou um pouco mais para reconhecer a pessoa que entrou em seguida, mas

PERIGOSAS ACHERON

meu coração, assim que o notou, o reconheceu. Foi como reviver um sentimento sob um misto de angústia e tristeza. Eu me senti, inclusive, um pouco envergonhada quando seus olhos travaram a batalha comigo, fazendo com que a nossa decisão de não nos falarmos mais fosse tão patética quanto a comoção em nos encontrarmos dois meses depois. As tatuagens estavam lá, tão expostas quanto eu conseguia me lembrar.

Seu cabelo parecia ter crescido alguns centímetros e tinha ganhado alguns músculos, que se evidenciavam sob o pano fino de sua camiseta branca. Desviei o rosto quando ele se inclinou, cumprimentando Julie. Sussurrou algo próximo ao ouvido dela e, se afastou de repente, se aproximando da cama de Freya para cumprimentá-la.

Fiquei parada a meio metro de distância, assistindo quando ele passava por todas as pessoas

PERIGOSAS NACIONAIS

naquele quarto e falava com cada uma de modo animalesco, enquanto eu me esforçava para não parecer balançada por sua presença; estava evitando não ceder às pernas bambas e preocupada que meu coração fosse ouvido àquela distância.

Ele caminhou confiante para mim, como se o acontecido de meses antes não tivesse nos abalado emocionalmente. Na verdade, Kieran não parecia tão abalado. O seu rosto estava intacto, o maxilar travado e o lábio em seu contorno perfeito.

Senti-me mal por ele ter lidado melhor com a nossa distância do que eu. E me sentia péssima por estar com medo daquilo se repetir. Foi um mês e não foi fácil. Basicamente meu coração havia dado seu jeito de viver sem ele, mas não completo. Antes mesmo de conseguir chegar até mim, desviei de seu caminho e atravessei do seu lado, evitando que nossos corpos colidissem.

PERIGOSAS ACHERON

Caminhei para fora do quarto, apressando os passos quando escutei a passada larga atrás de mim, próxima o bastante para conseguir me parar. Foi rápido, tão rápido, que minha linha de raciocínio ficou fora do ar naquele instante. Kieran me segurou pelo pulso, senti a pele formigar sob a pressão na qual seu punho fechado fazia em volta do meu. Libertei um suspiro intenso, e me virei nos calcanhares para vê-lo. A expressão dura não havia mudado nada, exceto pela tangível linha de sua boca. Ela estava meio curvada.

— Foi isso aqui — ele juntou o polegar e indicador na frente do rosto, tentando criar uma pinça com os dedos —, faltou bem pouco para eu enlouquecer.

Eu desdenhei e zombei da minha capacidade de autoproteção. Assim que meu queixo tremeu e meus olhos aquosos se desintegraram em água, me joguei contra ele. Envolvei seu pescoço com meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

braços e fiquei na ponta dos pés para alcançá-lo. Ele me segurou pela cintura, me erguendo com seus braços e rodopiamos na recepção do hospital. Enterrou as narinas na curva de meu pescoço, respirando meu perfume. Fiz o mesmo ao fechar os olhos. Fiquei com medo de abri-los e ele evaporar dos meus braços.

— Caralho, como eu senti a sua falta, anjo! — exclamou com um pouco de dificuldade, seus lábios tocaram rapidamente meu ombro, beijando sobre a minha blusa.

— Eu também, eu também! — repeti, pressionando os olhos com mais força.

Se eu os abrir agora, ele vai embora. Não afrouxei o aperto em seu pescoço, apenas o mantive firme. Beijeí com suavidade sua bochecha e funguei abaixo de sua orelha, sentindo o cheiro familiar de seu perfume.

PERIGOSAS ACHERON

Ele me colocou de volta no chão, apoiei os pés no sólido. Eu me afastei, mas mantive minhas mãos espalmadas em seus ombros largos. Um sorriso sagaz curvou a linha de seus lábios.

— Você não mudou nada desde a última vez.

— Você também não está nada mal!

— Ah, eu continuo bonito e atraente — brincou, desdenhando ao erguer os ombros. — Como está a procura pela faculdade?

— Ainda sendo recusada pelas faculdades que me inscrevi. Estou considerando aceitar a proposta de Freya.

— Olha, não é lá uma má ideia. — Sorriu, segurou de leve meu ombro e gesticulou para o corredor vasto e começamos a caminhar.

Kieran colocou as mãos no bolso de sua calça jeans escura e olhava para a ponta de seus pés, dando um passo pequeno de cada vez. A realidade era que, exteriormente, nós continuávamos as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmas pessoas, mas desde que nos conhecemos, muitas coisas andaram mudando dentro de nós.

O que mais nos importava era quem amávamos, nossas prioridades e princípios. Tudo isso mudou gradativamente quando nos conhecemos e, aos poucos, essa nova realidade se assentou em nossas cabeças e acabamos aceitando. A Izzie que eu era três meses antes estava longe de ser como a de agora. Embora sempre tivesse sido determinada, estava acomodada com a minha vida e a dependência de meus pais, depois de conhecê-lo e ver a sua história de perto, me inspirava a querer tomar o controle para mim.

Eu tinha quase vinte e um anos, a sensação que tinha era de que estava começando a dar meus primeiros passos na direção certa pela primeira vez. Em grande parte, Kieran era minha inspiração para ser mais pulso firme e decidida.

PERIGOSAS ACHERON

No lugar dele, eu não tinha tanta certeza se conseguiria ser uma pessoa bacana, com tanta coisa ruim acontecendo ao mesmo tempo. Ele, de alguma forma, conseguiu alcançar a superfície do Mar Vermelho na qual seu navio havia naufragado.

— Como foi o último mês? — Cruzei os braços na altura do peito, querendo disfarçar minha vontade de segurar sua mão, mesmo que elas estivessem escondidas. Imaginei que ele estava com aquela mesma sensação.

— Estou tentando viver um dia de cada vez sem me preocupar, como você me ensinou.

— Fez muitos amigos?

Ele esbarrou seu ombro no meu, rindo.

— Sempre fazendo muitas perguntas. Mas sim, anjo, eu fiz alguns.

Nós nos sentamos em duas cadeiras vazias na recepção. Kieran passou o braço por cima do encosto de minha cadeira e trançou as pernas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocando a lateral de seu tornozelo sobre a coxa. Relaxei um pouco, a exaustão do dia dando seus primeiros sinais e os músculos do meu corpo reclamaram.

— Ela é tão linda, você não achou? — perguntei, quebrando o silêncio.

— Sim, e tem o nome da minha mãe.

— Foi muito legal da parte deles escolher o nome dela.

— Não sei. Meu pai vai ficar puto quando descobrir! Espero que ele não aja como se o nome também fosse sua propriedade.

— Como anda o processo?

— Quase lá.

— O que você quer dizer com “quase lá”?

Kieran encarou a parede branca e inspirou.

— Meu pai é um advogado famoso e as pessoas o conhecem, o que torna o processo difícil e quase impossível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso quer dizer que ele vai sair impune? — Arregalei os olhos, surpresa que Frank não seria submetido a nenhuma punição.

— Ele não será preso — Kieran agarrou os fios e os puxou, evidenciando sua frustração —, mas Frank não poderá se aproximar de mim a cinquenta metros e a herança que minha mãe deixou, ele não poderá me proibir de usá-la, então todo o dinheiro será devolvido a mim.

— Pelo menos, você e Lysa vão ter paz. Tem falado com ela?

Ele anuiu brevemente e senti seu corpo ficar tenso perto do meu, o ar que ele expirava dos pulmões estava denso.

— Eu não me sinto incomodada com ela, Kieran. — Apoiei em seu joelho, apertando-o de leve. — Ela fez parte da sua vida e, bem, acho que não estou em posição de reclamar.

PERIGOSAS ACHERON

— Você se sentiria incomodada com outra mulher? — As sobrancelhas dele se uniram.

Eu me reclinei um pouco, tentando compreender olhando em seus olhos o que a sua pergunta significava, afinal.

Dei de ombros, no entanto, sabia que, no fundo, isso com certeza me incomodaria.

— Você não me prometeu nada. É que eu não posso exigir o que você não pode me dar. — Suspirei, esfregando as mãos uma na outra. — Nossa última conversa foi bastante chocante para mim e não quero entrar nisso outra vez.

— Eu quero que você possa exigir isso de mim, Izzie! — ecoou, parecendo frustrado. — Mas eu não sei como fazer isso dar certo! Devo te levar comigo? — Arqueou as sobrancelhas. — Ou desisto do cargo que Declan me deu? O que eu faço? O que eu devo fazer? — Esfregando o rosto com as mãos, Kieran bufou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pressionei os lábios com força, ignorando o nó formado na garganta. A ideia de ir com ele não me pareceu nada mal, mas eu sabia que me distanciar dos meus pais de uma hora para outra causaria um grande sentimento de ingratidão para eles. Sem contar que não estávamos falando de uma simples mudança de cidade. Estávamos falando de uma mulher como eu, com distúrbio de prosopagnosia, vivendo no meio de pessoas que nunca compreenderiam minha situação, sem ninguém além de Kieran para me apoiar.

Isso me causou calafrio. Só a projeção em minha cabeça de estar lá sozinha me causou arrepios. Era uma situação de se cortar o coração.

Eu sabia que devíamos ficar juntos. Ele sabia que a garota que não estava procurando, estava sentada ao seu lado, mas não havia nenhuma maneira de fazê-la ficar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O sentimento de impotência estava dominando Kieran de dentro para fora. Dava para perceber como a angústia sobressaía em seus olhos. Ele parecia desesperado para agir, mas sem saber por onde começar.

— Você me deu mesmo um espaço no seu coração?

— É claro que eu dei! — exclamou, intrigado. Ele não estava sendo rude comigo. Estava enlouquecendo diante de meus olhos com as mãos enterradas nos fios dos seus cabelos. — Eu estava perdido, mas você me encontrou.

Fechei os olhos. Entre nós existia muitas emoções atirando para todos os lados e eu só queria estar com ele por mais algum tempo antes de ter que colocá-lo em um avião para mandá-lo a centenas de milhas longe de mim.

Ele era meu amor perdido no Japão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando você precisa voltar? — Ergueu os olhos, encarando meu rosto com expectativa.

— Amanhã.

— Você tem planos para hoje à noite? — perguntei.

— Meu plano é você.

Minha cabeça se moveu em concordância, estendi a mão para Kieran, o convidando para sair comigo dali e aproveitar a nossa última noite juntos, pela “segunda última” vez.

Provaria para ele que, independente da distância, meu coração sabia por quem ele bateria freneticamente sempre que o telefone tocasse.

PERIGOSAS ACHERON



*“Eu posso sentir a tensão
Nós poderíamos cortá-la com uma faca
Eu sei que é mais do que apenas uma amizade
Eu posso ouvir você pensando sobre isso, sim
Será que eu preciso te convencer
De que você não deveria ir dormir?
Vai ser apenas algumas horas
E estou prestes a partir”*

LOST IN JAPAN – SHAWN MENDES

Seattle, 19 de Agosto de 2019.

Você deve estar recebendo isto tarde demais, é provável que sim. Sei que também deve estar em seu quarto agora, se perguntando o porquê de eu não ter te poupado da tortura e telefonado, mas o significado de surpresa, segundo o dicionário, é o que provoca espanto. E eu precisava dizer muitas coisas, mas sempre que estamos de frente um para o outro em uma chamada de vídeo, sinto que a tensão entre nós é desgastante e eu perco muito tempo tentando encontrar maneiras de diminuir o peso, do que me concentrando nas palavras.

Nove dias atrás, você e eu estávamos em um quarto de hotel, tínhamos acabado de fazer amor pela segunda vez. Você disse que me amava. E eu não consegui te dar uma resposta porque, na última vez em que nos despedimos, o buraco em meu coração não conseguiu se fechar. Ele permaneceu lá até te encontrar de novo e fiquei me

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntando se isso se repetiria. Por Deus, eu rezei todos os dias para que acontecesse de novo. Um minuto depois, estava arrependida de não ter dito a você como eu me sentia. Talvez, todo este tempo, essa minha insegurança, se tratava de eu estar tentando te proteger e a mim mesma, quer dizer, você sabe como eu sou. O que eu sou.

Se nós nos apaixonássemos perdidamente e ficássemos juntos, você teria que ver a possível mãe de seus filhos tendo dificuldade de reconhecê-los. Você teria que testemunhar meus gritos sempre que acordo e me deparo com uma pessoa diferente no reflexo do espelho. Você se esforçaria demais para suprir uma necessidade que não existe forma de ser suprida, você se desgastaria. Ver você se esforçar tanto para ser o cara perfeito, me machucaria, porque, por mais que tentasse, alcançar a perfeição é impossível, Kieran.

PERIGOSAS ACHERON

Eu só quero dizer que... você não precisa se esforçar tanto, amor. Nem por mim, nem por ninguém. Você é tão incrível, eu admiro a força que você teve diante de todas as dificuldades e, além disso, estou orgulhosa do seu trabalho. Você mostrou não só a mim, mas ao mundo inteiro que uma infância difícil não é razão para se ter uma vida adulta ainda pior.

E eu te amo ainda mais, se isso for possível!

A razão de eu estar enviando a carta é para te pedir para me esperar. Espere por mim, só mais um pouco, porque estou indo até você.

Declan ofereceu para meu pai um emprego na filial do Japão. É, ele ofereceu, o que significa que estávamos prontos para recusar se o senhor Philip não concordasse, mas meu pai não achou a ideia tão ruim e estamos preparando as nossas malas.

Minha mãe está animada para te reencontrar. Meu pai espera que essa nova jornada seja ainda

mais incrível e que, claro, você possa ser um chefe tão bacana quanto Declan foi.

As coisas por aqui estão ficando complicadas. Não esperávamos uma mudança de país pelo resto de nossas vidas. Mas acho que Deus une as pessoas por uma razão e por ela, elas devem permanecer juntas. Te fazer ficar não era a razão. Eu precisava ir até você.

Você é a razão que me faria ficar, Kieran.

Mas também é a razão que me faz erguer voo.

Eu te vejo em algumas semanas.

Com amor de seu anjo,

Izzie.

fim

Nota da autora

Esse conto é, sem sombra de dúvidas, o meu queridinho entre todas as obras que já escrevi e a principal razão, é claro, foi poder retratar sobre esse distúrbio tão pouco conhecido e que não é considerado uma doença. Resolvi acrescentar uma nota depois de muitas conversas sobre o assunto com minha amiga, Viviane, e eu achei que seria interessante não criar uma incógnita na cabeça dos leitores e os confundirem.

Prosopagnosia não se trata de perda de memória, descobri isso graças a Ana Francisca, que
PERIGOSAS ACHERON

se dispôs a discutir sobre o assunto com uma leiga como eu. O tio Google ajudou muito, mas nada como poder conversar com um especialista, e graças a alguns contatos isso foi possível.

Alguns relatos na vida de Izzie foi na base de muita pesquisa. Sério, muita mesmo! Eu passei horas lendo relatos de pessoas que sofrem de prosopagnosia que nada mais é “cegueira de feições” e muitas pessoas a confundem com um problema de visão. Acreditem, não existe tratamento para ela. As pessoas naturalmente fazem terapia e consultam o neurologista, mas nunca encontrarão uma cura para ela. O que é triste. Imagine você, se for mãe, olhar para seu filho todos os dias e não saber que é seu.

Isso acontece com, pelo menos, uma pessoa entre cinquenta da população. Pode ser causada por um comprometimento da região temporo-occipital, em especial do giro fusiforme, no hemisfério

PERIGOSAS ACHERON

direito (não dominante). Descobri também, baseado em pesquisas, que a mesma pode ser genética ou uma lesão (o que é raro, já que é em uma região muito específica).

Uma pessoa que tem prosopagnosia conhece outra. Ela vê seu rosto, mas minutos depois não consegue mais reconhecê-lo e muitas vezes, quem tem a cegueira de feições, acaba sofrendo muito emocionalmente. Os amigos, parentes e conhecidos começam a tratá-la com ESNOBE pelas vezes em que se encontraram e não teve nem mesmo a educação de cumprimentar!

Brad Pitt é um famoso que alega sofrer de tal distúrbio, nunca vindo uma confirmação concreta, mas ele relatou em várias entrevistas que sim, que ele sofre de prosopagnosia e que foi tachado de ignorante e esnobe, por não cumprimentar conhecidos em eventos. A questão é que essa “falta

de educação” não é intencional. Ele realmente não RECONHECE aquela pessoa.

Quis deixar esses pontos bem explicadinhos para que não haja nenhuma confusão. O conto foi bem pesquisado. Tudo relatado aqui foi baseado em pesquisas reais, de pessoas que se pronunciaram sobre o assunto.

Enfim, é isso.

Um grande beijo e até o próximo.

Agradecimentos

Eu amo escrever agradecimentos. É a hora mais preciosa para mim porque é quando eu começo a perceber quantas pessoas estão me apoiando nessa minha inclinação para a escrita e meu peito se enche de alegria por saber que não estou sozinha.

Dessa vez vou começar com Alessa Ablle, agradecendo por me convidar para fazer parte disso. Sério, eu fiquei tão feliz no dia em que me convidou, que já sentei para começar a lapidar a minha ideia para “Me Faça Ficar” e foi isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Obrigada, amiga, espero que possamos fazer mais vezes!

Viviane Oliveira, eu sou sua maior fã! Sem sombra de dúvidas, a melhor pessoa que encontrei em meu 2017 e fico muito feliz por ter chegado até onde chegou comigo. Obrigada, mil vezes, por ter me incentivado com esse conto. Por ter lido uma, duas, três e leria quantas vezes fosse necessário para deixá-lo ainda melhor. O final foi dedicado a você, por ter me dado ideias para concluir. Obrigada por ser parceira, beta e amiga!

Aos meus anjos compreensíveis Isabela Branco, Bárbara Pereira e Milena Botelho, por toda sua paciência com a minha indecisão. Foram as primeiras a lerem esse conto e a opinião de vocês foi mais do que importante. Obrigada!

Pedro Henrique, que é meu namorado, noivo e companheiro para todas as horas. Literalmente para todas as horas. Esse conto você acompanhou bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de pertinho como sua noiva maluca fica quando precisa estudar mais sobre um assunto! As pessoas provavelmente acharam que eu estava com prosopagnosia. Obrigada, meu amor, por ser para mim, o que Izzie é para Kieran, um anjo. Eu amo você.

Carla Santos, mais que uma revisora, uma amiga. Sou grata todos os dias por ter conhecido você. A escritora que me tornei foi moldada pelos seus toques, a Malévola interior que existe em você me transformou e continua fazendo um belo trabalho todos os dias. Devo cada aprendizado nessa carreira a você. Obrigada por tudo!

Agradeço a todos os meus leitores. Vocês acompanharam com paciência meus surtos a cada capítulo que eu terminava de escrever e como a ansiedade não cabia dentro do peito, corria para postar um quote no nosso grupo ou no Instagram.

PERIGOSAS ACHERON

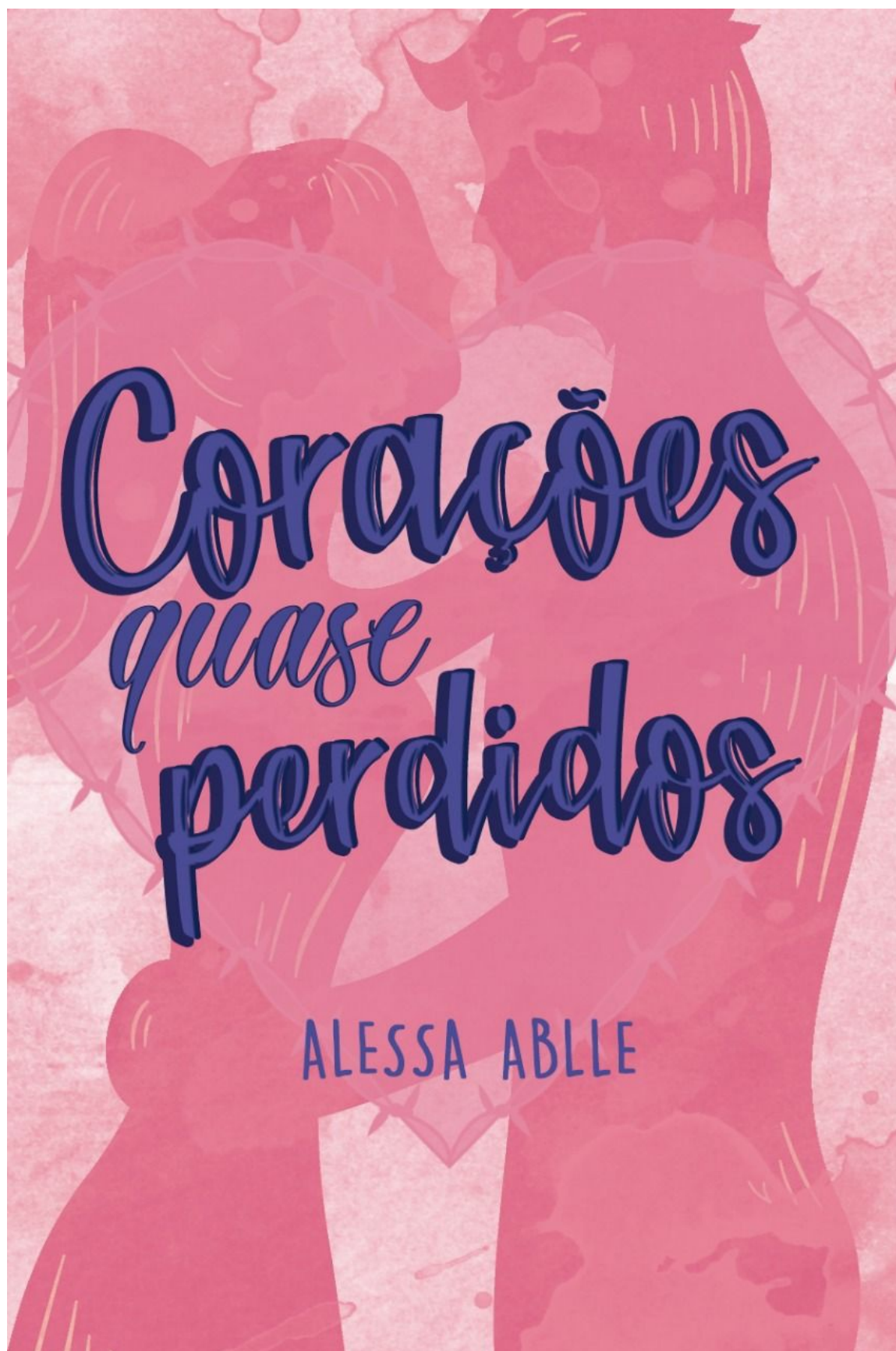
PERIGOSAS NACIONAIS

Vocês fazem a minha vida tão melhor! Obrigada,
obrigada, obrigada!

*Deus, obrigada por me permitir trabalhar com
o que eu amo.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Corações quase perdidos

ALESSA ABLLE

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para meus pais.

Obrigada!!!

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

*“Quando tudo na vida parece estar dando errado,
algo inesperado sempre pode acontecer.”*

Cheryl é uma jovem mulher confiante e destemida. E naquele fatídico dia, estava animada para o encontro com o cara bonitinho da faculdade, onde até existia uma química entre eles, porém ela não estava preparada para o rumo que levaria aquele encontro.

Jesse é um homem bom, que, após uma desilusão amorosa, vive para o trabalho. Sem
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pretensão de uma nova paixão e viver uma aventura, ele foi pego de surpresa quando uma bela morena entrou em sua cafeteria.

Nenhum dos dois estava esperando, mas quando o “acaso” resolve marcar um encontro por conta própria, até os corações “quase” perdidos se encontram.

PERIGOSAS ACHERON

Epígrafe

*Como uma estrela pelo meu céu,
Como um anjo fora da página,
Você apareceu na minha vida,
Parece que eu nunca vou ser a mesma,
Como uma canção em meu coração,
Como óleo em minhas mãos,
É uma honra amar você!*

CORINNE BAILEY – LIKE A STAR

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

CHERYL

Reviro os olhos de novo para a imagem ridícula que reflete no espelho à minha frente. *Eu de vestido*. Só pode ser algum tipo de sonho cômico e a qualquer momento uma lagartixa vestida de palhaço aparecerá. Essa ideia tosca é apenas uma conjunção dos meus dois medos de infância com a ideia mirabolante de J. K. Rowling, em *Harry Potter*. Nossos medos virando piada.

Se você não sabe do que estou falando, você mal sabe o que é um dementador.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu vestido – que estava dando mofo dentro do armário – é até bonito, realmente muito bonito. Minha mãe me deu ele de presente de vinte e dois anos. Mas o problema é que nunca uso vestidos ou saias – e ela sabe disso muito bem. Sério mesmo. Não adianta, eu prefiro usar tudo menos vestido e saia.

Tombo minha cabeça para o lado e viro meu corpo lentamente para a direita e para a esquerda, e confiro se está tudo certo.

O vestido é preto, com mangas $\frac{3}{4}$ e um decote feito de voal nas costas – tipo uma meia-calça – deixa minhas costas toda nua. Ele chega quase até meus joelhos. É formal e discreto. Ideal para um primeiro encontro.

Balançando a cabeça, giro em meus calcanhares e vou me sentar na beira da cama para calçar minha sandália alta. Eu nem acredito no que estou fazendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Há dois dias fui convidada para um encontro pelo meu colega de universidade. Sim, apenas universidade. Porque ele faz outro curso e nós nunca fizemos uma aula juntos sequer, mesmo assim rolou uma química.

E anteontem ele me chamou para sair. Claro que eu aceitei. Ele é lindo e também fiquei de olho nele. Acho que qualquer atração que passe de olhadas, risinhos e “olá”; é algo pra valer. Pelo menos para levarmos ao nível de um encontro e talvez uns beijos e amassos. Porém, esse lance de termos uma química me levou agora a fazer algo que não curto muito.

Eu sou uma mulher de vinte e seis anos muito... *desleixada?! Prefiro ficar em meus jeans justos, camisas ou blusas razoavelmente neutras e meus tênis, muitas vezes uso meu Nike de passeio cano alto e branco. Ele combina com tudo e tem um saltinho.*

PERIGOSAS ACHERON

Desde pequena, não sou chegada a me enfeitar. Como minha avó costuma dizer; *não tenho um pingo de vaidade*. No entanto, não acho que chega a ser isso. Eu apenas prefiro ficar confortável e para mim; usar jeans e tênis é mil vezes melhor do que vestido e salto alto.

Só que... como eu iria vestida para um encontro “romântico” com meu estilo de sempre? É, não dava mesmo e por isso me sinto pagando penitência.

Pegando minha bolsa, confiro se está tudo dentro e passo um gloss – isso eu não me importo de fazer, porque embora eu não seja uma glamorosa cheia de elegância com minhas “vestes”, eu gosto de gloss e máscaras para cílios – e saio do meu quarto.

Atravessando o corredor, percebo que minha colega de "casa" não chegou ainda. Maya é residente de enfermagem no UCSF – Universidade PERIGOSAS ACHERON

da Califórnia São Francisco – Medical Center, e praticamente não para em casa. Quando ela não está lá, está estudando na casa do namorado babão. Eu nunca engoli Trevor.

Apagando as luzes, não todas, de casa, saio fechando a porta e descendo a pequena escada de três degraus com o celular na mão mandando mensagem para Maya. Eu tenho quase certeza de que, neste fatídico dia, ela não estará em casa à noite.



Uns cinco minutos depois, sinto meu celular vibrar enquanto estou indo para o restaurante que marquei com Joe. É Maya dizendo que não vai para casa hoje. *Como se eu não soubesse.*

Guardo o celular de volta na bolsa à tiracolo e volto a prestar atenção no caminho. Ao invés de pegar um táxi, preferi ir de bondinho como

costumei chamá-lo. Dou a graça de poder fazer isso pelo fato de morar em frente à linha, mesmo assim não é sempre, mesmo adorando esse bondinho.

Eu sou de Fresno, mais ou menos quatro quilômetros de distância. De avião leva uma hora, mas normalmente quando vou visitar meus pais de carro – meu Chevrolet 94, azul e quase batendo o motor – acabo passando três horas e meia viajando.

E mesmo que eu não morasse muito longe de São Francisco antes, foi uma grande mudança, embora eu tenha tido uma adaptação quase que instantânea.

Apaixonei-me pela cidade com ruas íngremes e longas. Dirigir por aqui no início foi complicado, mas não impossível.

Por poucas vezes me dei o prazer de curtir a cidade. Tirar um tempo da faculdade e do trabalho para continuar a conhecer as novidades. Tem apenas um ano e meio que me mudei para São

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Francisco. No início eu estava com muita raiva, portanto passei os primeiros oito meses me irritando com tudo em vez de curtir o momento.

Mas como eu iria fazer isso?

Eu tinha me mudado porque o alcoólatra do meu pai biológico tinha descoberto a minha existência. Eu sei que falei que vou para Fresno visitar meus pais. E é verdade. Bill não é meu pai e nunca será. Meu pai é Joseph. Ele foi o único homem que me ensinou tudo que uma figura paterna pode passar para uma menina de dois anos e meio ao conhecer o novo namorado da mãe. Por causa dele, eu ainda acredito na decência dos homens. Porque talvez – *provavelmente* – eu me tornaria uma daquelas mulheres que tem repulsa por homens pelo pai de merda que a vida acabou dando.

Enfim, voltando ao fato de eu ter que “fugir” de Fresno por culpa daquele miserável.

PERIGOSAS ACHERON

Ele estava convicto de que queria – depois de vinte e cinco anos – reconhecer-me como sua filha. “*Ah, me poupe o tempo!*”. Foram minhas palavras quando ele invadiu meu antigo – e primeiro – trabalho da vida toda – e arruinado tudo.

Como se fosse um filme, tive duas fases em minha vida:

Antes de Bill na minha vida – família perfeita. Mamãe, papai e as filhinhas queridas. Mãe batalhadora que poderia muito bem inventar uma máquina voadora para pegar as estrelas no céu se eu ou Georgina – minha meia irmã de sete anos – pedisse. Pai amado e herói, aquele que vira Super-Homem, peito de aço, e entra na frente da bala para salvar a família.

E depois daquele desgraçado do Bill na minha vida – um bêbado que faz show na frente do trabalho, da faculdade e da casa da ex-namorada de vinte e cinco anos atrás e da filha, que nunca

PERIGOSAS ACHERON

procurou saber. Mesmo minha mãe mandando várias cartas para ele, que depois de eu completar um ano de vida, começaram a voltar sem nunca ser abertas.

Tenho certeza de que muitos filhos – creio que mais as meninas – têm a curiosidade de saber por que o pai não os procurou, ou talvez quem era o desgraçado e no fundo tem uma remota esperança de que tudo não passou de mal-entendidos e de desencontros.

No entanto, eu não fui e não sou esse tipo de “filha”.

Odeio Bill desde os meus... Desde que aprendi a raciocinar e saber de tudo. Ele não foi, não é e nunca será meu pai e ponto final.

O bondinho ganha velocidade em uma descida, umas duas ruas depois da minha casa. As ruas aqui são bem distantes umas das outras e algumas são ladeiras, como esta aqui. O vento que sopra em

PERIGOSAS ACHERON

meu rosto, espalha meus cabelos e rouba minha atenção para o presente.

Não sei se gosto. Por mais estranho que seja lembrar da minha vida e do idiota do meu progenitor, estava melhor do que lembrar os poucos minutos que falta para encontrar Joe.

Estou ansiosa e preferia lembrar do meu pai – *ops*, Bill – mesmo sabendo que esses pensamentos turvos sejam gatilhos para lágrimas e dor.

Ajeito meus cabelos, prendendo-os para o lado com minha mão sendo o prendedor. Eu fiz massagem, lavei com todo amor, escovei e passei a prancha nas pontas, por isso mal passou em minha cabeça trazer um elástico. Não queria destruir minha obra de arte. Realmente eu mando muito bem com o cabelo.

"Pelo menos", censuro-me mentalmente.

Respiro fundo e deixo minhas vistas ficarem nebulosas, deixando meus pensamentos limpos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabe quando parecemos ficar em inércia e nossos olhos ficam vidrados em algo, mas sem realmente estar focando em absolutamente nada.

Então, estou assim e permaneço por breves segundos. Segundos que levam o bondinho finalmente a chegar ao meu destino.

Desço no ponto, numa encruzilhada onde fica o restaurante-bar que combinei de encontrar Joe. Ajeito meu vestido que para mim está mostrando demais, porém eu sei que não. É tudo neurose da minha cabeça que está conectada em calças jeans. Talvez eu tenha que fazer uns treinos com saias e vestidos.

Na calçada em frente ao bar tenho outra vez que tomar fôlego. Um suspiro longo onde tento encontrar – de algum lugar – forças para aguentar esse dia. Estou tentando não pirar pelo fato de ter sido convidada para sair justamente *neste dia*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pode ser apenas coincidência o fato de ser dia de São Valentim, ou como os amantes chatos e românticos gostam, Dia dos Namorados. Inferno! Eu não posso acreditar que estou aqui, em frente ao Kerza, um pub e restaurante repleto de corações e muito amor. Reviro os olhos para *tudo isso*!

Ergo-os e vejo que tem pequenas luzes vermelhas acesas espalhadas pelo letreiro do Kerza e envolta dele também. Balões de corações enormes do lado de fora e flores de vários tons de vermelho e rosa, lilás e branco. Eu nem sabia que existia rosa lilás.

Baixo meus olhos e consigo ver que dentro do restaurante tem mais corações – na versão pequena – espalhados e nas mesas mais flores. E falando em flores. Tem uma mulher de vestido vermelho-sangue na porta, com uma cesta de flores, que entrega uma sempre aos casais que entram ali.

PERIGOSAS ACHERON

Certo. Tudo é muito romântico e promissor. Tudo bonito. *Mas cadê meu par?*

Mordendo o canto da boca, pego meu celular e confiro se não tem nenhuma mensagem de Joe que não vi. São quase nove horas e ele não chegou.

Creio eu que bons futuros namorados cheguem primeiro ou na hora. Principalmente num dia tão especial e repleto de flores como hoje.

Eu jurei a mim mesma que não iria ficar criando possibilidades para esse encontro, mas falhei miseravelmente ao imaginar Joe me esperando com flores e seu sorriso de lado. *Por que esses sorrisos são tão marcantes em um cara?*



Engolindo em seco, tento disfarçar que estou sentindo que ganhei um fora. Guardo meu celular de novo, pela quarta vez que confiro as mensagens

e dou um giro lentamente na calçada, procurando algum sinal dele.

Porra! Já se passaram trinta minutos que estou aqui e nada dele chegar.

Joe é fácil de ser visto. Embora não fosse alto, seu porte atlético, braços malhados e razoavelmente grandes, o cabelo castanho cortado na máquina dois, bem baixo, seu rosto marcado e com sobrancelhas grossas e bem cuidadas, faziam dele ser um destaque. Pelo menos na universidade ele se destaca muitíssimo bem perto dos outros caras. No entanto, ele não está aqui.

Começo a ficar inquieta e nervosa. Minhas mãos estão coçando, meus pés se revezam em bater o salto e já perdi as contas de quantas vezes fui e voltei de uma ponta a outra na calçada em frente ao Kerza.

Putá merda! Não acredito que ele fez isso comigo. Justamente hoje, onde vários amantes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apaixonados estão pelas ruas, e no caso passando por mim com cara de pena.

Coitadinha da menina.

Foi esquecida.

Deixada de lado.

Levou um fora.

O barulho de uma trovoada me faz pular de susto no lugar. Olho para o céu e consigo ver de relance o relâmpago que se acendeu.

— Uau! — sussurro.

— *Vish, vai chover.* — Escuto um casal falando ao passar por mim e baixo minha cabeça rapidamente para encontrar eles.

Consigo vê-los terminar de atravessar a rua e entrar em um *Café*.

Sorrio. Que local simplesmente lindo, mesmo de longe.

A fachada é de um estilo totalmente clássico e elegante, que fica embaixo de um pequeno prédio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de cinco andares branco. O toldo onde protege as cadeiras do lado de fora, são de tons creme acompanhando as cadeiras de fibras com braços cor de madeira – como os pés da cadeira e das mesas com tampos de vidro.

Há vasos de flores sobre as seis mesas do lado de fora e em volta do cercadinho branco de madeira. As vitrines são grandes. Tanto largas quanto altas, sob uma moldura branca e no mesmo estilo clássico. No vidro o nome *Jesse's Coffee*, nas três etapas que divide a fachada. No meio das mesas do lado de fora tem um caminho de paralelepípedos pequenos, que leva até a entrada com portas à francesa, abrindo-se em duas com dois vasos de planta altos com plantas bem verdinhas e uma flor que nunca vi, mas me apaixonei pela cor, dos lados. Um rosa rústico, quase grená.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O café é a coisa mais adorável, e quando dou por mim estou em frente. Admirando de perto.

Tem poucas pessoas. Do lado de fora apenas dois casais estão aproveitando o dia romântico com um café e um *croissant*, que me dá água na boca. Do lado de dentro vejo pelo menos umas dez pessoas. Algumas sentadas nas bancadas brancas de madeira, no balcão e outras nas mesas de canto, onde na parede tem aqueles sofás maravilhosos presos. Eu sempre prefiro sentar neles do que nas cadeiras.

— Com licença, mocinha. — Escuto atrás de mim e me movo para o lado, porém acabo esbarrando em algo.

Oh, meu Deus! Acabei de chutar a bengala de um homem de idade. Eu sou uma idiota!

— Me perdoe. De verdade. Desculpe — falo enquanto me abaixo e pego a bengala. Erguendo-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me, coloco em sua mão calmamente. DEUS, QUE HORROR!

— Querida, fui eu que deixei cair quando você se virou. Não foi você. Não se preocupe e obrigado por pegar para mim.

Tento esboçar um sorriso, mas realmente está difícil. *Quão tapada eu sou?!*

— Me desculpe — peço de novo.

— Está tudo bem — ele disse.

Mesmo assim faço questão de segui-lo até dentro da cafeteria. Na porta, ele agradece e novamente me desculpo, ele ignora sorrindo gentilmente e fazendo um gesto de “*deixa pra lá*” com a mão livre.

Que droga! Meu dia está indo de mal a pior.

Quando estou quase me virando para sair — quase correndo — em direção à minha casa e para debaixo das cobertas quentes e minha cama fofa, algo me faz parar.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração dispara. Eu não contenho minha respiração trêmula e nem mesmo o soltar de um suspiro nervoso.

Ele é alto, formal, bem arrumadinho, branco. Seus olhos são de um castanho avermelhado, fazendo uma combinação perfeita com seus cabelos loiro escuros. Fico segundos demais admirada com sua forma. Seu rosto é simetricamente lindo. Lábios razoavelmente finos, um nariz no tamanho perfeito para o seu rosto comprido, e eu adorei suas sobrancelhas. Modestamente limpas e finais. Tem o tamanho ideal para se notar que são loiras e talvez até seus cílios também. Ele é o namorado da Barbie com olhos escuros. *Minha nossa!*

Pisco, me sentindo estranha. Algo parece explodir dentro de mim. Porque talvez – apenas talvez – eu não seja a única aqui impactada. Pelo menos, essa é a conclusão que tomo notando que seus olhos estão fixados em mim. De impactado

PERIGOSAS NACIONAIS

eles ficam arregalados, mas com os segundos se apertam. E ele fica vários segundos me encarando com uma expressão concentrada e intensa.

Engulo em seco, mudo a posição dos pés e desvio os olhos. Começo a me sentir nervosa, porque ao invés de querer fugir do seu olhar, quero mais e outras coisas.

— Você deseja alguma coisa? — ele pergunta, me atraindo para o seu rosto de novo.

Que voz maravilhosa! Ele tem um sotaque forte. Acho que britânico.

"VOCÊ!", penso e tento não demonstrar com meu corpo o que eu sinto. É estranho demais sentir isso por alguém que não conheço.

— Não... eu só... — paro e, inconscientemente, sinto meu rosto virando-se para calçada e conferindo se o idiota do Joe está, mas ele não está. É certo. *Chega de esperanças.* Ele não vai aparecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Moça? — A voz gostosa do namorado da Barbie me chama.

Viro-me para ele e preciso tomar um ar para conseguir dizer sem parecer uma total descontrolada.

— Eu só estava olhando. — Dou de ombros quando ele parece genuinamente curioso. — E ajudei aquele senhor — digo.

Ele segue meu olhar para dentro do café e quando vê o senhor, que já está acomodado em uma mesa perto do balcão de doces, sorri e se vira para mim.

— Você conhece meu avô?

— Ele é seu avô? — Quero saber e não entendo meu tom de surpresa. O que eu tenho a ver com a vida dele, ou do senhor. *Que inferno está acontecendo comigo?*

— Sim — ele responde com suas lindas sobrancelhas loiras franzidas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sei que minha pergunta foi totalmente invasiva e fora de contexto. Eu não sei quem é ele, quem é o velhinho e nem o que estou fazendo aqui.

Aff, Cheryl! Controle-se garota!

Respiro fundo.

Já estamos nos encarando por segundos demais.

Novamente.

— Eu o ajudei porque, primeiramente, quase o derrubei. — Meus ombros se encolhem automaticamente. — Me desculpe por isso.

Ele balança a cabeça com um sorriso gentil.

— Não há problema. Acontece. Na verdade, vovô vive se esbarrando nos outros e acaba que acontece isso. No caso, ele que precisa se desculpar.

— Claro que não.

— Então esqueça. — Ele diz sorrindo de novo.

— Quer um café?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem reação, apenas fico encarando-o com meus pensamentos loucos. Quero dizer para ele que, na verdade, eu quero uma carona, não um café. Mas quão ridícula eu seria se fizesse isso? Respiro fundo e curvo meus lábios levemente.

— Obrigada, eu já estava voltando pra casa. — Assinto e tento manter meu sorriso, embora seja sem graça. O típico sorriso amarelo.

— Hum... — Ele parece tão sem graça quanto eu.

Sorrio de novo e desvio os olhos, vendo o vovô indo para trás do balcão. Balanço a cabeça e olho para o homem de novo.

— Acho que seria prudente você ir lá dentro.

Ele franze a testa antes de olhar onde eu estava. Escuto seu riso e sinto uma febre tomar meu corpo, dos pés à cabeça. Uau!

— Acho que você tem razão — ele fala me encarando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ficamos em um breve silêncio esquisito. Dou de ombros e troco o peso do meu corpo. Estou me sentindo tão desconfortável. Mesmo que não seja algo ruim, e sim esquisito. Eu me sinto bem com ele, por isso é *realmente* desconfortável.

— Então... — murmuro. — Já vou.

Ele acena com a cabeça, mas não se move.

Fecho e abro as mãos, que estão começando a suar. Faço um aceno também e, decidida, ergo o queixo.

— Tchau. Foi um prazer lhe conhecer. — Sorrio e cambaleio pra trás. — Tchau. — Merda. *Não creio que repeti.*

— Tchau.

E assim que ele se despede, eu me viro e caminho com passos fortes para fora da área das mesas do *Coffee*. Para bem longe desse homem estranho e estranhamente atraente.

PERIGOSAS ACHERON



Enquanto caminho para o mais longe daquela energia, penso que loucura foi ELE. Eu nunca senti algo assim. Eu não tenho nada contra os homens, porém não lembro de sentir essa química com nenhum dos meus rolos, namorados ou com Joe, que rolou uma atração com certeza, mas talvez não uma química. Com certeza não como senti minutos atrás, e ainda corre em minhas veias.

— Ei, Cheryl? — Escuto alguém falar meu nome e me viro para encontrar uma das meninas da universidade.

— Oi, Carol — digo me aproximando. — Tudo bem?

— Eu que pergunto. Que cara é essa?

Pisco confusa.

— Deixa de besteira. Estou normal.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bochechas rosadas, olhos acesos, que chegam a brilhar e você está normal? Não sei não. Parece que você acabou de transar.

Hum... Então é essa cara que ficamos quando estamos com tesão?!

Quando vou dizer alguma coisa, Carol joga a cabeça para trás rindo e volta a me olhar. Dá um tapa de brincadeira no meu ombro dizendo:

— Mas, então, deixa pra lá. Me conta o que está fazendo aqui?

Levanto as sobrancelhas e ajeito sem motivo minha bolsinha. Não queria contar a triste verdade para ela, que eu levei um fora, mas... dou de ombros e conto tudo, menos a parte que responderia porque estou excitada.

— Mentira que ele fez isso! — Carol fala parecendo que quer pular em Joe. — Não acredito. Que filho da mãe!

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei... Deve ter um motivo. Joe e eu somos colegas há tanto tempo. Tipo, nós nos olhamos há muito tempo, então não acredito que foi de propósito.

— Se você está dizendo. — Ela levanta os ombros rapidamente e faz um biquinho. — Só sei que eu, com certeza, daria um belo chute nas bolas dele. Isso não se faz, principalmente hoje.

— Ah... nem me fale. Enquanto vinha pra cá, fiquei pensando por que ele escolheu logo hoje pra sairmos. Poderia ser na sexta. Merda! Hoje é terça-feira. Quem sai hoje?

Em vez de me responder, Carol se vira para o bar que eu deveria estar no cantinho curtindo meu par no nosso encontro, e volta a me olhar com as sobrancelhas erguidas e um sorriso de *canário-que-pegou-um-gatinho*.

— Tá. Tá. Você tem razão. Os bares, restaurantes e todos os pontos onde os casais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

podem se encontrar e namorar, hoje está cheio. Porém, não deixa de ser o início da semana.

Carol revira os olhos e diz:

— Deixa de ser chata e ontem que foi o início da semana. — Rio e ela se aproxima, abraça meus ombros animada. — Mas esqueça. Agora vamos curtir o dia. Não vou deixar você aqui com essa cara tristonha.

Rio e ando, já que ela está me empurrando.

— Achei que estava com a cara de *sexo*.

— Cale a boca!

— Foi você que disse.

— Eu sei, mas esquece. Talvez você esteja com raiva, não com cara de *sexo*.

Olho para ela e reviro os olhos.

— Colega, acho que você não sabe de nada.

— Por quê? — pergunta e se afasta para me encarar.

PERIGOSAS ACHERON

Dou uma risada, balanço a cabeça e a abraço como ela tinha feito.

— Agora eu falo. Cale a boca e vamos curtir a noite. Porque eu, com certeza, não aguento mais ver rosas, bexigas de coração e casais apaixonados.

Capítulo 2

JESSE

Estou bancando um babaca à procura de uma mulher que nunca vi na vida. Procurando alguém que nem sei o nome. Não sei absolutamente nada, a não ser que mexeu comigo como não acontece há muito tempo.

Há dois anos sou um solteiro convicto, e com orgulho admito que por opção. Muitas mulheres querem ficar comigo, só que por mais de uma noite. E, sinceramente, desde que fui traído de uma forma dolorosa, não consigo me abrir para um

PERIGOSAS NACIONAIS

relacionamento ou *algo mais*. Ou talvez eu nem me permita.

E quando eu vi aquela garota. Essa mulher que apareceu hoje no meu café, os sentimentos invadiram meus pensamentos como não acontecia desde que conheci Genna. Eu até tinha esquecido de sentir meu coração acelerar daquela forma. *Uau!*

Balanço a cabeça e troco a marcha do carro, para subir a ladeira que leva até minha cafeteria de novo. Ainda estou com esperanças de que ela esteja ali por perto, embora seja uma tolice pensar assim. Quem em sã consciência estaria na rua uma hora dessas – os ponteiros batem quase duas da manhã – e com uma chuva torrencial, ao ponto de acumular água nos cantos das ruas.

Me sinto como um espião à procura da minha missão. *Quão babaca eu sou?!*

Merda!

PERIGOSAS ACHERON

Olho para a calçada da minha cafeteria e, como esperado, não encontro ninguém. Do outro lado da rua, vejo o bar ainda com alguns casais e os enfeites de São Valentim já saindo e manchando por causa da chuva, que molham o para-brisa do meu carro. Sou obrigado a ligar a ventilação no máximo para não embaçar os vidros e eu acabar não enxergando mais nada.

Balanço a cabeça. Eu não curto esse feriado – único e exclusivamente – por culpa da Genna, que todos os anos transformava o dia 13 de fevereiro em um inferno. Ela era muito chata. Queria que eu fizesse coisas que não curtia por puro capricho. Vinha com seu discursinho de que esposas são eternas namoradas. Eu concordo, mas não era obrigado a criar comemorações extremas por causa dela. Para mim, chocolate, flores, uma carta de amor e talvez uma joia, era o suficiente. Para ela era pouco. Que merda! Ela tinha que, pelo menos,

PERIGOSAS ACHERON

agradecer por eu ser um homem que lembrava do dia e fim de papo.

Agora, eu quero esquecer. Embora seja impossível. Nada me deixa esquecer, inclusive minha mãe que insiste em ser meu cupido neste dia – e na verdade, em todos os dias do ano.

Felizmente este ano ela não marcou um encontro às “cegas” para mim com alguma das filhas de suas amigas ou alguém que ela conheceu recentemente e é solteira. Mamãe é terrível.

Cerrando os olhos, tento ver se ela está entre os casais. O que seria uma merda. Mas não está. E é bem esquisito eu ser capaz de reconhecê-la assim tão rápido e descrever como estava vestida.

Ela era tão linda. Cabelos longos, com ondas suaves de um castanho perfeito que emoldurava seu rosto de feições suaves e acendem seus olhos azuis. Os lábios bem desenhados e rosados. Seu nariz bonito, queixo definido e boca carnuda que

encaixava perfeitamente com seu rosto comprido. Simplesmente linda.

Diminuo a marcha do carro passando ao lado do bar, mas de nada adianta. Ela não está ali. Não seria mesmo possível ainda estar.

— Idiota! — resmungo e decido virar em direção do bar, descendo a ladeira do bondinho.

Seria mais sábio da minha parte ir para casa e esquecer essa mulher, mas não consigo.

A linha do bondinho já está acabando quando viro cinco ruas depois, acabando a ladeira. Passo pelo parque que eu levava minha ex-mulher para passear quando nós éramos namorados e andava de bicicleta com meu pai e irmão quando eu era criança.

Olho as horas e me espanto. Com certeza, ela já deve estar em casa. Com isso viro a próxima rua, que leva até à paralela da minha casa, fazendo a poça de água que acumulou pela beira da calçada

explodir um jato forte de água e atingindo uma pessoa que caminhava por ali.

— Merda! — Olho pelo retrovisor e merda de novo. *Não pode ser. É ela.*

Arriscando uma segunda olhada, enquanto paro e dou ré, confirmo que é ela mesmo. Como eu esqueceria seus cabelos, embora estejam molhados da chuva, e seu vestido, ela é uma visão e tanto.

Paro o carro e abaixo o vidro. Mesmo não sabendo se devo falar com ela depois do que acabei de fazer, chamo sua atenção em voz alta para atravessar o barulho da chuva forte.

— Ei! — exclamo.

Ela vira o rosto e força suas vistas a enxergar sobre a forte neblina meu rosto. De dentro do carro percebo que sua mandíbula está cerrada. Provavelmente ela está morrendo de ódio do imbecil que acabou de dar um banho nela com água gelada e suja.

Não consigo me controlar. Deixo o carro em ponto morto e abrindo a porta, saio já contornando a frente do carro e indo até ela.

— Você está bem? — Assim que as palavras saem da minha boca, um entendimento de que eu não deveria fazer esse tipo de pergunta, neste tipo de situação – nada ridícula e improvável – foi bem errado.

Ninguém que passa por uma poça, em uma chuva torrencial, para para ajudar alguém. A grande verdade, é que a pessoa com certeza vai para casa o mais rápido, dando as costas para quem quer que seja na calçada. Porém, aqui estou eu preocupado. E com certeza, eu só estou fazendo esse papel porque é ela. Porque o óbvio, era que eu estava à procura dela. Foi uma tremenda sorte, e azar ao mesmo tempo me cruzar em seu caminho.

Pisco com força e seus olhos me abatem com uma forte pancada no peito. É uma estranha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sensação boa.

Sobre nós dois há um poste e a luz forte parece ter nos colocado em um palco, em um lindo espetáculo. E é de se esperar que no momento em que seus olhos fixam nos meus, eu a tomasse em meus braços e a beijasse. No entanto, não é o que faço. Porque, diferente de um espetáculo da Broadway, a vida real é sem emoções, fria como esta chuva.

Ela respira profundamente e meus olhos seguem os movimentos das suas mãos quando pega seus cabelos e torce, em uma tentativa falha de tirar a secreção da água de suas mechas castanhas, no momento quase negras quanto suas pupilas enormes.

Ela dá de ombros e seus lábios se curvam suavemente, em um sorriso tímido e envergonhado. *Porra!* O único que deveria se sentir assim era eu por ter molhado-a mais ainda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sinceramente não sei. — Ela encolhe os ombros e aperta os cabelos mais uma vez e os deixa cair sobre seu ombro direito. — Acho que vou ficar bem quando chegar em casa e trocar essa roupa.

Assinto concordando.

— Eu sinto muito. Não sou do tipo de correr por aí a quilômetros por hora e molhar os outros, mas... — penso rápido para não dizer que, na verdade, estava procurando ela — eu estava tentando fugir da chuva e chegar em casa logo.

Ela sorri e noto quando troca o peso dos seus pés antes de dizer:

— Entendo e imagina eu que estou indo a pé pra casa.

Rimos e eu balanço a cabeça.

— É verdade e fui ridículo. Desculpe.

Ela meneia a cabeça e dá de ombros, dizendo nas entrelinhas que não é nada de mais. Para mim é tudo demais. Inclusive o fato de eu ter encontrado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela. E ficar pensando sobre nosso encontro na cafeteria.

Depois da minha esposa, eu não tive esses tipos de sensações com ninguém mais e não estava procurando também. Essa mulher tem algo que não sei explicar.

Um silêncio cai sobre nós, e o constrangimento que não fazia parte do momento que nos deparamos surge. Ficamos parados, um olhando para o outro estranhamente quietos e mudos. No entanto, um trovão nos assusta. Olhamos para o alto e vimos a água cair em uma torrente tão forte que não dá para ficar muito tempo olhando para o céu.

— Porra! Está chovendo muito — digo, e assisto-a tentando tirar o excesso de água das suas vistas e sorri forçadamente.

— É melhor em correr pra casa.

— Eu levo você.

PERIGOSAS ACHERON

Seus olhos ficam arregalados, mesmo que com muita dificuldade. De fato, a chuva está forte demais. E além de ficar hipnotizado com a cor de seus olhos, tão claros, percebo que fui direto demais.

— Sinceramente, nós não nos conhecemos. Não vou sair entrando no seu carro.

— É apenas uma carona. Olha como está chovendo.

— Eu sei, mas ainda continuo não sabendo nada sobre você.

— Você sabe onde trabalho.

Ela revira os olhos e cruza os braços. É, pelo jeito não vou convencê-la.

— Está bem. Toma — digo e dou a ela minha carta de motorista, que contém todos os meus dados.

Vejo o vinco da sua testa se apertar quando ela franze e encara o documento. Sutilmente ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

balança a cabeça e levanta, olhando-me com os olhos cerrados.

— Você sai dando para qualquer pessoa seus documentos? Você sabia que isso não é muito inteligente, certo.

Não consigo controlar, e rio dando uma verdadeira gargalhada. Ela é empoderada, gosto disso.

— Não, mas como você está...

— Receosa? — ela completa me cortando. — Sendo sensata?

— Talvez exagerada. Porque, se eu fosse um taxista, você não iria querer saber de onde venho.

— Minha nossa, isso não tem nada a ver. Se você fosse um taxista, eu apenas entraria no carro e esperaria você me levar onde eu pedi e pagaria você. Esta situação é completamente diferente.

Respiro com força e recuo um pouco mais para baixo da marquise.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha, se você não quer minha carona, tudo bem, mas não posso mais ficar nessa discussão com você. Está chovendo demais. Estou ficando todo encharcado.

— Jesse, certo?

— Isso — afirmo, acenando com a cabeça.

— Então, Jesse, você está sendo presunçoso. Eu sei que talvez esteja se sentindo culpado por ter me molhado com seu carro, mas está tudo bem e, sério, não é prudente aceitar carona de qualquer pessoa por aí.

Dou de ombros e assinto de novo.

— Você tem razão, mas só estou oferecendo porque além de estar de fato me sentindo culpado, a chuva está forte demais. Não será, realmente, incômodo algum para eu levar você. — *Sem contar que assim ficaria mais um tempinho com você.* Esse pensamento guardo para mim. Ela vai acabar achando que sou um tarado perseguidor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela fica parada, me olhando e vejo o momento que toma sua decisão.

Eu nunca me senti tão ansioso quanto agora. Eu quero ficar mais um tempo perto dela e ver até onde vai essa sensação dentro de mim quando estamos próximos. Porque não estamos nem perto o suficiente para eu fazer algo para sentir *tudo*. Não estamos perto o suficiente para eu senti-la de verdade.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

CHERYL

Eu nunca fui uma mulher que se deixa levar por nada, por nenhum motivo, e depois do que aconteceu hoje, acho que fiquei ainda mais chata e desconfiada com os homens e estranhos.

Fiz uma promessa a mim quando estava me entregando a música e as bebidas na balada que minha amiga me levou – ou me salvou quando me arrastou com ela. EU NUNCA MAIS VOU ACREDITAR EM PROMESSAS. Alguns homens são iguais aquele desgraçado do Bill. Iguais ao meu “pai”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas meu coração está batendo de forma diferente, intenso demais, desde que vi Jesse. Essa sensação me deixa confusa. Não sei se gosto ou desgosto. E saber o nome dele é bom. Colocar nome ao rosto do homem da cafeteria mais linda, assim como ele, é bom.

Pelo visto tudo sobre ele inspira qualidade, excelência, cuidado, bem-estar. Seu carro é um Honda sedã, modelo do ano, quatro portas e prata. Eu não sei explicar, mas adorei o carro dele ser desta cor. Fez parecer mais encantador. Mais organizado e chique. E tenho uma *tara* por homens limpinhos e organizados.

— Você não precisa ficar muda como se estivesse realmente em um táxi — ele diz capturando minha atenção.

Reviro os olhos e balanço a perna, inquieta.

— Não é isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Hum... — Ele solta um resmungo e diz: — Então qual bicho te mordeu?

Respiro fundo e fito a silhueta do seu perfil de Ken da Barbie. Esse homem chega quase a ser um príncipe.

— Estou irritada independentemente de estar aqui dentro do seu carro. Não tem nada a ver com você. Não tem nada a ver com a chuva. — Olho para frente, focando minhas vistas nas gotas da chuva que batem com força no vidro do carro. — Não tem nada a ver com o fato de eu estar absolutamente molhada e você ter jogado água suja em mim com seu carrinho lindo.

Ele mexe a cabeça, mas não me olha. Sua atenção está totalmente na rua e por sorte ele só tem que subir até que eu peça para parar.

— Bem, eu já pedi desculpas e... não vejo motivo algum para você estar *aqui* irritada. Eu gostaria de saber por que você está assim. O que

PERIGOSAS ACHERON

fizeram a você? Qual outra pessoa estragou seu dia?

— Outra pessoa estragou meu dia? — repito suas palavras em interrogação, encarando-o.

— Sem ser eu com a água suja — diz ele me olhando de relance.

Meus ombros caem e mordo o canto da boca.

— Hum... — resmungo. Viro meu corpo para ele e começo a explicar sobre Joe, o convite e o encontro fracassado. — É por isso que estou de mau humor. Ou, como você disse, ele que começou a estragar meu dia.

— Ele é um babaca! — Jesse solta sem reservas.

— É! Eu sei. Um tremendo babaca, idiota, imbecil. Quero arrancar as orelhas dele só para depois pregá-las na testa. Idiota!

Jesse ri alto e olha para mim de relance de novo. E meu coração dispara mais uma vez. Assim como

PERIGOSAS NACIONAIS

na primeira vez, sinto-me estranha e minha respiração fica trêmula.

Engulo em seco e pisco, despertando do transe quando ele para o carro.

— É mais para cima? — ele pergunta.

— Hum-hum...

Ele acena com a cabeça mostrando que me ouviu e continua subindo.

Permaneço vidrada em seu perfil lindo. Saco, eu não estou conseguindo me controlar.

— Então o que será que ele vai dizer?

— Quem? — pergunto franzindo a testa.

Jesse olha para mim e abre um sorriso que, além de estar achando graça da minha confusão, me deixa mole.

Cerro os olhos. Penso, vasculhando nossa conversa.

— Ah! Você está falando do Joe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele concorda com um único aceno e deixa de sorrir, e ainda assim meu coração continua acelerado.

Deus, qual é o meu problema?

Respiro fundo e assisto-o desligar o motor, estacionando em frente à minha casa.

Não sei pra quê. Era só parar, que eu saía e ponto final.

Ajeitando minha bolsa, nervosamente. Congelo olhando para frente. Acho que perdi minha coordenação motora. Não quero sair. Não quero me despedir. Não quero me afastar dele.

Suspiro com força, tomo coragem e abro um sorriso amarelo quando me viro para ele e digo:

— Obrigada pela carona.

— Realmente você não precisa agradecer. Eu molhei você, não foi nada mais do que justo.

Dou de ombros e, por reflexo, acabo soltando um resmungo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É, chegou o momento de dizer tchau.

Volto a abrir meu sorriso sem graça e dou-lhe as costas. Abro a porta do seu carro civilizado, saio e bato sem muita força quando fecho. Tomo uma respiração, enchendo todo o pulmão e, decidida, caminho contornando o carro pela frente.

Estou andando como se não estivesse caindo uma chuva torrencial. Provavelmente devo estar passando por algum surto.

Amanhã terei que ir urgente em um hospital fazer uma ressonância magnética. *Eu não estou bem.*

Na calçada em frente à minha casa, viro-me para onde sinto um calor no meio das minhas costas, e eu sei que é o olhar de Jesse. Aquela sensação estranhamente reconfortante.

Levanto a mão, dando um aceno curto e um sorriso nervoso e por fim me viro, indo em direção as escadas que leva até minha porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus! Eu não posso continuar fazendo isso. É ridículo.

Subo correndo os poucos degraus e me atrapalho com minhas chaves.

— Droga! — resmungo quando a chave cai no chão molhado. — Não acredito.

Rapidamente me abaixo para pegar meu molho de chaves com meu chaveiro de gatinho. Quando me levanto vejo uma sombra atrás de mim e me viro rápido.

Mas não tão rápido.

Jesse está vindo para cima de mim. Molhado, apressado e com os olhos brilhantes. Vejo o exato momento que suas pupilas dilatam e ele chega à minha frente.

Ele pega meu rosto entre suas mãos e, antes que eu registre o que está acontecendo, ele me beija. Suspiro soltando o peso dos meus ombros e deixo

PERIGOSAS ACHERON

minha bolsa cair junto com minhas chaves, de novo.

Sua boca acaricia a minha em um beijo quente. Sinto sua língua passando na minha, massageando, acariciando. É feroz e sedutor. Ele faz sons durante o beijo e suas mãos correm dos meus braços e ombros até estarem de volta em meu rosto, segurando atrás da minha nuca meus cabelos, mas sem me machucar, embora com força. Ele faz minha cabeça girar de um lado e para o outro. Parece que está dando um nó em mim.

Uau!

Meu coração está tão acelerado que sinto minha pulsação em minhas orelhas. Estou quente, mesmo com minhas roupas molhadas e geladas, suas caricias e beijo me aquecem intensamente.

Corro minhas mãos por seu abdômen e aperto com força sua camisa, pedindo sem palavras para ele se aproximar mais e continuar a me

PERIGOSAS ACHERON

beijar. Espantar o frio que a chuva faz e me aquecer com seu corpo.

Há muito tempo não sou tratada assim, depois de um dia de merda. De tudo que *não* aconteceu, ser recompensada assim é maravilhoso. Pelo menos até agora. Infelizmente, meu inconsciente está em alerta e não consegue relaxar totalmente para aproveitar *este* momento.

É bem típico eu encontrar um cara perfeito, com uma cafeteria, um beijo e um carro perfeitos em um dia que odeio. Em um dia que foi uma completa imperfeição. Um desastre.

Solto um gemido em sua boca e ele responde mordendo de leve meu lábio inferior. Nossos lábios se separam, quando procuramos ar. Agarro sua camisa com mais força e Jesse passa sua barba áspera em meu queixo, arranhando e me fazendo resmungar.

Minha nossa!

— O que você está fazendo? — pergunto com a respiração afoita, abrindo os olhos.

Caramba!

Seu olhar brilha na escuridão. O castanho brilhante, se transforma em mel. *Lindo!* Ele respira com dificuldade também e sua boca está inchada. Parece me querer mais um pouco, e também quero mais. Nunca fui beijada assim em toda minha vida.

— Eu quis fazer isso desde a hora que pus meus olhos em você.

Escuto sua voz rouca e sedosa de olhos fechados, tentando – ainda – recuperar-me do beijo. Puxando o ar com força, abro os olhos novamente e fito os seus.

— Eu sei que você teve um dia de merda. Fico com raiva só de imaginar como você ficou puta da vida por ter esperado alguém que não apareceu e ainda por cima foi molhada por um estranho, que agora te beijou de surpresa. Mas... — ele faz uma

PERIGOSAS ACHERON

pausa e faz um carinho na maçã do meu rosto com o polegar — Cheryl, eu não consegui me controlar. Você me deixa confuso, estranho. E entendo que não queira nada com ninguém hoje.

— Hum... é... — gaguejo, nervosa. — Eu não diria isso. Só fiquei surpresa.

Ele assente e me dá um selinho.

— Com certeza, até eu fiquei quando me vi abrindo a porta do carro e correndo até você.

Concordo com a cabeça e deixo-o me abraçar mais apertado, mais perto. Sinto como se necessitasse demais ficar perto dele. Ele meneia a cabeça e engole em seco. Desliza as mãos em meus ombros e segura as minhas mãos com delicadeza.

— Você aceitaria sair comigo?

Arregalo meus olhos.

— Não, calma. — Ele se apressa em falar. — Não hoje, não agora. Quero dizer, são quase duas da manhã. Eu estou querendo dizer, que gostaria de

recompensar pelo que aconteceu levando você para um encontro.

Meus ombros automaticamente caem. A tensão é nítida em mim. Jesse sorri e aperta minhas mãos dizendo:

— E para você não ficar com o sentimento do que aconteceu hoje, virei buscá-la. O que aquele idiota tinha que ter feito.

Assinto sentindo meu coração acelerar de novo e um calafrio passar em meu corpo.

— Então, você aceita sair comigo? — pergunta com esperança.

— Sim. É... Aceito sim.

— Que bom! — diz animado e pega seu celular do bolso da frente da calça. — Me passa seu número.

Caramba! Ele está mesmo falando sério. Não é um devaneio meu. E talvez minha cara de surpresa

tenha ficado muito evidente, porque logo se prontifica a falar:

— Eu sei que mal nos conhecemos, mas quero conhecer e — dá de ombros — preciso do seu número para ligar e dizer quando estiver chegando.

Concordo, assentindo repetidas vezes. Olhando para suas mãos, pego seu celular — depois de direcionar um pedido silencioso com um olhar — e anoto o meu número na sua agenda. Entrego de volta o celular a ele e o assisto mexendo no aparelho. De repente, minha bolsa — no chão — começa a se mexer conforme meu celular vibra dentro dela. Rio e me abaixo, pegando a bolsa e tirando o celular.

Número desconhecido.

Hum... ele é rápido e confiante.

Levanto a cabeça e sorrio para Jesse enquanto falo:

— Vou gravar seu número também.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que bom. — Se aproxima e pega meu rosto com sua mão enorme. *Ele é enorme.* — Amanhã eu venho te pegar. Você prefere almoçar ou jantar comigo?

— Você quer que eu escolha?

— Quero que seja um bom dia para você.

Ah, Deus! Eu acho que o dia será bom só em ser ele que vai me levar para sair.

Pisco os olhos como se estivesse soltando faíscas enquanto o fito nos olhos. Minha nossa! Eu não consigo controlar as batidas do meu coração perto dele. É algo estranho e reconfortante ao mesmo tempo. E não sei se realmente é bom sentir isso. Eu nem sei quem é ele.

— Eu acho que pode ser um café.

Jesse franze a testa e faz um biquinho típico de que não gostou da ideia.

— Você quer que seja tão rápido assim?

Rio e encolho os ombros por reflexo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Na verdade, falei isso porque poderia ser no seu café. Eu achei lá muito bonito e antes de você estar aqui na minha frente e etc., eu pensei em ir outra hora tomar um café lá.

Um sorriso orgulhoso forma-se em sua face e ele acaricia meu rosto gentilmente.

— Fico feliz que tenha gostado e para sua informação lá nós servimos *brunch*. Então podemos fazer um lanche reforçado e conversar por um bom tempo.

Seu entusiasmo traz à tona aquelas borboletas na boca do estômago que todo mundo sente quando entra em uma nova escola.

*Ai, por que ele continua fazendo isso comigo?!
Santa mãe!*

Assinto contente e já imaginando nosso encontro... e as borboletas congelam com o frio na minha barriga só de pensar no que pode rolar amanhã. Se essa sensação crescer... Caramba!

— Então amanhã venho buscar você umas dez horas. Tudo bem?

Engulo em seco e confirmo com um aceno de cabeça.

Os olhos dele sorriem e suas mãos estão em meu rosto, segurando e levando até ele. Sua boca está na minha, beijando delicadamente e eu fecho os olhos, sentindo tudo que ele me faz sentir. Se apenas em me beijar fico assim, imagina se avançarmos mais um pouco.

Esse pensamento me pega desprevenida, pois como agora há pouco pensei: “*Eu não sei nada sobre Jesse*”. Mas realmente não consigo esconder ou fingir que não o quis desde o momento que ele apareceu naquele Café perfeito. E o pior, apesar de Joe ter feito o que fez, agora no final desse dia de merda, estou muito agradecida de ele não aparecer. Com certeza ia ser um erro, principalmente porque, se ele tivesse aparecido, eu não iria conhecer Jesse.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

JESSE

Há muito tempo eu não me comporto como um adolescente, ansioso para reencontrar uma mulher. Hoje até acordei quase cantando. Tudo bem, não vou exagerar. No entanto, a verdade é que acordei animado.

Tomei um banho caprichado, me barbeei – passei até a loção para rosto que minha irmã me deu de presente. Quando não se tem opção de presente para uma pessoa chata, no caso um homem rabugento como eu, as pessoas acabam dando presentes óbvios. Loção de rosto pós-barba.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Perfume, suéter e meias. São os mesmos presentes sempre. Por isso me considero um cara chato para presentear. Sou independente e acabo comprando tudo que preciso. Não sobrando nada para alguém querer me dar.

Depois do meu banho demorado, fiz questão de ir sem tomar café da manhã para o trabalho. Santo Deus, eu tenho uma cafeteria. Por lá, tomei um *Spresso* com canela e comi uma porção de panquecas. Não podia comer muito, pois eu e Cheryl comeríamos umas onze horas, e não faltava muito para isso.

Quando terminei vi Katheriny – ou Kitty para os íntimos – me olhando estranho. Ignorei-a e fui fazer o que já estava planejando desde que tomei a decisão de sair com Cheryl. Mas minha gerente estava sentindo o faro da estranheza do dia. Eu teria um encontro depois do divórcio, finalmente, depois de longos três anos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Resolvendo os preparos para meu encontro e deixando tudo nas mãos de Kitty enquanto eu ficaria “ausente”, saí da cafeteria satisfeito.

E logo estou entrando em casa. Antes passei na floricultura e pedi para mudarem todas as flores das mesas do Café de imediato.

— Você está querendo impressionar mesmo alguém — disse o dono da floricultura.

Dando de ombros, paguei e saí de lá. Ou eu dou muita bandeira sobre meu estado de espírito, ou todo mundo é muito intrometido.

— Filho, você está bonito. Resolveu sair com a Thalita?

Inferno! Minha mãe nunca desiste. Juro que queria essa teimosia para algumas situações da minha vida. Teria sido útil quando ainda era casado e demorei demais para ver que minha ex-esposa estava atrasando minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, mãe. Eu vou sair com outra mulher — conto-lhe a verdade. Não sou de fazer isso, mas, por algum motivo, eu quero que ela saiba e pare de me empurrar para as filhas das suas amigas.

— E posso saber quem é essa jovem?

— Como você sabe que ela é jovem? — retruco subindo as escadas para o meu quarto.

— Bem, você não é velho e, pelo que eu sei de você, não curte senhoras.

— Eu posso ter mudado de gosto e, ao invés de pegar uma das filhas das suas amigas, eu esteja saindo com uma das mães delas.

— Não zombe da sua mãe, Jesse Smith.

Rio e giro meu corpo na porta do quarto. Encaro minha mãe e sorrio ao dizer:

— A senhora tem razão. Ela é jovem e linda, mas agora eu preciso tomar banho para ir buscá-la. Tenho que ir. — Fecho a porta e vou direto para o banheiro tomar meu banho.

PERIGOSAS ACHERON



Estaciono, desligo o motor e pego as flores no banco de trás do meu carro antes de sair.

— Porra! — reclamo passando as palmas das mãos na calça jeans. Estou transpirando feito um adolescente na sua formatura.

De dois em dois degraus, subo a pequena escada que leva até a porta da casa e toco a campainha. Não demora muito e uma morena com a ponta dos cabelos rosa atende a porta.

— Pois não? — diz olhando estranho para as flores em minhas mãos.

— A Cheryl está?

Merda! Que pergunta foi essa? É claro que ela está. Nós marcamos um encontro hoje. Ela não me faria de babaca vindo aqui à toa. *Ou faria?*

— Ah, você deve ser o Jesse. Pode entrar. — A morena se afasta um pouco da porta, dando

PERIGOSAS NACIONAIS

passagem para mim, e assim que entro ela fala enquanto fecha a porta: — Sou Maya, colega de apartamento, ou casa, da Cheryl.

Dou um aceno de cabeça e a vejo atravessando a sala — com apenas um sofá enorme e uma TV de 40 polegadas ligada ao notebook no canto. Ela está assistindo um filme na Netflix — e entrando na cozinha americana, onde continuo olhando-a e observo abrir a geladeira.

— Cheryl já está descendo. Quer alguma coisa pra beber?

— Pra falar a verdade, quero sim.

— Okay. — Cantarola animada e levanta a cabeça sobre a porta da geladeira de inox. — Temos água, cerveja, suco de laranja e Coca diet.

— Uma cerveja está bem.

Eu sei que está cedo, mas acho que preciso de um pouco de coragem líquida, ou mesmo energia para este encontro tão inesperado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostei de você — confessa a mulher e não demora muito para voltar para a sala com duas garrafinhas pequenas de *Stella Artois*. — Espero que você goste de *Stella*. Aqui só bebemos essa.

— Sem problemas.

— Okay. — Maya se joga no sofá e coloca os pés na mesa de centro.

Sorrio olhando-a e dou um gole na bebida. Distraindo-me para não parecer tão desconfortável, admiro a casa. É bem aconchegante e organizada. Nada extravagante. Móveis escuros, sofá claro e quando giro meu corpo, vejo uma mesa de vidro de jantar com quatro cadeiras de madeira escura.

Ergo a sobrancelha quando ouço sua risada e viro-me para assistir na TV, o que a faz rir. Um cachorro – gordinho e peludo – fala animado com um senhor e um menino, e ainda por cima tem uma ave, ou pássaro, azul, gigante. Eles discutem com quem o pássaro vai ficar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu adoro este filme. Já vi mais de *mil* vezes — fala e vira-se para mim quando pergunta: — Você já assistiu?

— Hum... não.

— Ah, é claro. Homens não gostam deste tipo de filme. Só ação e aventura.

Rio e balanço com a cabeça em negativa.

— Na verdade, eu quase não vejo filme ou sequer televisão. Não tenho tempo.

— Por acaso, você é um CEO ou um médico fodão?

Uau! Ela não pensa antes de falar definitivamente. Rio e quando penso em dizer algo, escuto atrás de mim:

— Que horror, Maya!

Rapidamente viro meu corpo e dou de cara com Cheryl. Puta merda! Ela está linda.

Meus olhos passam lentamente por seu comprimento, de cima a baixo, e vice-versa,

algumas vezes. Ela usa um tênis *All Star* branco de salto, calça jeans clara – os joelhos ralados – e sua blusa é preta, porém com flores bordadas em vermelho, dourado e amarelo. Ela está linda e seu rosto tem uma leve maquiagem, mas creio que suas bochechas não estão tão rosadas como vejo agora. Ela está ruborizada pelo fato de eu não conseguir parar de admirá-la e talvez com cara de babaca.

Força-me a falar, fazer e me mexer; caminho até ela e entrego finalmente as flores que trouxe, que estavam ficando murchas porque estou transpirando muito nas mãos. Merda! Eu sou um homem adulto, formado e dono do meu próprio negócio. Não é certo eu me sentir – e fazer – como um adolescente idiota.

— Obrigada — Cheryl agradece, sorrindo sem jeito. Ela se afasta, indo para a cozinha colocar as flores numa jarra. — Vou pôr na água.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, certo. É bom mesmo você colocar na água para elas não morrerem tão rápido. O normal nem é durar muito e fora da água menos ainda.

Paro quando esbarro nela no meio da cozinha. Nem percebi que estava indo atrás dela como um idiota falando sem parar sobre as flores.

— Desculpe.

— Não tem problema. — Ela ri sem graça.

— Nós já podemos ir? — pergunto, mas na verdade eu queria muito beijá-la.

— Sim, claro.

Saímos da cozinha e espero Cheryl pegar sua bolsa no quarto, e logo nos despedimos de Maya, que continua confortavelmente na sala assistindo “o cachorro, a ave, o velhinho e o menino gordinho”, soltando gargalhadas altas. Ela realmente curte o filme.

Descendo a pequena escada, chegamos ao meu carro e eu abro a porta para ela entrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada — murmura e suas bochechas ficam vermelhas.

Por dentro estou rindo e querendo agarrá-la. Por fora finjo indiferença e contorno o carro e entro.



Chegamos na cafeteria e seguro a porta para ela entrar. Vou atrás assistindo-a olhar para todos os detalhes. Ontem ela só viu o lado de fora e, pelo que notei através do brilho dos seus olhos, foi que achou lindo o jardim.

— Venha. Nossa mesa é a do canto — digo com minha mão em suas costas.

Ela assente animada e permite que eu a guie até a mesa que mandei preparar num canto, reservada e a meu pedido, seremos tratados como clientes. Não quero perturbações e problemas do Café enquanto estou com Cheryl. Escolhi aqui porque ela deu a ideia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxo a cadeira, ela se senta agradecendo e rapidamente quando estou me sentando também, aparece Kitty com um sorrisinho bobo, que some quando semicerro os olhos.

— O que gostaria de comer? — Kitty pergunta direcionando-se para Cheryl, que sorri e olho para minha gerente com expectativa.

— Eu quero o que você tem de melhor. — Vira o rosto para mim. — O que você sugere? Você é o dono.

— Não sei do que está falando.

— Nem eu — Kitty também brinca.

Cheryl franze a testa e me encara. Sou obrigado a dizer o motivo, e isso a faz soltar uma gargalhada.

— Oh, meu Deus! Isso é loucura. Eu não quero que você se prive de cuidar deste lugar incrível.

— Obrigado por gostar — falo e não deixo de transmitir meu orgulho. — Mas não estou me privando, Cheryl. Estou me dando folga.

PERIGOSAS ACHERON

— E o chefe merece. Ele trabalha muito e...

— Está bom, Kitty — impeço antes que conte meus vícios de trabalho. — Agora traga o que Cheryl pedir e para mim o de sempre.

— O que seria o de sempre? — Rapidamente Cheryl pesca minhas palavras e pergunta.

Viro-me para ela e conto o que eu como todos os dias na hora do lanche da manhã, e também as vezes no meu almoço. Eu amo o croissant de queijo com peito de peru e o café gelado com cacau e canela batido como *milkshake*. Alguns não curtem minha mistura, mas eu adoro e como sempre. Portanto que este prato existe e tem meu nome.

— Uau! — ela exclama quando sabe que tem meu nome. — Então, definitivamente vou querer um Jesse.

— É pra já — Kitty diz com humor e se afasta.

Rindo, eu fito os olhos de Cheryl. A vontade de beijá-la não passou, acho até que cresceu. Ela pisca

PERIGOSAS NACIONAIS

lentamente e baixa o rosto. Para contar o clima estranho, puxo um assunto qualquer.



— Eu gostei muito — Cheryl responde Kitty, que perguntou se ela gostou do meu prato. — É um tanto peculiar, mas adorei a combinação.

— Credo! Vocês podem dar as mãos e ir para o hospício juntos. Por Deus, doce e salgado junto. Ew!

Rio e balanço a cabeça.

— Você que é louca por não saber apreciar algo tão bom.

— Jesse, eu amo você, mas não vou concordar com isso. É demais e agora eu preciso voltar para o balcão, o chefe — ela ironiza — está de folga hoje.

— E se você continuar, vou fazer queixa e ele vai te demitir — falo alto para ouvir enquanto desfila para longe de nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele não faria isso. Não sabe viver sem mim — diz ela jogando os cabelos e sumindo das nossas vistas.

— Pelo visto, a relação de vocês é bem próxima — comenta Cheryl, e eu olho para ela.

— Ela e eu nos conhecemos na faculdade. Já perdi as contas de quantos anos somos amigos. Ela é meu braço direito e esquerdo. É como uma irmã.

— Que legal! — Cheryl fala com as mãos embaixo do queixo, sonhadoramente e suspira. — Eu só tenho a Maya como amiga, mas não faz muito tempo.

Franzo a testa, interrogativa. É óbvio que tenho uma explicação detalhada e demorada da sua vida. Fico sabendo do seu pai, da sua mãe, irmã e o padrasto incrível que ela tem. E também como conheceu Maya, que por sinal era colega de classe no primeiro ano escolar, do idiota que deu o fora em Cheryl ontem. O tal do Joe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa! Me desculpe, eu perdi a linha.

— Não faz mal. Eu gostei — confesso. — Mas estou curioso.

— Sobre?

— O que Maya falou sobre o Joe te deixar plantada ontem?

Ela solta uma gargalhada forte e respira fundo, tomando um gole no *milkshake*.

— Ela quer arrancar as bolas dele — responde e acho que se dá conta do que disse, pois abaixa o rosto.

— Uau! — falo rápido, para ela ver que não foi nada de mais. — Ela é mais radical do que você ontem. Pelo menos, você queria as orelhas.

Cheryl franze a testa e me olha estranho.

— Você se lembra disso?

— Eu me lembro de tudo que aconteceu ontem, principalmente todas as coisas depois que você apareceu no jardim do meu Café.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum... — diz timidamente.

— Senhor! — Melanie, a ajudante de cozinha, aparece do nada gritando. — Eu sei que pedi para não importunar você, mas aconteceu que o cozinheiro queimou e não temos mais ninguém para fazer o almoço. Não sei o que faço.

Levanto da cadeira e corro para a cozinha para ver a merda que está acontecendo. E encontro Matthew com a mão esquerda enfaixada e sentado, curvado, no canto.

— O que aconteceu aqui?

— Foi um acidente, senhor. Sinto muito.

— Tudo bem, Matthew. Vai para casa que eu resolvo isso.

— Jesse. — Kitty vem atrás de mim. — Não se preocupe. Eu vou ajeitar tudo.

— Não. Deixa pra lá. Eu fico aqui até...

— Até eu chamar minha irmã. Ela cozinha muito bem e vai adorar te ajudar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assinto e enfio os dedos nos cabelos, penteando para trás. Tinha que acontecer isso justamente hoje. Que droga!

— Eu posso ajudar. — De repente, alguém diz isso e todos viram os rostos para ver Cheryl na porta da cozinha. — Eu amo cozinhar.

— Não, Cheryl. — Chego até ela e coloco as mãos nos seus ombros. — Você não veio aqui pra isso.

— Eu vim para me divertir e, sinceramente, cozinhar nesta cozinha industrial — ela indica com as mãos abertas o ambiente — será um enorme prazer. Deixa, Jesse? — Ela junta as mãos em frente ao rosto e pisca os olhos.

Rio e arfo com força, assentindo.

— Mas não quero que fique o tempo todo e muito menos se canse demais.

— Pode deixar.

PERIGOSAS ACHERON

— E enquanto isso vou ligar para a minha irmã chegar o quanto antes — Kitty fala e sai da cozinha.

Capítulo 5

CHERYL

Se eu soubesse que aceitar sair com um completo estranho me levaria a realizar um sonho bobo meu, eu teria aceitado antes. Jesse não sabe, mas eu sempre quis cozinhar em uma cozinha industrial. Tudo culpa do Top Chef. Eu assisto demais essa merda!

— Eu não sei como lhe agradecer — Jesse diz ao meu lado tomando uma cerveja.

— Não precisa. Eu adorei usar sua cozinha.

Jesse assente e vira o rosto, fitando a cidade.

Estamos sentados no terraço do Café, que fica uns cinco andares acima dos prédios — que descobrir ser do Jesse também.

O terraço é lindo e parece que saiu de um filme romântico. Tem um banco largo e enorme, flores coloridas em vasos de plantas de ferro verde-água e pisca-pisca brancos por todo lado. É simplesmente lindo aqui. Tanto que este comentário faço em voz alta.

— Obrigado. Eu fiz ele por causa da minha ex-mulher.

Ergo a sobancelha e espero ele falar mais. Percebi que depois da quinta cerveja, Jesse fica mais comunicativo e sem contar que, enquanto passei cinco horas cozinhando, e na hora do nosso jantar, que foi há uns trinta minutos, ele me contou tudo sobre Genna. Eu não gosto dela. E não tem nada a ver com o fato de se ela estivesse ainda com

PERIGOSAS NACIONAIS

Jesse, eu não estaria aqui com este espécime de homem talentoso, bondoso e educado.

— Eu sempre tentei agradar Genna, mas ela era uma mulher, posso dizer: pessoa, muito difícil de agradar. — Ele respira como se estivesse cansado. — Por anos, eu fiz de tudo para fazê-la feliz e curtir a vida ao meu lado. Genna dificultava nossa vida e o pior era que minha mãe me avisou. Ela nunca gostou dela.

— Que saco! Ainda bem que acabou.

— Sim — ele me encara —, mas teve um tempo que eu temi em continuar com ela. Posso dizer que fui até minha última gota de esperança, mas quando ela... — Balança a cabeça como se quisesse esquecer seja lá o que a ex-mulher fez. — Enfim, eu dou graças a Deus que me livrei dela.

Não consigo controlar e rio com a mão na boca para amenizar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe rir, mas o jeito que você fala... é hilário.

— Pode rir, eu também rio... — E completa: — hoje.

Concordo e baixo meus olhos, fitando minhas mãos vazias. Não aguento mais tomar cerveja. Nada.

— Ela partiu seu coração? — pergunto após um longo silêncio.

Jesse respira e viro o rosto quando ele me olha.

— Sim, mas não da forma como você está pensando.

— O que você quer dizer? — Caramba, ele me deixa tonta.

Ele fica novamente em silêncio contemplando o céu e parece distante.

— Se você não quiser falar, não precisa.

— Eu nunca toquei neste assunto com ninguém — confessa e deixa a garrafa da cerveja, vazia, no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chão. — Nem com minha mãe. Nossa! Eu acho que minha mãe morreria se soubesse.

— O que de tão grave ela fez?

— Tirou o nosso bebê — diz de uma vez e solta o ar, cansado. — Ela fez isso apenas porque não quer ter filhos. Mas nem me contou. Nunca me falou nada sobre isso e simplesmente fez. E só fiquei sabendo porque o local onde ela fez o aborto mandou uma carta.

Meu coração comprime com essa confissão. Minha nossa. Eu odeio mais ainda Genna. Mulher sem alma!

Eu achava que meus problemas eram grandes. Achava que o fato de ter um pai ausente e enlouquecido, querendo minha atenção, foi motivo para eu não querer saber de amor, de não confiar em mais ninguém. Acho que acabei de encontrar um coração tão perdido quanto o meu, e talvez seja

PERIGOSAS ACHERON

por isso que o quero tanto. Talvez precisamos nos juntar para estarmos revigorados novamente.

Ninguém precisa de outra pessoa para se sentir completo, mas todos precisam de alguém para segurar sua mão. Dando apoio e torcendo por ela. E até mesmo para ajudá-las a recomeçar.

Olhando para Jesse, mesmo o conhecendo há pouco tempo – se é que posso classificar ontem e hoje como conhecer alguém –, sinto que ele precisa de alguém, assim como eu também.

Eu tenho Maya, mas ela não me completa. Ela é apenas minha amiga, assim como alguns colegas da faculdade. E sinto muita falta da minha família, tanta que dói meu peito às vezes, porém não estou pronta para lidar com Bill.

Pisco os olhos e respiro fundo. Não quero pensar nisso agora. Viro o rosto e fito o perfil de Jesse. Deus, ele é bonito demais!

— Ela não pediu desculpas pra você? — Não entendo a razão para eu perguntar isso, mas *eu* preciso das “desculpas” do meu pai, e tenho certeza de que Jesse merece também.

— Não. Nenhuma vez.

Franzo a testa, confusa. Porém, Jesse logo explica:

— Ela nunca deu nenhum pedido de desculpas por nada. Por faltar à festa surpresa do nosso aniversário. Por esquecer o *meu* aniversário. Por jogar fora, sem usar, o presente que dei a ela. E não. Não pediu e muito menos deu explicações sobre o nosso filho. Ela o matou e escondeu de mim.

— E quando você soube. O que você fez?

— Ah, eu... — Respira e olha para suas mãos.

— Eu senti como se meu mundo estivesse morrendo. Doeu como nunca doeu antes. Eu nem sabia da existência dele, porém era um filho meu.

Um filho nosso que ela chamou na minha cara de feto. “Ele não passava de um feto. E se era ele, talvez fosse ela”. Merda! Eu não me importava. Era sangue do meu sangue. Carne da minha carne — Jesse arfa com força e me encara. — Como ela pôde? Como foi fácil? Não entendo. — Nega com a cabeça. — Nunca vou perdoá-la. Ela não matou só ele. Ela matou um pedaço de mim também.

— Ah, Jesse. — Sem aviso, vou para cima dele, sentando-me em seu colo. Fecho os olhos quando nos abraçamos. — Eu sinto muito. Muito mesmo.

— Eu também — murmura perto do meu ouvido. Suas mãos acariciam minhas costas. — E sinto mais ainda pelo fato de ter acabado com minha vida. Eu só trabalhei esses três últimos anos e não dei chance para ninguém me refazer. — Suas mãos deslizam por meus braços e ele segura meu rosto, olhando dentro dos meus olhos e diz: — E quando eu vi você... Vai parecer piegas, mas foi PERIGOSAS ACHERON

como se de alguma forma os pedaços que ela destruiu do meu coração estivessem sendo recolocados no lugar. Como um pedaço perdido de mim tivesse voltado. — Sua testa toca a minha. — E eu sei que você sentiu algo também.

Sim, eu senti algo tão intenso e forte, que precisei escapar daquela energia. Não sei explicar até agora o que era, e sem dúvida o que é, pois ela voltou quando eu o vi parado na sala de estar da minha casa. Jesse tem algo que me faz ter que respirar fundo, senão sou capaz de sufocar com a sensação que ele me traz.

Uau! É o mais perto que posso tentar descrever o que sinto perto dele.

— Sim — falo assentindo freneticamente. — Eu senti também.

Um sorriso jovial e único brota em seu lindo rosto e meu coração derrete. Ele é um homem muito bonito e o fato dele me olhar de um jeito

único, me deixa nervosa. O poder que ele tem sobre mim apenas me olhando é arrebatador. E quando suas mãos incidem suavemente meu rosto para frente, e o dele inclina, suspiro fechando os olhos e ele me beija.

Seus lábios acariciam os meus com tamanha leveza que solto um gemido baixinho. Meus braços se apertam ainda mais em seu pescoço, acolhendoo. Esse beijo parece ter poderes e o que ele falou, *parece real*.

É como se a parte de mim que estava perdida estivesse de volta.

Jesse suspira e eu também. Sua boca aveludada e com um leve gosto de *Stella Artois* será lembrada por mim até eu ficar de cabelos brancos. E eu espero que os meus lábios, com gosto de suco de maçã, também fiquem gravados.

O beijo vai perdendo o *quê* de paixão, e ganhando o tom doce. Sinto-me sendo conduzida

para uma valsa, que ao terminar, recebo um beijo no coração dos meus lábios.

Meus batimentos aceleram ao notar que estou sendo observada por ele, mas não quero abrir os olhos.

— Você sente o que eu sinto?

— O que é? — ele responde-me com outra pergunta.

— Paz. — De propósito suspiro suavemente e explico: — Essa estranha paz. — E sorrio.

Sinto seu polegar passar lentamente em minha bochecha.

— Sim, eu sinto e gostaria de olhar em seus olhos agora.

Abro os olhos e tento parar de sorrir. E falho miseravelmente.

— Para poder dizer que preciso ter outros encontros com você — ele completa seu raciocínio. — Ontem eu disse que este encontro era uma forma

de recompensar o dia desastroso que você teve. E até posso arriscar em dizer que também queria me recompensar por banir meu coração de sentir algo. Ou talvez, eu estivesse esperando você para me encontrar de novo.

Oh, meu Deus! Ele é perfeito.

— Enfim, o mais importante, Cheryl, é que eu quero ter outro encontro com você para continuar sentindo o que você faz comigo desde o momento que lhe vi. Para ter certeza de que, mesmo por *acaso*, nós nos encontramos.

Uau! De novo. Depois dessa declaração, eu mal consigo encontrar ar, que dirá palavras.

— Diz alguma coisa?

— Jesse... — deixo escapar entre um suspiro trêmulo.

— Não fale nada, apenas aceite. Eu não quero colocar pressão, mas... Caramba só em pensar em não ver mais você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não vou morrer.

— Se não estiver comigo, será como estivesse.

Isso me faz soltar uma risada. Coloco a mão na boca e dou de ombros.

— Eu não pensei que você fosse dramático.

Ele ri e pega minha mão do seu peito.

— Não estou sendo dramático, por favor. Apenas estou tentando conquistar a garota que me deixou bobo no Dia dos Namorados. E eu odeio esse dia.

— Eu também não gosto.

— Por algum motivo especial? O meu você já deve deduzir o porquê.

— Hum-hum... — assinto. Claro que ele odeia o dia 13 de fevereiro por culpa da Genna. — O meu é por causa que...

— Fala — insiste ele.

Desvio meus olhos dos dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que devo contar para ele um pouco da minha vida. É mais do que justo depois dele contar a sua e um segredo que nunca foi compartilhado com ninguém. Levanto o rosto e conto sobre Bill. Não dou detalhes, e acho que nem é preciso.

— Você deixou tudo pra trás por causa dele?

— Sim.

— Nossa! Eu imagino como foi difícil pra você, mas quer saber de uma coisa. Você não pode continuar a se sentir assim. Não pode continuar fugindo, Cheryl. Merece uma nova chance.

— Assim como você!

— Sim. Assim como eu estou tentando agora com *you* — diz cheio de certeza. — Você parece ser minha segunda chance e não vou deixar que escape de mim de novo.

Franzo a testa.

— De novo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É. — Ele sorri de lado. — Você fez isso ontem no jardim da cafeteria. Fingiu não estar sentindo nada e escapou de mim antes de eu ter a chance de convidá-la para tomar um café, ou simplesmente para entrar. Eu precisava agradecer por ajudar meu avô.

— Eu atropeliei seu avô.

— Não importa. Você fugiu ontem. — Suas mãos agarram meus quadris, puxando-me ainda mais para seus braços. — Mas não vai escapar mais.

— Eu não quero.

— Ótimo! — ele diz antes de me beijar de novo.



Jesse para o carro frente à árvore que tem perto da porta da minha casa. São quase nove da noite e sei que Maya não está em casa a esta hora. Está no trabalho, só chega às dez e meia.

PERIGOSAS ACHERON

Meus batimentos aceleram com o nervosismo. Eu nunca senti o que sinto perto dele, e muito menos sei lidar com isso. Tenho vontade de morar em seus braços, mas não quero ser mal interpretada.

Deus! Me ajude.

— Você não vai sair do carro? — ele pergunta com a porta aberta. Ele é tão educado, abriu ela para mim como um cavalheiro.

Sacudo a cabeça e saio do carro. Na calçada, aprumo minha postura ao caminhar ao lado dele. Subimos lentamente as escadas, como se estivéssemos adiando os passos.

Em frente a porta, paramos e nos encaramos como dois adolescentes com medo dos pais. É patético.

— Não fique assim. Para de pensar desta forma.
— Jesse faz carinho no meu rosto.

— Que forma?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como se eu fosse obrigar você a algo, ou como se nós tivéssemos que fazer algo. Não precisamos. — Aproxima-se e me beija de leve. — Nós teremos muito tempo pra isso e para todas as coisas que casais fazem.

O nervoso dentro de mim ganha proporções preocupantes. Borboletas aparecem em meu estômago. E reprimo a risada nervosa.

— Você fala com tanta certeza, Jesse.

Ele abre um sorriso, me beija rapidamente e diz:

— Porque eu tenho certeza de que ontem eu tinha acabado de me encontrar. Que os nossos corações perdidos se encontraram.

— Deus! — Respiro. — Você é real?

Ele solta uma gargalhada e me abraça pelos quadris.

— Não sou Deus, mas lhe garanto que sou muito real.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assinto e me convenço das suas palavras porque talvez ele esteja certo. Nossos corações *quase* perdidos e cansados de sofrer se encontraram. O destino, ou acaso, brincou conosco ontem. Nos uniu para cada um poder ajudar o outro a recomeçar. A acreditar de novo em outras pessoas. pois é um fato, uma verdade profunda. Nós somos iguais. Precisamos recomeçar e nos reconstruir.

— Você quer saber, Jesse — falo me sentindo corajosa. — Eu acho que vou voltar amanhã e talvez... — Dou de ombros. — Depois de amanhã e depois e depois.

Ele sorri sem mostrar os dentes, pega meu rosto entre as mãos e murmura:

— Já estou ansioso para isso e quem sabe um dia deixar de odiar o dia de ontem.

— Você não está sendo muito ansioso? — pergunto rindo de pura felicidade.

— Não. Estou sendo confiante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Diante do olhar

GISLAINE SOUZA

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Thábata Garcez é uma jovem mulher de vinte e oito anos, segura de si, bem-sucedida e comanda uma ONG que foi fundada por seus avós, além de ser dona de uma agência de publicidade. Desde o início, a ONG Floresça teve o intuito de ajudar mulheres drogadas, desabrigadas e abandonadas. Thábata tomou a ONG para si, quando completou vinte e cinco anos, a elevou ainda mais pelo mundo afora e participa de eventos beneficentes para arrecadar fundos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante Gómez é um belo homem de trinta e seis anos, solteiro e administra uma rede de psicólogos. Seu pai é um psicólogo renomado no mundo inteiro por causa de suas terapias eficazes e rápidas. Dante não quis seguir a carreira de seu pai, mas se candidatou a ajudá-lo a administrar a grande rede de psicólogos que tem o intuito de ajudar instituições e ONGs.

Ele é um homem quieto, um olhar perfurador e o ar de mistério exala por onde passa. É misterioso, pois não fala do passado, da vida e nem de nada. Ninguém sabe quase nada da vida dele e desde novo já tem sido um homem influente na sociedade. Sabe falar bem, se comportar e tudo mais.

Dante e Thábata se conhecem durante um incidente do evento beneficente e ele mexeu com ela assim que seus olhos se cruzaram. A atração foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inevitável, e mesmo ela sendo a toda-poderosa, se vê perdida nos olhos dele.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Aproximo-me da varanda do meu quarto de hotel, observo o movimento da rua e respiro fundo. Hoje foi um dia cansativo, mas ainda tenho que ir ao jantar beneficente para arrecadar fundos para a instituição daqui de Los Angeles, na Califórnia. Vim para cá a convite do Dr. Paulo Gómez, um dos psicólogos mais conceituados do mundo.

Ele fornece psicólogos para ajudar nas instituições que tenho pelo mundo e sou muito grata a ele. O Dr. Paulo é um senhor que sempre foi próximo a minha família, por causa da ONG e é o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

melhor amigo do meu avô. Por meio de pessoas maravilhosas, consegui abrir diversas clínicas pela América Central, Norte, Sul e na Europa. Todas são voltadas para o tratamento de mulheres, independente do seu status e estado.

Eu sempre deixo responsáveis por essas clínicas, estando a par de tudo e, principalmente correndo atrás de fundos para elas. Para isso eu tenho que viajar muito, não tendo uma vida para mim e sim voltada sempre para terceiros. Essa foi minha escolha desde o início.

E além ter uma clínica, tenho uma empresa de publicidade, aliás, uma sociedade com o meu pai e irmão, já que eles não se envolvem com as coisas da ONG, mas me pediram para fazer alguma faculdade e então, eu decidi que ia fazer Publicidade. Trabalho na agência de terça-feira à tarde de sexta-feira, de sexta-feira à noite até segunda-feira, eu trabalho na ONG.

PERIGOSAS ACHERON

Ouço dois toques na porta do meu quarto, vou em sua direção e a abro dando de cara com o camareiro. Pego um pequeno envelope branco de suas mãos, agradeço e fecho a porta em seguida. Não tem nada escrito no envelope, a não ser o meu nome, e eu resolvo abri-lo. É uma carta de boas-vindas, curta, mas significativa para mim, pois eu amo carta. Aliás, amo tudo que é feito a mão.

"Querida, Thábata. Espero que o evento dessa noite seja maravilhoso e que arrecade muitos fundos para a instituição. Infelizmente, não vou poder estar presente nessa noite, mas o meu filho estará lá, para auxiliá-la no que for preciso e te aguardo na minha residência daqui dois dias. Abraço. Paulo Gómez."

Como assim, ele não estará presente no jantar? Bufo, irritada e deixo a carta em cima da cama. Contava com a presença dele nessa noite para me auxiliar nesse jantar, mas terei que me contentar

PERIGOSAS ACHERON

com o filho, que eu nem conheço. Aliás, até conheço, mas o vi pela última vez quando eu era adolescente e depois dessa única vez, nunca mais. Não me lembro do nome e muito menos como são as suas características.

Mas deixando esse assunto de lado, ando em direção à minha mala que está em cima do recamier e pego a minha nécessaire. Preciso começar a me arrumar para ir ao jantar, preciso apenas fazer a maquiagem e colocar o vestido que escolhi especialmente para essa noite. Meu cabelo está pronto desde o momento que voltei do meu *tour* por Los Angeles, me dediquei aos meus belos cachos e decidi deixá-los soltos.

Ouçó alguém bater novamente na porta do meu quarto, abro-a e sorrio levemente para a minha amiga. Carolina é o meu braço direito em tudo relacionado a ONG e na minha vida. Nos conhecemos há muitos anos, acho que desde

PERIGOSAS ACHERON

quando me tornei diretora e ela se candidatou a investir uma pequena quantia, mas acabou virando nisso que é hoje.

Carol está maquiada, mas ainda usa suas roupas casuais e não o lindo vestido que comprou para usar essa noite. Ela deixa a sacola com o vestido em cima da cama e prende o seu olhar na carta.

— Hum... De quem é essa carta? Se te mandou assim, sabe dos seus gostos — comenta, pegando-a.

— É do doutor Paulo?

— Sim e ele não vai estar no jantar. O filho que irá representá-lo.

— Quem é? — Carol questiona curiosa.

— Eu o conheci na adolescência, mas não me lembro do nome e nem características.

— Credo, Thábata! Paulo é quase de sua família e você não se lembra do filho dele? — murmura debochando.

— Não, mas meus pais devem se lembrar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pego o meu celular em cima do criado-mudo, ligo para a minha mãe e vou em direção ao banheiro. Enquanto converso com ela, consigo me maquiar, assim eu não me atraso. Deixo a nécessaire em cima da pia, coloco meu celular do lado e limpo a minha pele antes de qualquer coisa.

Espero por longos segundos, diversos toques e a minha mãe não me atende. Ela deve ter saído com o meu pai ou está sem o celular por perto. Dona Roberta é uma linda mulher de quarenta e oito anos, negra e belo cabelo cacheado. Eu sou praticamente a cópia dela, e o meu irmão dois anos mais velho que eu, do meu pai: pele branca, cabelo negro e são altos. Todos nós temos olhos escuros, moramos num casa bem grande com os nossos avós, apesar de eu ter o meu apartamento e o meu irmão ter a casa dele com a sua esposa, vulgo, Carolina, minha amiga.

PERIGOSAS ACHERON

Eu apresentei os dois, assim que conheci a Carol e eles tiveram uma química incrível. Claro que eu fui a madrinha do casamento, que ocorreu há três anos.

Resolvo deixar a ligação para a minha mãe de lado e me concentrar na minha maquiagem dessa noite. Pelo espelho a minha frente vejo a Carol falar baixo ao seu celular, andar de um lado para o outro e gesticular nervosa.

Ela deve estar falando com alguém da organização do evento e espero que esteja tudo certo para essa noite. Volto a atenção para mim mesma, coloco os meus cílios postiços e passo um batom vinho em meus lábios.

— Thábata, aconteceu um enorme problema — Carol anuncia parando na porta do banheiro.

— O quê? — questiono preocupada, quando a encaro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um vazamento de gás, os bombeiros deixaram interditado o local hoje por causa do forte cheiro.

— Não acredito! — exclamo irritada e bato as mãos na minha cintura. — E agora?

— O organizador já está avisando todos os convidados, o evento vai acontecer amanhã e vai dar tudo certo.

— Isso é ruim para a imagem da ONG.

— Não é culpa nossa. Aconteceu um acidente e o organizador está se responsabilizando.

Respiro fundo de olhos fechados e logo volto a olhar para Carol, pois agora não sei mais o que fazer.

— O que vamos fazer agora?

— Você termina de se arrumar, vamos até o organizador e depois vamos jantar.

— Vou xingar ele...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele não tem culpa, mas está assumindo para não deixar a ONG com a imagem manchada.

Apenas a ignoro, termino a minha maquiagem rapidamente e vou até a minha mala. Pego uma saia lápis preta e uma camisa branca cheia de babados. Carol está digitando freneticamente em seu celular e não me fala nada.

Ela sabe o quanto a ONG é importante para mim, sabe o tanto que eu ralo e quase não viajei nos últimos meses para os outros países a fim de eventos beneficentes, mas resolvi vir para cá depois de muita insistência do doutor Paulo. Assim que termino de me arrumar, sigo para o elevador junto com a Carol, que me avisa que já tem um táxi nos esperando.

Esse seria o primeiro evento beneficente aqui na Califórnia e espero que ele aconteça o mais rápido possível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em pouco mais de quinze minutos, já estou descendo do táxi em frente ao enorme salão aonde seria o evento, Carol anda na minha frente indo até dois homens parados perto da porta de madeira e eu a sigo em passos largos, além de firmes por causa do meu salto alto.

— Otávio, viemos conversar com você — Carolina anuncia parando na frente dos homens.

— Senhoritas. É bom vê-las aqui, independente do incidente — Otávio fala e, em seguida, olha diretamente para mim. — Foi um incidente que jamais imaginamos que iria acontecer justo hoje.

— Incidente ruim para a imagem da minha ONG.

— Eu sei, me desculpe — ele pede, se vira para o homem de cabelos negros ao seu lado. — Dante, essas são Carolina e Thábata, as responsáveis pela ONG.

PERIGOSAS ACHERON

O homem até há pouco desconhecido para mim, vira o rosto em minha direção para me olhar, o seu olhar perfurador encontra o meu e um suspiro escapa da minha boca. Uma sensação estranha, algo inexplicável me fez ter essa reação inesperada e fico surpresa comigo mesma. me estica a sua mão e eu a aperto gentilmente. O meu olhar fica preso no dele, não consigo desviar nem por um segundo e me vejo perdida em seus olhos claros.

— Prazer. Eu sou Dante Gómez.

— Thábata Garcez.

— Você é filho do doutor Paulo? — Carol o questiona.

— O próprio — Dante afirma e se vira para o Otávio. — Eu já vou indo, nos vemos amanhã.

— Você pode esperar um pouco? A Thábata quer conversar com você...

Desperto novamente para a realidade quando ouço as palavras da Carolina e eu a encaro. O que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu quero conversar com ele? Nada, que eu me lembre. Dou um passo para trás, olho para a minha *amiga* e ela sorri levemente.

— Carol...

— Vê com ele sobre o assunto dos psicólogos da clinica daqui de Los Angeles enquanto eu converso com o Otávio sobre o evento. Eu te encontro no restaurante, Thaby.

Concordo com um aceno de cabeça, um pouco intrigada e olho para o Dante. Ele me estica o braço, seguro e ele me leva em direção ao pequeno restaurante da esquina. Entramos no estabelecimento, o *maître* nos leva para uma mesa vaga no centro do ambiente e puxa a cadeira para eu me sentar.

Agradeço com um pequeno sorriso, olho para o homem a minha frente e me perco no seu olhar novamente. Não sei por que isso está acontecendo, aliás, isso nunca aconteceu antes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós já nos conhecemos, não é? — ele questiona chamando a minha atenção.

— Sim, mas já faz muitos anos e foi apenas uma vez que nos vimos.

— Bom, eu tinha certeza de que te conhecia e você me fez lembrar de quando isso aconteceu.

Direciono-lhe um pequeno sorriso, um garçom para diante de nossa mesa e peço apenas um suco de laranja, pois combinei de jantar com a Carolina. Espero que ela e Otávio sejam eficazes e arrumem logo qualquer problema que possa acontecer.

— Seu pai me avisou há pouco que não estaria presente no evento, mas que você iria representá-lo.
— comento assim que o garçom se afasta.

— Sim. Eu já estava aqui em Los Angeles desde ontem e como ele não conseguiu vir, eu decidi representá-lo.

— Mas você trabalha com ele?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou apenas o administrador da rede de distribuição de psicólogos.

— Eu sou muito grata por essa parceria e pela confiança que o seu pai, aliás, você também tem em relação à ONG. Eu sempre tento dar o meu melhor por ela e ajudar o possível em todas as instituições espalhadas pelo mundo.

— E você consegue — ele elogia. — Nunca tivemos nenhuma reclamação de nenhuma das instituições.

— Ainda bem, quero o melhor para aqueles que precisam de mim.

— É assim que se fala! — Dante me elogia.

Assim que o copo de suco é colocado em cima da mesa, bebo um pequeno gole e olho para Dante, observando-o. Pele branca, olhos claros como eu citei antes e o seu cabelo negro cai poucas mechas sobre a sua testa, bem despojado. Com barba e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bigode ralo, lábios finos, sobrancelhas que complementam o mistério do seu olhar...

E me sinto curiosa para saber mais dele. Também me sinto atraída por ele... Tudo bem que acabei de vê-lo, mas isso é normal acontecer com qualquer pessoa. Se um homem charmoso, gentil e que intriga de uma forma boa aparece, claro que me atrai.

— Você... — Calo-me quando o seu olhar encontra o meu e sinto um pequeno arrepio percorrer o meu corpo.

— O quê? — O seu questionamento me deixa desconfortável.

Sou uma pessoa curiosa, gosto de saber da vida das pessoas que estão a minha volta, apenas para conhecê-las melhor. Coço a minha garganta, mexo-me inquieta na cadeira e cruzo as minhas pernas. A mesa é de vidro, então o olhar de Dante vai

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

diretamente para elas e percorrem todo o meu corpo em seguida.

— Como o seu pai está? Faz algum tempo que eu não o vejo.

— É o mesmo homem de sempre e que todos conhecem. — Percebo a ironia em sua frase e franzo o cenho. — Meu pai está muito bem.

— Fico feliz em saber disso, ele é muito importante para a minha família — comento o fazendo me olhar com curiosidade. — Vou me encontrar com ele daqui dois dias, aliás, vou para a Argentina.

— Sério? Não imaginava que você iria para a casa dele.

— Ele me convidou, acho que quer falar comigo sobre a ONG ou sobre os psicólogos.

— Não, senão eu estaria sabendo — Dante informa. — Ele só quer te ver mesmo e estar mais próximo, já que são praticamente sócios.

PERIGOSAS ACHERON

— Entendi — sussurro.

Sinto uma mudança de clima sobre nós por causa do assunto que estava voltado ao Paulo. Já ouvi dizer que Dante e Paulo não se dão muito bem, eu não sei o porquê e nem se é verdade. A única coisa certa que eu sei é que Dante não gosta de falar de sua vida pessoal, já ouvi essa informação diretamente do pai dele.

Não sei o porquê dele não gostar, mas acho que tem a ver com sua família. A mãe do Dante é separada do pai dele há anos, eu a conheci pouco antes do casamento deles acabar, e o que eu sei é que, hoje em dia, o doutor Paulo está com outra mulher.

— Eu percebi a sua preocupação com o incidente, aliás, preocupação em manchar a ONG.

— Percebo a pequena provocação em sua voz.

— É a verdade. A ONG é muito importante para mim e para a minha família, qualquer coisa pode

PERIGOSAS NACIONAIS

prejudicá-la, pois sempre quero o melhor para todos que dependem do meu trabalho.

— Eu imagino, Thábata. — Ele coça a garganta e se inclina em minha direção por cima da mesa. — Ainda continua com cada instituição cuidando de assuntos específicos?

— Sim. É bem mais organizado desse jeito. Por exemplo, aqui em Los Angeles existe um grande número de mulheres morando nas ruas, seja por abandono ou vícios, então aqui a instituição cuida desses casos. No Brasil, especificamente em São Paulo, tem uma instituição especialmente para mulheres com câncer. Em Porto Alegre, mulheres abandonadas e agredidas.

— É bem lindo esse cuidado todo que sua família teve nessas escolhas.

— Gostamos de cuidar das pessoas que precisam de cuidados, e a sociedade nem sempre é cuidadosa com as mulheres.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dante assente pensativo, em seguida desvia o olhar do meu pela primeira vez na noite e encara o relógio em seu pulso.

— Eu tenho que ir, mesmo que não acho educado te deixar sozinha aqui na mesa...

— Carolina já deve estar vindo — informo, o interrompendo.

— Foi um prazer te rever e conversar um pouco com você.

— É recíproco.

— Agradeço.

Dante se levanta bem devagar, vem em minha direção e segura em minha mão voltando a prender o seu olhar no meu. Sua boca deposita um suave beijo no dorso da minha mão e me direciona um pequeno sorriso. Observo-o se afastar de mim, anda de forma elegante em direção à saída do restaurante e volto a prender a atenção em mim mesma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que está acontecendo comigo? Esse homem me causa sensações desconhecidas dentro de mim e me faz ser outra pessoa. Uma pessoa muito calma, mais curiosa que o normal e atraída. Muito atraída mesmo.

Bebo o restante do meu suco de uma vez, seco a minha boca com o guardanapo de pano que estava em meu colo e, enfim, vejo a Carol adentrando no restaurante. Ela anda em minha direção, logo se senta onde Dante estava e acena para o garçom. Ele nos entrega o cardápio e se mantém um pouco afastado da mesa.

— Dante já foi? — ela pergunta como quem não quer nada.

— Por que me fez vir para cá com ele? — questiono a fazendo olhar para mim.

— Você estava prestes a pular no pescoço do Otávio, então, eu te tirei de lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bela desculpa — ironizo. — Resolveram algum futuro problema?

— Está tudo certo para amanhã. Fique calma e confiante.

— Assim espero.

Carolina revira os olhos para mim e volta a sua atenção para o cardápio em suas mãos. Hoje não terei uma noite tranquila de sono, acho que se eu dormir, certo homem de olhar claro e perfurador pode invadi-lo. Ele tem que sair dos meus pensamentos, pois não têm o porquê do Dante estar me dominando.

Prendo o meu olhar no cardápio, mas a minha mente volta a viajar pelos olhos do Dante. O seu jeito sério, sua postura elegante e o seu olhar firme. Voz gostosa de ouvir, o pequeno sorriso que banha o canto dos seus lábios quando ele debocha ou gosta de algo que ouve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em pouco tempo de conversa já consegui decifrá-lo um pouco, mas sinto que ele guarda algo profundo. O mistério do seu olhar é presente em cada segundo, em cada fala ou em cada observação.



Enfim, hoje vai acontecer o evento beneficente, aliás, já está acontecendo nesse exato momento. Diversas pessoas estão circulando pelo salão ou sentadas nas mesas, eu estou cumprimentando todos, na verdade, tento cumprimentar a todos. Passo a mão no meu vestido, bem na curva da minha cintura e passeio o meu olhar pelo ambiente. Sorrio para as pessoas e prendo a minha respiração quando o meu olhar se prende no de Dante.

Estava perdidamente certa na noite anterior, ainda quando estava no restaurante, Dante tomou conta da minha mente até eu dormir e quando isso aconteceu, ele invadiu os meus sonhos.

PERIGOSAS ACHERON

Afasto esse pensamento, ando calmamente na direção do homem de olhar perfurador e percebo que ele conversa com um casal. A moça é conhecida por mim, mas o rapaz não.

— Thábata! — Miranda exclama baixinho quando me vê e nos abraçamos.

— Oi, Mi. Que bom vê-la.

Conheci Miranda do mesmo jeito que a Carol, mas foi aqui em Los Angeles há dois anos e desde então nos tornamos próximas.

— Digo o mesmo para você — ela fala ao se afastar de mim e olha para o rapaz forte ao seu lado. — Esse é o Jensen Brown, um amigo.

— Olá — cumprimento-o com um aperto de mão.

— Amigo? — ele questiona Miranda. — Então, tá.

Viro-me para o Dante e lhe dou um pequeno sorriso. Consequentemente parei justamente de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frente e vejo o seu olhar passear pelo meu corpo.

— Tháby, seus pais não vieram? — Miranda pergunta chamando a minha atenção.

— Não. Apenas eu vim para cá por causa do evento, mas amanhã irei embora.

— Já? Que pena.

— Tenho outros compromissos.

— Entendo.

— Brown estava comentando comigo... — Ouço a voz do Dante e levo o meu olhar até ele. — Que a mãe do amigo dele esteve internada por quase dois anos na instituição.

— Ela já está bem nesse momento? — pergunto ao Brown.

— Sim, pelo menos, se mostra estar melhor — ele me responde.

— Ela é mãe do Dominic Turner — Miranda me informa.

— Não me recordo de quem seja.

PERIGOSAS ACHERON

— O melhor lutador de Los Angeles — Dante comenta fazendo Brown concordar. — Eu tive o prazer de assistir a luta dele que aconteceu em Las Vegas.

Miranda segura em meu braço e me leva para longe dos homens, pois uma conversa possivelmente tediosa irá começar. Andamos bem devagar pelo salão, peço uma taça de champanhe que o garçom nos serve e a Miranda pega uma também.

— Não sabia que você estava com alguém — comento chamando a atenção da minha amiga.

— E não estou — ela garante. — Jensen e eu estamos próximos porque sou advogada da mãe dele.

— Então por que ele está aqui e quase fez uma ceninha?

— Porque estamos próximos — ela enfatiza. — Ele é um babaca, galinha e... Tháby, ele já esteve

PERIGOSAS ACHERON

com duas ao mesmo tempo e eu meio que o flagrei. Desde então, ele não sai do meu pé e a mãe dele meio que... fica tentando nos juntar.

— E você?

— Eu o quê?

— Gosta dele ou algo do tipo?

— É apenas atração... — Ela se cala e bebe o champanhe todo de uma vez. — E transamos uma vez.

— Quem transou com quem? — Carolina questiona parando a nossa frente.

Estávamos tão distraídas nessa rápida conversa, que nem percebemos a Carol chegar perto de nós. Miranda suspira e começa a contar sua pequena, e recente aventura com Jensen Brown. Ouço com atenção cada palavra dita, mas acabo me distraindo.

Meus olhos se prendem no Dante. Ele está conversando com um empresário daqui de Los Angeles, Jensen continua junto e todos conversam

animadamente, mas Dante é o único sério e de poucos sorrisos.

Como se fosse uma força magnética ou algo do tipo, ele olha diretamente para mim e acena com a cabeça antes de beber um gole do seu uísque. Esse homem está querendo me enlouquecer, só pode!

Desvio o olhar, fico de costas para ele e volto a minha atenção para as minhas amigas. Elas conversam quase num sussurro, mas percebo que estão falando dos atributos do Jensen e confiro se ele é tudo isso mesmo.

O seu terno escuro molda perfeitamente em seu corpo musculoso, seu cabelo penteado perfeitamente deixa um leve topete bem na frente, ar de presunção exala dele e é quase impossível acreditar que é um babaca. É um homem de presença, chama a atenção de todos e é gentil.

— Então já está assim? — Ouço a Carolina questionar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, pode se dizer que sim — Miranda afirma.

— Tháby... — Olho para a Carol quando ela chama a minha atenção. — Estava onde, garota?

— Bem aqui — murmuro.

— O corpo, pois a mente não — ela debocha e olha para a roda onde estão os homens. — O Dante, Thábata...

— O quê? — questiono-a, incrédula. — Não! Eu estava analisando a postura dele como o representante do doutor Paulo.

— Eu percebi a forma que você olhou para ele ontem, aliás, está olhando para ele desde ontem.

— Ela é bem atraente. — Miranda opina.

— Ele é bonito, atraente, me chamou bastante atenção e tem um ar misterioso que instiga qualquer uma.

— E? — Carol pergunta.

— E o quê, Carol? É apenas isso — murmuro.

PERIGOSAS ACHERON

Peço licença e me afasto delas. Eu entendi muito bem o que a Carolina quis dizer com aquilo e confesso que gostei da ideia de um possível momento. Ando em direção à mesa de petiscos, pego um canapé de salmão e coloco tudo na boca.

Eu já vi a lista de itens que serão leiloados nessa noite, são diversos maravilhosos e itens de luxo, com a intenção de todo o dinheiro ir diretamente para a ONG, claro que oitenta por cento ficará para a instituição daqui de Los Angeles. Pego uma nova taça de champanhe e me surpreendo ao ver Dante parando ao meu lado.

— Metade do leilão já foi, não é? — ele me pergunta.

— Sim.

Enfim, olho diretamente para ele e um brilho, que eu nunca tinha visto, toma conta do seu olhar. Ele se aproxima lentamente de mim, estica o braço e eu o seguro. Sigo os seus passos para longe do

PERIGOSAS ACHERON

salão, passamos por uma porta de vidro e percebo que estamos em uma área verde.

A duas árvores no centro do local há um grande balanço entre elas e me sento lá junto com o Dante. Não sei o porquê ele me trouxe aqui, mas não irei questioná-lo e nem fazer diversas outras perguntas, principalmente sobre a sua vida. Observo-o inclinar o seu corpo levemente para frente, apoiar os cotovelos em seus joelhos e virar a cabeça em minha direção.

— Eu não estou acostumado a ir a eventos assim e até pensei que esse seria tedioso, mas não foi — comenta.

— Eu sempre peço a Carol que não deixe o evento chato.

— Ela faz um belo trabalho, então, pois até atração ela contata.

Balanço a cabeça de forma positiva concordando com suas palavras e penso na pequena

PERIGOSAS ACHERON

banda em cima do palco que toca animadamente, envolvendo os convidados. Dante continua me olhando atentamente, parece que está gravando cada traço meu em sua mente ou outra coisa qualquer.

— Você está se saindo muito bem representando o seu pai, foi preciso em cada questionamento que surgiu nessa noite.

— Independente de tudo, eu tenho que ser bom para a sua ONG e não pela imagem do meu pai.

— Vocês não se dão bem? — A minha pergunta não o surpreende.

— Não muito — ele murmura.

— Por quê?

Dante encosta-se ao banco, o seu braço fica grudado no meu e ele olha para o céu cheio de estrelas nessa noite. Eu sei que não somos amigos, próximos ou muito conhecidos um do outro, mas eu sinto vontade de saber mais dele. Sinto vontade de

desvendar o mistério que toma conta dos seus olhos.

— Alguns problemas sérios aconteceram nos fazendo se afastar e, às vezes, nós discutimos por causa desses problemas do passado — ele responde vagamente.

— Mistério exala de você e é presente em seu olhar.

As minhas palavras o faz me encarar intrigado e o canto de sua boca curva, num sorriso irônico.

— E de você exala curiosidade.

— Eu gosto de saber mais das pessoas que trabalham comigo.

— Então quer saber cada detalhe da minha vida e do meu passado?

— Se você quiser me contar, não vou me importar de ouvir. — Dou de ombros.

— Eu tenho trinta e seis anos, nasci na Argentina e moro lá até hoje. Tenho um filho de

PERIGOSAS ACHERON

seis anos, me dou bem com a mãe do meu filho e até fui ao casamento dela no ano passado.

— Moderno — comento, o fazendo dar de ombros.

— Ela está feliz com o marido e estou feliz bem assim como eu estou.

— Continua solteiro desde que terminou com ela?

— Sim, mas isso não quer dizer que eu tive casos com ninguém. — Percebo o deboche em sua frase.

— É aquela bela frase: Solteiro sim, sozinho nunca.

— Posso dizer que sim. — Ele dá de ombros e acaba olhando diretamente para a minha boca. — Me fala de você, pois já te contei muito coisa que quase ninguém sabe da minha vida.

“Mas não contou sobre a sua relação com o seu pai”, penso, mas não falo, pois ele já me contou

bastante coisa.

— Tenho certeza de que você já sabe bastante sobre mim.

— Será? — ele questiona irônico.

— Vamos lá, então... — Penso nas minhas palavras, antes de falar qualquer coisa. — Tenho vinte e oito anos, moro no Brasil, tenho um apartamento... Aliás, eu meio que moro entre a minha casa e a casa dos meus avós.

— Trabalha em outra coisa, sem ser a ONG?

— Tenho uma sociedade com o meu pai e irmão numa agência de Publicidade.

— Me formei em publicidade, antes de ir para administração.

— Não exerce?

— Não. — Ele nega contra gosto. — Por que escolheu ser diretora da Floresça?

— Eu sempre estive presente em quase tudo desde que sou criança, meus avós perceberam a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha paixão por ajudar todos que precisavam então, há quatros anos eles me passaram a diretoria.

— Você sempre fala da ONG muito empolgada e com paixão.

— Paixão é a palavra que define o que a Floresça é para mim.

— Você é maravilhosa... — Franço o meu cenho com as suas palavras e ele se apressa a continuar a falar: — Faz coisas maravilhosas para terceiros.

Apenas sorrio, olho para trás por cima do meu ombro e percebo que ninguém sentiu a falta das duas pessoas mais importante dessa noite. Volto a minha atenção para o Dante, o seu olhar se cruza com o meu e um calorzinho toma conta do meu corpo.

— Sabe... Eu costumo a... — Ele se cala e abre um pequeno sorriso ao pensar em suas palavras. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando eu estou a fim de algo, eu busco conseguir tal coisa...

— Você acha que eu fiz algo de errado na hora do leilão ou em qualquer outro momento? — questiono, preocupada ao interrompê-lo.

Ele ri levemente e balança a cabeça de forma negativa.

— Você sempre sabe o que faz. Sabe falar, se portar, ser simpática, sorridente e provocar.

— Provocar? — pergunto com o cenho franzido.

— Sim — Dante afirma ao ficar ereto e se aproxima de mim. — Se incomoda se eu for direto?

— Prefiro que seja.

Tenho a impressão de que tudo a minha volta parou e que esse momento é algo da minha mente. Dante está com o rosto próximo ao meu, sua mão direita está na lateral do meu rosto e ambos ansiosos pelo que está por vir.

PERIGOSAS ACHERON

Pisco diversas vezes tentando entender o que está prestes a acontecer, meus lábios se curvam levemente abrindo um pequeno sorriso e os olhos do Dante brilham ainda mais. Estou atraída por ele e parece que o mesmo acontece com ele.

Ainda bem, pois quero uma coisa recíproca. Mesmo que seja algo de momento, uma noite ou um dia. Dante se move em minha direção, sua mão direita segura em minha nuca e a sua boca se aproxima da minha.

Antes que os nossos lábios possam se colar, ele olha rapidamente ao nosso redor e sua boca se aproxima ainda mais da minha...

— Achei vocês! — Ouço a voz estridente da Carolina e me afasto rapidamente do Dante.

“Carolina!”, tenho vontade de gritar, mas me controlo.

Dante limpa a garganta desconcertado, Carol nos olha intrigada ao parar na nossa frente e eu a

PERIGOSAS ACHERON

vejo escondendo um sorriso. Descruzo as minhas pernas, arrumo a fenda do meu vestido e olho atentamente para a minha amiga. Estou um pouco envergonhada de ser quase pega aos beijos com um homem que é praticamente meu sócio e Dante está sem reação alguma.

— Eu vim chamar vocês para encerrar a noite.

Dante apenas acena com a cabeça, se levanta e sai andando enquanto ajeita o paletó. Carolina me olha chocada com o que ela flagrou, eu apenas balanço a cabeça de forma negativa e volto para o salão, sendo seguida por minha amiga. Um beijo quase aconteceu e por esse quase, meu coração continuava a palpitar.

Se o beijo tivesse acontecido, o que iria acontecer depois? Uma noite quente? Um clima estranho? Sociedade quebrada? Ou duas pessoas muito bem resolvidas, realizadas sexualmente e que iriam continuar com as suas vidas?

Não sei e nem terei as respostas delas tão cedo, ou melhor, nem sei se terei as respostas. Vejo que Miranda acena para mim, ando em sua direção e a observo com o corpo grudado no do Brown.

— Eu já vou indo, pois vim de carona com o Jensen e ele ainda vai lutar hoje.

— Espero te rever em breve.

— Em breve, eu garanto.

— Boa luta — desejo ao Brown. — Que aconteça um nocaute.

— Tentarei ao máximo que isso ocorra — ele garante.

Despedimo-nos com um abraço demorado, Jensen dá dois beijos em meu rosto e segura na cintura da Miranda. Por mais que ela diga que é apenas atração ou sexo, esses dois pegam fogo quando estão juntos.

Os demais convidados continuam a se divertir nessa noite, um casal fica na pista de dança, eles

foram contratados para mais uma atração e uma música preenche o ambiente, chamando a atenção de todos.

Esse tipo de dança é sexy, envolvente e nos deixa sem ar só de observar, além de deixar o sangue quente correr livre pelas veias. É um tango e procuro o Dante pelo ambiente. O encontro quando ele anda em minha direção, para ao meu lado e suspiro.

— Sabe dançar? — ele me questiona num tom baixo e sexy.

— Mais ou menos — respondo num fio de voz.
— E você sabe?

— Minha mãe meio que me obrigou a aprender.

— Deveria me ensinar, então — sugiro em tom de diversão e ele me olha surpreso.

— Se quiser mesmo...

— Thábata Garcez. — Dante é interrompido quando um homem me chama e eu olho para trás

por cima do meu ombro. — Bela noite.

— Obrigada — agradeço sorridente olhando para o rapaz alto, negro e de sorriso contagiante á minha frente.

— Me desculpe, ainda não fomos apresentados.
— Ele balança a cabeça para os lados e estica a mão para mim — Michael Cullen. Sou um grande admirador da Floresça e da dona.

— Muito obrigada — agradeço levemente envergonhada.

Michael foi direto em sua cantada, não tira os olhos famintos de cima de mim e isso me incomoda um pouco. Se fosse ao contrário? Ele iria achar que eu sou uma atirada e coisa bem mais baixas do que isso, mas deixo quieto por enquanto e continuo a ser gentil.

— Agradeço, Sr. Cullen.

— Apenas Michael, por favor — ele pede, se aproxima mais de mim e me analisa. — Estou

PERIGOSAS NACIONAIS

muito curioso para saber mais da ONG projetos e instituições, por isso eu te convido para jantar comigo amanhã.

— Você não vai jantar com ele — Dante sussurra ao meu lado e o ignoro.

— Fico muito grata pelo convite e...

— Ela não pode ir — Dante informa me interrompendo.

— Você tem um assessor que responde por você? — Michael me questiona debochando. — As minhas palavras foram verdadeiras, quero saber mais dos seus projetos.

— Eu acredito em você e não tenho um assessor que responde por mim. O Dante se expressou errado. — Tento contornar a situação ao perceber um clima estranho. — Eu não posso ir, porque amanhã cedo já vou viajar, mas sei que outra oportunidade irá surgir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que pena! — Michael lamenta. — Então, fica com o meu cartão e, assim que puder, me avise.

Concordo com um aceno de cabeça e pego o cartão de sua mão. Ele deposita um beijo em minha bochecha, acena com a cabeça para o Dante e se afasta de nós. Observo atentamente o pequeno papel, contém o nome dele e dois celulares diferentes, além de estar escrito que ele é executivo financeiro.

Seguro firmemente o cartão em minhas mãos e olho para Dante. Eu não gostei da atitude dele, mas eu sei que o meu pai e irmão fariam a mesma coisa. Não é porque um homem ajuda a minha ONG que eu tenho que sair com ele, aliás, eu nem faço essas coisas, só faço quando é de extrema importância e sempre levo mais pessoas comigo durante os jantares.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi aquilo? — questiono, tranquilamente.

— Você nem conhece o rapaz e é perigoso sair com pessoas desconhecidas.

— Eu sei, Dante. Agradeço a preocupação, mas são questões sobre a ONG...

— Que ele fizesse então aqui e não num lugar somente vocês.

Prefiro não continuar a debater, lembro-me de que tenho que encerrar a noite e subo no pequeno palco quando a dança de tango se encerra. Agradeço cada um presente nessa noite, agradeço também pelos itens leiloados e, principalmente, pelo dinheiro arrecadado nessa noite.

Oitenta por cento vai para a instituição daqui de Los Angeles, o que sobrar vai para o caixa da ONG. Desço do palco sob uma chuva de aplausos, rumo aos fundos do salão e me sento numa cadeira vazia. Estou cansada, mas muito feliz. Todos nessa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

noite quiseram ajudar a ONG, mas ajudaram também pessoas que necessitam.

Carolina aparece na minha frente junto com Otávio, o organizador, e falam diversas coisas, mas não consigo prestar atenção, pois, inconscientemente, minha mente viaja até o quase beijo. Eu não esperava por aquilo, ainda mais por ele ser tão sério e não ter demonstrado interesse algum por mim, mas me enganei.

Essa noite aconteceu tudo que eu planejei e, principalmente, o que eu esperava, mas garanto que o *quase* beijo não estava incluso. Só que eu quero aquele beijo, quero muito. Se na noite anterior Dante tomou conta dos meus pensamentos e dos meus sonhos apenas com a sua presença, imagina hoje após aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Acordo numa preguiça gostosa, eu me viro para o outro lado da cama e bocejo ainda com sono. Foi uma noite incrível e dormi satisfeita, além de estar realizada com o nível onde a ONG está chegando. Os meus olhos voltam a se fecharem devagar, o sorriso continua em meus lábios, mas antes que eu possa dormir novamente, me sento na cama assustada quando ouço um barulho perto de mim.

Carolina está no meu quarto colocando a sua mala perto da minha, ela percebe que estou acordada e sorri levemente. Seu cabelo curto está

PERIGOSAS ACHERON

com ondulações e não mais lisos, como estavam no evento.

Hoje vou para a Argentina, é uma viagem longa e cansativa. Mais de quinze horas de viagem, além, de pouco minutos de carro do aeroporto até a casa do doutor Paulo. Espreguiço-me novamente e caio de costas na cama.

— Temos que ir para o aeroporto — Carol anuncia chamando a minha atenção. — Você dormiu por duas horas, mas se dormir mais, vamos nos atrasar.

— Que horas são? — questiono.

— Duas e meia da manhã.

Sáímos do evento quase à meia-noite e meia, Otávio iria ficar lá até quando os últimos convidados fossem embora e pensando nisso... Não vi o Dante depois que Michael me chamou para ir jantar e nem sei que horas ele foi embora. Pulo para fora da cama quando percebo o olhar questionador

da Carolina, vou ao banheiro e me enfio embaixo do chuveiro quente.

Como disse ontem para o Dante, não tenho a menor ideia do que o doutor Paulo quer conversar comigo, mas espero que não seja nada ruim relacionado à parceria com a ONG, pois essa parceria é muito importante para centenas de pessoas.

Logo saio do banheiro enrolada numa toalha, ando calmamente até a minha mala que já está em cima da cama e do nada paraliso. Tem uma orquídea lilás em cima do recamier e olho para a Carol esperando uma explicação, pois se a flor chegou até mim, é porque passou por ela primeiro.

— De quem é?

— Eu não sei, a única coisa que sei é que é para você e chegou pouco antes de você acordar.

Sento-me na cama, pego o vaso de orquídea e procuro o cartão. Assim que o encontro, leio e

PERIGOSAS ACHERON

acabo suspirando. O Dante que a enviou e ainda escreveu o cartão a punho. Talvez, ele saiba da minha paixão por coisas desse tipo.

"Querida, Thábata.

Obrigado pelo maravilhoso momento que tivemos no balanço, pena que fomos interrompidos, espero que faça um bom voo até a Argentina e espero ansioso para nosso próximo encontro.

Com carinho.

Dante Gómez."

— Dante a enviou e ainda escreveu o cartão — informo Carolina, que me encara curiosa.

— Falando nele, dona Thábata... — ela chama a minha atenção e rio levemente. — E aquilo que presenciei ontem?

— Presenciou não. Você atrapalhou — corrijo-a.

Deixo o vaso de orquídea em cima do recamier novamente, fico em pé e tento escolher alguma roupa dentro da minha mala.

— Eu não imaginei que vocês estavam tão próximos assim e muito menos que estão tendo um caso.

— Não estamos! — exclamo a olhando por alguns segundos. — Ontem nós estávamos conversando, ele se abriu um pouco comigo e... Mas o mistério relacionado a ele com o pai continua inflamando a minha curiosidade.

— Eles não se dão bem — Carol comenta me fazendo assentir. — Mas me conta o restante dessa história.

— Não tenho muito para contar, Carol. A gente conversou, ele me elogiou diversas vezes e quando ele quis me beijar, você chegou. Atrapalhou, na verdade! — exclamo jogando um travesseiro nela.

Carolina ri e agarra o travesseiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês vão se reencontrar na Argentina e muitas coisas vão rolar, eu estou certa disso.

— Talvez, Carolina — cantarolo.

Pego um macacão preto com alguns brilhos, o visto após colocar a lingerie e deixo os meus cachos soltos. Coloco um salto alto nos pés, fecho a minha mala e a levo comigo para fora do quarto, após pegar a minha orquídea. Cada cor tem um significado diferente e a lilás significa: flor da sedução, ideal para conquistar seu interesse amoroso.

Se isso for uma cantada, ele está sendo bem direto e gosto disso. Melhor ser direto, do que ficar enrolando, fazendo de difícil ou qualquer outra coisa. Carolina está vindo atrás de mim puxando a sua mala, mas ela não vai comigo para a Argentina. Ela vai direto para o Brasil, já que hoje é madrugada de domingo e amanhã ela já trabalha normalmente na agência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Espero o táxi na calçada do hotel enquanto ela faz o *check-out*, pego o celular dentro da minha bolsa e confiro se o táxi está chegando. Dois minutos, ainda. As palavras da minha amiga retornam para a minha mente e a ansiedade me define. Será que a Carolina está certa? Prefiro não criar esperanças.

Se acontecer algo, maravilhoso, senão, ótimo. Assim cada um continua a sua vida e que a nossa decisão não interfira na sociedade. Dante é adulto, eu também e sabemos muito bem o que fazemos.



Depois de quase dezesseis horas de viagem, eu já estou chegando na casa do doutor Paulo e ele já está me aguardando. Como sei? Ele me enviou uma mensagem assim que desembarquei, avisando que o seu motorista estava me esperando na área de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desembarque. Eu agradei muito, pois o que mais queria era sair logo daquele aeroporto.

Aqui na Argentina já é quase meia-noite e, enfim, o carro passa pelo portão branco da casa do doutor Paulo. A viagem foi longa, estou cansada, mas nem por isso vou deixar de contar para ele como foi o evento na noite anterior. Falando nisso... Não sei se Dante já chegou aqui na Argentina, se já está vindo ou se virá ainda.

Desço do carro, o motorista me entrega a mala e vai abrir a porta da casa para mim. A casa é bem grande, já vim aqui duas vezes e é um lar aconchegante. Dois andares, tudo bem decorado e espaçoso. No primeiro andar tem a sala de estar junto com a de jantar, uma cozinha muito bem equipada e um lindo piano entre as duas salas. Tem também uma porta que dá acesso à grande área verde que cerca a casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No segundo andar tem alguns quartos, todos com varandas e uma sala de diversão. Assim que entro na sala de estar, vejo o Paulo sentado no sofá ao lado da esposa. Ele é um senhor de cabelos brancos, levemente gordinho e cheio de simpatia.

— Boa noite.

— Estou feliz por você ter chegado — Paulo anuncia vindo em minha direção e me abraça bem apertado. — Bem-vinda.

— Obrigada. Eu também estou feliz por estar aqui — informo o fazendo sorri ainda mais. — Olá, Maíra.

— Seja bem-vinda, Thábata — Maíra fala ao se aproximar de nós. — Você deve estar cansada, não é mesmo?

Ela é uma senhora de cabelos escuros, por causa da tintura e com poucas rugas no rosto.

— Sim, mas quero muito contar sobre o evento.

— Venha, vamos nos sentar — Paulo pede.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maíra avisa que vai pedir para alguém levar a minha mala para o quarto de hóspedes e sai da sala nos deixando mais à vontade. Paulo se senta em sua poltrona creme e eu me sento no sofá ao lado, da mesma cor. Antes que eu possa abrir a boca para dizer alguma coisa, passos na escada perto de nós chamam a nossa atenção e eu olho na direção dela.

Um menino de cabelo escuro e pele branca desce os degraus correndo, vem em direção à sala de estar e para bruscamente quando percebe a minha presença. Ele está usando um pijama do Superman e pantufas de urso.

— Rico, diga olá a nossa visitante — Paulo pede ao menino.

— Olá, visitante.

— Olá, Rico. — Aceno para o menino.

— Rico, está na hora de você dormir. — Ouço a voz do Dante e estremeço.

PERIGOSAS ACHERON

Logo o dono da voz e o pai do lindo menino aparece diante de mim. Apenas sorrio para o Dante, ele acena com a cabeça para mim e coloca as mãos no ombro do filho. Rico tem apenas o cabelo e os olhos do pai, pois de resto não se parecem em nada.

Maíra volta para a sala, avisa que já está servido o jantar e Paulo me convida para acompanhá-lo. Concordo, me levanto do sofá e espero ele sair da sala. Rico avisa ao pai que vai acompanhar o avô, Dante concorda a contragosto e nós ficamos sozinhos.

— Adorei as orquídeas. Obrigada — agradeço ao me lembrar do presente que trouxe comigo.

— Foi apenas um agradecimento pela noite anterior.

— Sabe o que significa a orquídea lilás? — pergunto, de repente, e vejo um pequeno sorriso banhar os seus lábios. — Sabe, e eu gostei de você ter sido direto, mais uma vez.

— Vou lembrar disso numa próxima vez.

A sua frase sai num tom baixo quando já estou longe dele, mas eu ouço e tenho a ousadia de piscar um olho em sua direção. Apresso os meus passos indo à mesa de jantar, me sento ao lado da Maíra e bem de frente onde Dante acabou de se sentar.

Maíra faz questão de servir cada um, menos ao Dante, pois ele nega e eu salivo ao olhar o meu prato. Um delicioso Lomo e Paulo sabe da minha paixão por esse prato. o Lomo é uma carne macia, preparada de maneiras diferentes de acordo com cada região.

Eu particularmente aprecio muito o *Lomo a la Frontera*. É um filé imenso de carne grelhada, servido com batatas fritas, um molho a base de ervilhas e pimentão vermelho e por cima, ovos fritos. É um prato muito saboroso, colorido e muito rico em sabores.

— Fez boa viagem? — Maíra me pergunta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mesmo que tenha sido muito longa, mas dormi quase o voo inteiro. — Solto um pequeno riso ao final da frase e olho para Dante com curiosidade. — Quando você chegou aqui? Não vi você indo embora do jantar beneficente.

— Cheguei há pouco mais de duas horas. Saí do jantar, passei no hotel e fui direto para o aeroporto — Dante responde olhando dentro dos meus olhos.

Eu vejo desejo neles e eu quero o que ele tiver para me oferecer. Segundos, minutos ou horas a fio.

— E como foi o jantar beneficente? — Paulo nos questiona.

— Maravilhoso. Floresça conseguiu um bom dinheiro, quase tudo foi destinado a instituição de Los Angeles e o restante para o caixa da ONG — informo, mas ainda vejo o questionamento no seu olhar. — Dante se saiu muito bem. Respondeu todas as questões com maestria e me ajudou no que foi necessário.

PERIGOSAS ACHERON

— Modéstia da sua parte — Dante murmura.

— Eu fico muito contente com tudo isso e ainda mais com a parceria que temos, Tháby.

— Eu sei e sou muito grata. Estou dando continuidade a criação dos meus avós.

— Eles têm muito orgulho de você.

Sorrio com os olhos levemente marejados e continuo a comer. Dante não come e nem diz uma palavra sequer, mas ajuda o filho a cortar a carne. Uma questão está fixa em minha mente desde quando eu os vi aqui, na casa do doutor Paulo. Dante não se dá muito bem com o pai, então por que está aqui? Será que foi apenas um pretexto para me encontrar e me deixar ainda mais ansiosa de algo que possa acontecer?

Se foi, ele tem boas atitudes, mas espero que cumpra os meus desejos e vontades. Ouço atentamente Paulo contar pela milésima vez como conheceu os meus avós e como começou a ajudá-

los. Uma resumida é bem melhor do que essa história detalhada que ele gosta de contar.

Paulo conheceu os meus avós assim que eles decidiram vir para a Argentina abriu a primeira instituição e sem querer, foram parar no consultório do doutor. Conversaram bastante, contaram os seus projetos e Paulo sugeriu a sociedade. Uma bela sociedade que dura, décadas a fio.

Assim que terminamos o jantar, Maíra e Paulo se despedem de nós indo ao quarto deles, Dante pega o filho no colo e me avisa que vai me levar até o quarto onde eu vou ficar. Subimos devagar a escada, Rico me olha com curiosidade e fico um pouco incomodada.

Chegamos num quarto cheio de super-heróis nas paredes, estante e cama. Dante coloca o filho na cama em formato da nave do Superman e o cobre. Eles trocam palavras em tom baixo, logo Dante dá

PERIGOSAS NACIONAIS

um beijo na cabeça do filho e sai do quarto apagando a luz.

— Posso fazer uma pergunta, Dante?

— Pode, só não garanto que eu vá responder — informa irônico.

— Por que está aqui, sendo que você não se dá bem com o seu pai?

— Esse final de semana foi o do Rico ficar comigo, mas, como eu estava em Los Angeles, ele veio ficar com o meu pai e eu vim para cá por causa dele.

— Ele não se parece muito com você.

— Rico é a cara da mãe. — Ele dá de ombros e paramos diante de uma porta de madeira. — Aqui é o quarto.

— Obrigada — agradeço e olho para a porta rapidamente. — Então... Boa noite.

— Boa noite — ele me deseja. Seguro na maçaneta, a giro devagar e dou um passo para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro do quarto. — Thábata, quer ir dar uma volta amanhã bem cedo, antes de amanhecer?

— Onde? — questiono o observando.

— Só posso dizer que vai ser legal e é longe daqui.

— Eu devo confiar em você? — pergunto descontraída.

— Você deve correr o risco. — Fico surpresa com as suas palavras, ele ri debochando. — Vou matar um pouco a sua curiosidade e vamos andar de barco.

Dante + barco + só nós dois + matar a minha curiosidade = Ótima proposta.

Aceno concordando, entro no quarto e coloco a minha mala em cima da cama. Por sorte, eu coloquei um biquíni na mala quando soube que iria para Las Vegas, mas lá nem tive tempo de dar um pulo em Santa Mônica ou qualquer outro lugar.

PERIGOSAS ACHERON



Um belo iate está à nossa espera assim que chegamos ao píer, sigo Dante pelo extenso barco e descemos uma pequena escada. Entramos diretamente num quarto muito espaçoso, ele coloca as nossas coisas em cima da cama e me avisa que eu posso ficar à vontade enquanto ele sai com o barco.

Em cima de uma pequena mesa embutida na parede, tem uma orquídea vermelha e o meu corpo formiga. Ela significa desejo sexual. Eu o quero e sei claramente que ele me quer ainda mais.

No caminho para cá, não trocamos nenhuma palavra, mas a ansiedade dominava o ambiente e os nossos corpos. Dante sempre apertando o volante, o olhar fixo nas ruas e pensamentos a mil.

Deito-me na cama, estico o meu corpo e tento pensar no que pode acontecer. Eu fiquei bastante

surpresa com o convite do Dante, mas se ele convidou é porque tem um propósito nisso tudo e aquela orquídea já disse boa parte.

Me sento na cama, pego o short dentro da minha bolsa e o visto após retirar o macacão. Esse início de manhã não está fria, está quente de uma forma agradável. Assim que visto o short, decido ficar sem camiseta e saio à procura do Dante.

Encontro-o na cabine, mas decido me sentar na proa para observar a nossa volta. O mar calmo se agita com a velocidade do iate, as ondas batem ao redor fazendo um alto barulho e o vento atinge o meu corpo trazendo um pequeno alívio.

Em poucos minutos ancoramos perto num lugar bem tranquilo, Dante vem em minha direção e se senta ao meu lado. Seu olhar passeia pelo meu corpo sem pressa nenhuma e muito menos disfarçadamente.

— Por que me trouxe aqui?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu gosto de vir aqui, Thábata.

— É um lugar bonito, apesar de estar um pouco escuro.

— Pode ficar tranquila, não irá acontecer nada e as águas são tranquilas.

— Fico mais aliviada ao saber disso — informo e deito de lado de frente para ele. — Me conta o porquê me trouxe aqui.

— Já disse — ele murmura e se deita de frente para mim. — Você é bem curiosa.

— Você é misterioso.

— Eu sou apenas quieto. — Ele dá de ombros. Meu olhar questionador continua em cima dele e o faço bufar. — Pergunta logo.

— Me conta sobre você e o seu pai.

— Ainda não é o momento.

— Tudo bem — concordo num murmúrio. — Você pode ser direto, mas nunca vai deixar de ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

misterioso. Eu estou bem cansada da viagem, mas não quis dispensar esse convite.

— Agradeço por isso.

— Você não está dizendo muito e nem respondendo as minhas perguntas — reclamo.

— Não me dou bem com o meu pai por causa da minha mãe. Ela teve uma depressão profunda, ele não conseguiu ajudá-la e tudo foi virando uma bola de neve.

— Mas eles são separados há alguns anos, não é?

— Sim e eu entendi a decisão da minha mãe.

— Por que ela teve depressão e por que se separou do seu pai?

— Não quero estragar esse início de manhã, vamos deixar isso quieto, é melhor — ele garante e sorri levemente antes de mudar de assunto: — Te trouxe aqui porque queria um tempo sozinho com você.

PERIGOSAS ACHERON

— E?

— E o quê? Vai dizer que você não queria?

— Eu nunca neguei — debocho. — A gente está parecendo casal de filme clichê, apaixonados e prestes a assistir o sol a nascer.

— Isso é paixão? — ele questiona.

— Acho que sim. — Dou de ombros e prendo o meu olhar no horizonte quando o sol começa a nascer. — Não é lindo como o dia ilumina a noite de maneira tão encantadora?

Eu falei isso para mudar um pouco o clima, mas acho que não consegui, pois Dante está olhando fixamente para mim e isso me deixa sem jeito. Ele percebe e olha para o horizonte junto comigo.

— Sim, não existe beleza maior.

Sinto que a sua frase não se relaciona a apenas ao nascer do sol e sim a mim também Viro o meu rosto em sua direção, ele olha para mim e se inclina em minha direção. Enfim, a sua boca toca na minha

PERIGOSAS NACIONAIS

num gesto suave e doce. Abro a minha boca, a sua língua a invade e um beijo doce não existe mais. O que existe nesse momento são duas pessoas com desejos insaciáveis e loucas por um toque mais profundo.

PERIGOSAS ACHERON

Epitafio

Eu não sei explicar porque decidi fazer esse passeio de barco com a Thábata, mas queria muito desde que vi a dedicação dela pela ONG, pois a agitação e nervosismo a dominava a cada segundo. Um descanso lhe faria bem e eu a queria por perto, ainda mais que estivesse a sós comigo, mas não imaginei que a curiosidade seria o tema do nosso dia.

Ela quer saber mais da minha vida e, principalmente, da minha relação com o meu pai, algo que eu não gosto de falar muito para as PERIGOSAS ACHERON

peessoas. Minha mãe era uma mulher muito amorosa e uma mãe maravilhosa, até que caiu em depressão, não sei o porquê e o meu pai não conseguiu ajudá-la.

Mesmo que ele seja um psicólogo conceituado por suas terapias e auxílios para as pessoas que precisam de ajuda, quem ele precisava ajudar e se dedicar de corpo e alma, não conseguiu. Minha mãe viveu dentro do seu quarto por quase dois anos, até que o meu pai decidiu interná-la.

Após três anos, eu voltei a vê-la e ela estava muito diferente. Já não era aquela mulher que eu conhecia e muito menos a mãe que sempre foi. Ela decidiu se separar do meu pai assim que voltou para casa e foi embora. Claro que desde então eu culpo o meu pai por ele ter sido o culpado por tudo aquilo que aconteceu com a minha mãe.

— Dante... — Thábata estala os dedos em frente do meu olhar e afasto esse pensamento ruim. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Está muito gostoso esse café da manhã.

— Eu pedi para a governanta da casa do meu pai preparar tudo hoje bem cedo.

— Estou gostando muito desse passeio.

— Fico feliz em saber disso — informo e dou um beijo suave em seus lábios. — Gosto muito de vir para cá, é calmo e traz paz.

— Por que você...

— Para de fazer perguntas e curte o agora — peço com deboche.

— Eu sou curiosa. — Ela dá de ombros.

Um pouco mais cedo vimos o nascer do sol, ou melhor, vimos apenas um pequeno trecho, pois acabei a beijando. Enfim, a beijei, pois estava com vontade de fazer aquilo desde que a vi toda aflita chegando em frente ao evento, ela estava assim porque tinham adiado o evento que foi muito importante. O seu olhar curioso encontra o meu neutro e eu suspiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pergunta logo, então.

— Por que você é tão fechado para contar mais de si? Se abrir faz bem e faz as pessoas te conhecerem melhor.

— Eu não gosto que todos saibam da minha vida, prefiro deixá-los no escuro.

— Inclusive eu — ela debocha.

O receio bate em cheio contra o meu peito e me afasto levemente da Thábata. Estou muito a fim dela, não sei explicar por que isso aconteceu tão rapidamente, mas sei que não vou querer largar dela tão cedo. É uma mulher linda, muito bem-educada e conquistadora. O receio que tomou conta de mim é por causa dessa aproximação tão repentina e por eu não contar o que ela quer saber de mim, talvez isso a faça se afastar e não quero.

— Eu não me dou muito bem com o meu pai, pois a minha mãe precisou de ajuda e ele não foi capaz de ajudá-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi grave?

— Isso eu não sei te explicar, mas desde que ela se afastou de nós, depois que ela melhorou, eu culpo o meu pai pela transformação que aconteceu nela.

— E o seu filho?

— O que é que tem? — questiono.

— Vocês se dão bem?

— Sim, ele é um menino incrível e adoro ficar com ele, mesmo que sejam poucas vezes.

— Ele me olhou com curiosidade a noite passada...

— Talvez eu tenha comentado que uma linda mulher tenha mexido comigo. — Dou de ombros.

Percebo a surpresa estampada em sua face e me aproximo mais dela. Passo um dos meus braços pelo seu pescoço, ela cruza os braços embaixo dos seios e arqueia uma sobrancelha.

— Conte-me mais sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que eu estou a fim de você? Acho que está bem na cara essa informação — informo acariciando a sua bochecha. — Te mandei orquídea, te trouxe num passeio de barco e contei de você para o meu filho.

— Seria paixão? — ela questiona baixinho, como se perguntasse para ela mesma.

— Chame do que quiser. — Dou de ombros. — Se for paixão, que mal tem?!

Quando Thábata vai responder, o celular dela começa a tocar em cima da mesa, onde o café está posto e o nome “Michael” brilha no visor. Eu vi os olhares dele para a Thábata durante o evento, ele talvez a queira assim como eu, mas não devo me preocupar com isso e sim curtir esse momento com ela.

Somos diferentes, moramos em lugares diferentes e isso não vai ser nenhum impedimento,

PERIGOSAS ACHERON

pelo menos, não para mim. Não sei quando ela irá embora, mas já tenho uma boa proposta para fazer.

— Depois eu tenho que pedir para a Carol falar com o Michael, ele quer ajudar a ONG.

— Que tal parar de falar de trabalho, amigos e tudo mais? Vamos focar no agora, nisso entre a gente.

— Você está certo.

Pego-a no colo, a jogo no meu ombro antes de sair correndo para pular no mar. Eu estou com um short de pano, ela com um biquíni preto e temos que aproveitar esse lindo lugar enquanto estamos aqui. Daqui a pouco já temos que ir embora, pois vou levar o Rico para a casa da mãe dele, assim que ele chegar da escola.

Thábata me olha incrédula quando volta para a superfície, nado em sua direção e volto a tomar a sua boca para mim. O que é isso entre a gente? Não sei, mas posso afirmar que é uma coisa muito boa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela passa os braços pelo meu pescoço, as pernas pela minha cintura e faz jus ao que eu pedi há pouco: focar no agora, na gente.



Rico está terminando de guardar as coisas em sua mochila enquanto eu o espero para levá-lo embora. Thábata foi para o seu quarto assim que voltamos do nosso passeio, não a incomodei e a deixei bem à vontade. E por falar nisso, a minha vontade é ir para o meu apartamento com ela, mas sei que ela vai querer ficar aqui por causa do meu pai.

Ele nos viu chegar juntos, cumprimentou Thábata e apenas olhou para mim. Se eu estou tendo algo com ela e se durar, nada vai atrapalhar a sociedade dele com a ONG. Aliás, independente de qualquer decisão nossa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pai, você está namorando aquela moça? — Rico me questiona, timidamente.

— Não. Estamos apenas próximos.

— O que significa próximos entre um casal, que não é casal?

— Estamos nos conhecendo — corrijo-me. — Você tem algo contra ou a dizer sobre isso?

— Não, eu acho.

— Se tiver, me diga e nós vamos conversar — informo bagunçando o seu cabelo.

— Desculpa atrapalhar... — Ouço a voz da Tháby e olho para a porta. — Posso conversar com você?

— Claro — afirmo. — Rico, termina de arrumar as suas coisas.

Saio do quarto seguindo a Thábata, andamos para longe do quarto e paramos perto da escada. Seu cabelo cacheado está no mesmo penteado de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre, seu rosto natural, sem maquiagem nenhuma e uma roupa casual em seu corpo.

— O seu pai me perguntou da gente — ela informa me fazendo franzi o cenho. — Eu disse a verdade.

— Tudo bem — concordo. — Independente das nossas escolhas, nada irá atrapalhar a sociedade.

— Eu sei disso, bem mais que você. — Seu tom é irônico.

— Você tem a boca atrevida.

Thábata ri, eu seguro em sua nuca e selo os nossos lábios, de uma forma suave.

— Dante... — A voz feminina, muito conhecida por mim, chama a minha atenção. — Me desculpa atrapalhar, mas eu vim buscar o Rico.

Afasto-me da Tháby e olho diretamente para Lorena, parada no *hall* da casa. Ela acena para nós e abre os braços quando o nosso filho desce as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escadas correndo. Eles se abraçam e eu continuo apenas observando a proximidade deles.

Conheci a Lorena na faculdade, tivemos um relacionamento entre idas e vindas, até que terminamos de uma vez por todas e alguns dias depois, ela me contou da gravidez. Não voltamos por causa disso, pois já não gostávamos um do outro, mas temos uma boa relação por causa do nosso filho. Ela seguiu a sua vida e estou seguindo a minha. Entrelaço a minha mão na da Thábata, descemos a escada em sincronia.

— Lorena, essa é a Thábata e vice-versa — apresento-as.

— Prazer te conhecer, Lorena — Tháby fala.

— Prazer. — Lorena sorri e olha para mim. — É bom ver que você está com uma pessoa.

— Meu pai disse que eles não namoram — Rico informa a sua mãe.

PERIGOSAS ACHERON

— E o seu pai está certo — Thábata afirma e olha para mim. — Estamos nos conhecendo.

— Nos conhecendo — afirmo.

Talvez seja o momento de eu fazer a proposta que está em minha mente desde ontem, espero que ela aceite, mesmo que seja muito cedo. Rico se despede de mim me abraçando, acena para a Tháby e sai de casa. Lorena se despede de nós, vai atrás do nosso filho e eu olho para a mulher ao meu lado.

— O que foi? — ela questiona.

— Tenho uma proposta para você.

— Qual?

— Eu sei que é recente esse caso entre a gente, mas quero que isso dure mais que uma noite e um dia. Não vou te propor namoro, eu vou propor que a gente passe um mês juntos, depois decidimos o que vamos fazer.

Thábata dá um passo para trás assim que ouve a minha proposta, abraça o seu próprio corpo e

PERIGOSAS ACHERON

meneia a cabeça para os lados.

— Eu esperava qualquer coisa, ou melhor, esperava a mesma proposta que aquela orquídea vermelha expressou, mas não esperava por isso.

— E isso quer dizer o quê? — questiono tentando me manter tranquilo.

— Um mês? — ela questiona me fazendo assentir. — Fechado.

Thábata estica a mão para mim, eu a seguro e puxo o seu corpo de encontro ao meu. Seguro em sua nuca, roço os meus lábios nos seus e olho diretamente em seus olhos. Os próximos trinta dias será uma consequência de qualquer escolha do que viemos escolher e eu estou disposto a qualquer consequência.

fim

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Biografia

AMANDA MAIA

Amanda Maia nasceu em 1996, na cidade de Alfenas, Minas Gerais.

Sempre foi uma leitora ávida, sonhando em levar para o mundo suas histórias de romance, mostrando o que a literatura tem de melhor para oferecer. Manteve este sonho em sigilo até que *Our Fall* viesse para lhe fazer degustar do mais

instigante sentimento e pretende escrever muitos outros livros, distribuindo sua paixão pela escrita.

Uma romântica incurável que está vivendo um sonho desde que conseguiu escrever seu primeiro livro, conquistando vários leitores pelo caminho.

FANPAGE:

[Autora Amanda Maia](#)

GRUPO NO FACEBOOK:

[Romances Amanda Maia](#)

INSTAGRAM:

[@amandamaiawriter](#)

TWITTER:

[@amandamaiag](#)

E-MAIL:

autoraamandamaia@gmail.com

ALESSA ABLLE

Desde criança Alessa soube que queria deixar um pedacinho dela no mundo e sempre muito sonhadora, pensou em ser várias coisas, até astronauta. Desde muito nova fez aulas de balé, dança e teatro. Aos 19 anos entrou na escola de teatro que sempre sonhou — O Tablado —, se formou, mas no meio do caminho sofreu uma forte depressão. Depois de muito lutar contra seus próprios demônios se achou em seus livros. Suas histórias que carrega muito dela e dos seus pensamentos. Seu xodó é a Trilogia Profundamente, mas ama todas as suas histórias com o mesmo empenho e alegria para criá-los.

Apesar de sua dislexia, ela não desistiu de escrever, superando todos os obstáculos.

Seu lançamento na Amazon foi ENSINA-ME O PRAZER, que ficou no ranking e permaneceu no top 5 por um mês e teve mais de 3 milhões de leitura online. Alessa começou na plataforma Wattpad em 2015 com PROFUNDAMENTE APAIXONADO.

Para ficar por dentro dos novos projetos, concorrer a brindes, interagir e conhecer mais a autora, entre nas suas redes sociais:

WATTPAD:

[Alessa Abille](#)

GRUPO NO FACEBOOK:

[Alessa Abille Livros](#)

INSTAGRAM:

[@alessaablle](#)

GISLAINE SOUZA

Gislaine Alessandra de Souza nasceu em 1998 e mora em Guarulhos - São Paulo. Começou a escrever quando tinha dezesseis anos e daí em diante nunca mais parou. Além de seguir a carreira como autora, ela também quer ser psicóloga. Ela é formada em Designer Gráfico e amante do cinema, além de viver mergulhada nos livros dia a dia. Seu primeiro livro publicado em físico foi de forma independente e já tem outros livros lançados na amazon. Também tem contos nas antologias "Contos e Encontros do Coração", "Amores Natalinos" e "Amores, Acasos e Afins"

WATTPAD:

PERIGOSAS NACIONAIS

[@gislainealessandra31](#)

INSTAGRAM:

[@autoragislainesouza/](#)

PERIGOSAS ACHERON